



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**  
**UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**

---

**MAGNO PINHEIRO DE ALMEIDA**

**LÍNGUA DE SINAIS X LIBRAS: UMA ABORDAGEM DA  
HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA**

---

Campo Grande/MS  
2014

**MAGNO PINHEIRO DE ALMEIDA**

**Língua de Sinais x Libras: Uma abordagem da historiografia  
linguística**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: Língua e Literatura

Orientador: Prof. Dr. Miguel Eugênio Almeida

Campo Grande/MS  
2014

A449L Almeida, Magno Pinheiro de

Língua de sinais x língua brasileira de sinais: uma abordagem da historiografia linguística / Magno Pinheiro de Almeida. Campo Grande,MS [s.n.], 2013.

137p.; 30cm.

Orientador: Prof. Dr. Miguel Eugênio Almeida.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, 2013.

1.Historiografia linguística. 2. História da libras e dos surdos. 3. Aspectos cultural, identidade e legais. 4. Adequação da libras século XIX e XXI I.Título.

CDD 20.ed.371.912

## **MAGNO PINHEIRO DE ALMEIDA**

### **Língua de sinais x Libras: Uma abordagem da historiografia linguística**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Câmpus de Campo Grande, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: Língua e Literatura

#### **COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Miguel Eugênio Almeida (Presidente)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Carina Elisabeth Maciel  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS

---

Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes - Suplente  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

---

Campo Grande/MS, 24 de Janeiro de 2014.

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, em primeiro lugar, a Deus, por ter me dado forças e ter me deixado vivo para vivenciar as lutas conquistadas e pelas etapas vencidas e que ainda venham para vencer;

À minha família, em especial a minha mãe, que compartilhou vários momentos e em um processo delicado da vida dela, uma cirurgia de risco, me deu forças para fazer a seleção do mestrado e é participante ativa de todo processo de vida que me motivou e permitiu construir a minha história; o que sou devo a ela, mulher guerreira, lutadora e detentora de saberes incomparáveis;

A Pietro Raphael Alves Pinheiro, meu filho, por estar e se fazer presente na minha vida, por quem faço e corro atrás dos meus sonhos, e a minha esposa Karen Keli Alves Franco Pinheiro, pela paciência nos momentos de ausência e por estar presente em várias etapas da minha vida, e em todo momento por me incentivar com palavras de carinho e ânimo: amo-os e dedico-lhes essa vitória;

A Antonio Inácio de Almeida, pai, Valdecir Soares, avó, João de Almeida, tio, Gilda de Oliveira, tia, e Maria Júlia, tia, a meu pai e minha avó por me acompanharem em viagens feitas a Campo Grande e a meus tios por cederem suas casas;

Aos Amigos Rogério Ramires, Rozenir Velasques, Alexandre Zamboti, Thiago Flores, Massao Sakachita, Gabriel Nantes, por se fazerem presentes no momento de matrícula e viagens a Campo Grande, após um acidente gravíssimo sofrido por mim na BR 262, pela paciência e dedicação em deixarem seus afazeres para que eu pudesse tirar meu título de Mestre.

A meus amigos virtuais Rafael Silva, Mário Júnior, Bruna Cristina, Patrick Cordeiro, Adriano da Silva Lopes e Eudália pela boa vontade e disposição em auxiliar na obtenção de diversas informações e das pessoas que curtiram e comentaram todas as minhas postagens.

A Ney Cosme Azambuja, Ney Damião, Miguel Ângelo, amigos e irmãos, camaradas que me deram forças e por me ouvirem quando estava difícil a caminhada.

Aos professores(as) Mariuza Aparecida Camillo Guimarães, Ronice Muller Quadros, Ana Regina Campello, Marta Costa Beck, Nosimar Ferreira dos Santos, Ana Paula Faustino Tieti Mendes, José Alonso Tôrres Freire, Sara Rúbia da Silva Leão Balbuena, Nataniel dos Santos Gomes e Miguel Eugenio de Almeida (orientador), que com seus conhecimentos possibilitaram

meu crescimento como pesquisador. Agradeço-os por me inspirarem, valorizarem e encorajarem a seguir as minhas ideias dentro dos princípios, da verdadeira inclusão e dando oportunidade de mostrar meu trabalho;

A meu filho da Tailândia que ficou na minha casa por um tempo Will Chokpinyo Rattanamastip, por me apoiar e me acompanhar nas viagens até Campo Grande para as aulas e orientações, te amo meu filho, saudades de ti;

A amiga Cândida Alves da Cunha, por me auxiliar na tradução do resumo em inglês, meu muito obrigado;

Não posso esquecer grandes amizades que fiz durante as aulas do mestrado. Agradeço imensamente as pessoas especiais que levarei para sempre na memória, Marta Luzi, Soraia Pereira, João Pereira, Márcia Franco, Melly Sena, Mário Marcio e Hiroco Luiza, não me esquecerei das risadas e dos momentos de tensão;

A Professora Doutora da UFMS, Carina Elisabeth Maciel, por aceitar a participar da banca de defesa da minha dissertação;

A Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, através do Programa de Pós Graduação em Letras, nível de Mestrado, pela oportunidade de mostrar meu projeto e executá-lo, trazendo uma nova visão a LIBRAS, aos surdos, pois sem eles não teria sucesso nessa pesquisa.

E por fim, em especial, à minha prima Livia Aparecida Pinheiro Bastos, minha grande inspiradora nesse processo, chave importante em todo percurso da minha vida. Deus nos presenteou com um ser especial, e devido à existência dela, hoje LIBRAS é minha profissão, minha vida. Sem ela nosso mundo seria vazio.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
<b>1. HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA.....</b>	<b>13</b>
1.1. Princípios da historiografia linguística aplicadas à historiografia da Libras e uma breve visão da historiografia da Língua Portuguesa.....	15
1.2. A historiografia da educação dos surdos no mundo e a proporção da Libras no Brasil.....	19
1.3. A historiografia e o processo cultural da Libras.....	21
1.4. A Historiografia da Língua Brasileira de Sinais: aspectos legais.....	25
1.5. Libras e Língua Portuguesa.....	27
<b>2. HISTÓRIA DA LÍNGUA DE SINAIS NO MUNDO E DA LIBRAS.....</b>	<b>32</b>
2.1. História da língua de sinais por meio da educação surda no mundo.....	32
2.1.1. Oralismo.....	34
2.1.2. Comunicação Total.....	35
2.1.3. Bilinguismo.....	36
2.2. História da Libras no Brasil.....	38
2.3. Características de Libras: processo fonológico.....	40
2.4. Transcrições de Libras.....	41
2.5. Aspectos morfológicos da Libras.....	43
2.5.1. Espaço de realização dos sinais na Libras.....	46
2.6. Tópicos Linguísticos Libras: Sintaxe: conceito geral.....	48
2.6.1. Libras: forma gramatical.....	49
2.6.1.1. Formas afirmativas, Interrogativa e Afirmativa.....	50
2.7. Sintaxe espacial: ordem básica da frase.....	52
2.7.1. Construção com SVO.....	54
2.7.2. Construção da ordem (S)V(O), possibilita omitir-se tanto o sujeito quanto o objeto.....	54
2.7.3. Construção com SOV.....	55
<b>3. DESCRIÇÃO DA LIBRAS DO SÉCULO XIX E XXI.....</b>	<b>56</b>
3.1. Libras: passado e presente.....	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	80
ANEXO 1: Dicionário Iconographia dos Signaes.....	88

<b>ANEXO 2: Parte do livro de Juan Pablo Bonet.....</b>	<b>127</b>
<b>ANEXO 3: Dicionário Linguagem das Mãos.....</b>	<b>128</b>



## RESUMO

A presente pesquisa relaciona a Historiografia Linguística e a sua aplicabilidade para a Historiografia da Libras e as ocorrências entre o Século XIX e do Século XXI. A educação dos surdos tem relação aos fundamentos filosóficos, históricos e sociológicos, que focam o princípio da contextualização (KOERNER, 1996). Mostrar-se-ão os aspectos cultural, legal da Libras, ou seja, história cultural, identidade surda, legislação, Libras – Língua Brasileira de Sinais como L1, a Língua Portuguesa como L2 para os surdos. Buscar quais foram os impactos envolvendo a Libras e a história da época. Resgatar a descrição da Libras do século XIX retirado do dicionário de *Icobographia de Signaes* de Flausino José da Gama ao século XXI do Dicionário Eletrônico da Língua Brasileira de Sinais, através dos marcadores manuais (configuração de mãos, ponto de articulação e movimento), assim, sua adequação e imanência. Com base nesse estudo bibliográfico observa-se que a Libras, como outras línguas está em constante transformação, até chegar-se na medida para expansão que caracterize o povo surdo como povo com cultura e língua própria, que luta por objetivos e ideais e que vai evoluindo através da história e das comunidades surdas. Hoje a referida língua possui elementos identificáveis que é considerada como Língua oficial da comunidade surda do Brasil – a Libras.

Palavras-chaves: Historiografia Linguística; História da Libras e dos Surdos; Aspectos cultural, identidade e legais; Adequação da Libras Século XIX e XXI.

## ABSTRACT

This research seeks to relate Linguistic Historiography and its applicability to the Historiography of signs language and occurrences between the nineteenth and twenty-first century. Therefore, deaf education is related to the philosophical, historical and sociological foundations that focus on the principle of contextualization (Koerner, 1996). The cultural aspects will show themselves, Signs Languages, ie, cultural history, deaf identity, law, Libras - Brazilian Sign Language as L1, Portuguese language as L2 for the deaf. Search for what were the impacts involving Signs Languages and history of that age. Redeem the description of Libras from the nineteenth century removed from de Icobographia of Signaes dictionary by Flausino José da Gama to the XXI Century Electronic Dictionary of Brazilian Sign Language, through manual markers (setting hands, point of articulation and movement), thus its adequacy and immanence. Based on this study it is observed that the Signs Languages, as other languages are in constant change, until it comes to expanding the extent that features deaf people with their own language and culture, but struggling for their goals and ideals and that keep developing through history and deaf communities. Today that language has identifiable elements that is considered an official language of the deaf community in Brazil – Signs Languages.

Keywords: Linguistic Historiography, History of signs language and the Deaf people, cultural aspects, identity and legal; Adequacy of Sign Languages XIX and XXI Centuries.

## INTRODUÇÃO

O objetivo desse trabalho é traçar o processo da historiografia Linguística bem como a sua aplicabilidade na Língua Brasileira de Sinais, perpassando pela história da Libras e sua adequação com a Libras do século XIX ao século XXI, descrever a aproximação e o distanciamento ao longo do tempo da Língua Brasileira de Sinais.

Para pesquisar “Língua de Sinais x Libras: Uma abordagem da historiografia linguística” foi necessária saber como se deu a História da Língua Portuguesa e os principais indivíduos nesse processo, e então apresentar a História da Libras, pois é necessário entender que a mesma possui uma diferenciação cultural e sua própria comunidade.

Ao longo da História, a Libras tem sido vista e conceituada de diferentes maneiras. Da Antiguidade aos tempos atuais, a concepção “Libras” vem sofrendo alterações e constantes revisões, devido ser identificada como Língua Materna dos surdos. A surdez é inerente à história do homem, mas desde o principio os surdos eram discriminados. Apenas no início da Idade Moderna é que começaram a ser desenvolvidos métodos de ensino específicos para os surdos.

A partir da Idade Moderna, começaram a surgir os primeiros núcleos de ensino para os surdos. Além disso, outros grupos passaram a ser beneficiadas com o modelo de ensino desenvolvido na época. E assim, começou um longo trabalho de busca e aperfeiçoamento de métodos para facilitar o aprendizado dos surdos.

Os surdos são a minoria linguística enquanto tem-se uma maioria linguística, os ouvintes. O português é a língua que os portugueses, os brasileiros, muitos africanos e alguns asiáticos, reconhecem como língua nacional e utilizam como instrumento de comunicação, então, falada por essa maioria linguística. Já aqui no Brasil a Libras é a língua oficial dos surdos, ou seja, língua materna, regulamentada pela Lei 10.436/2002 e pelo Decreto 5626/2005.

Mas, o porquê estudar Libras? Como surgiu esse gosto? Para responder esses questionamentos registra-se aqui à história do interesse do autor desta pesquisa pelo título da dissertação, ouvinte e admirador da Libras, com dois primos surdos e um agregado. Quando ainda criança, era apegado a uma prima que nasceu surda, devido ao fato de que, em sua gestação, a mãe foi contaminada pela rubéola. Ela, fonte de inspiração e a tia, de incentivo ao desenrolar desta pesquisa.

A Língua Brasileira de Sinais - Libras - tornou-se a profissão deste pesquisador e Livia é o nome desta inspiração. Com o tempo, soube-se que havia outro primo surdo, pelo lado paterno, mas com o Paulo não tinha muito contato, apenas encontrava forças para prosseguir quando estivesse em reunião familiar, o agregado é o primo de uma prima, por nome de Heber, com quem houve mais contato.

Como observado, a fonte de inspiração e de interesse pelo tema partiu desta prima. Aos treze anos de idade, ocorreu o primeiro contato deste pesquisador com curso de Libras e treinava com a Livia, com ela desenvolvendo e tomando conhecimento da estrutura linguística da Libras, bem como suas transformações internas. Em um processo diacrônico, acompanhava esta prima em todas as atividades escolares, sala de recurso, e ali observava todos os movimentos e os processos para educação dos surdos.

Foi um momento de dificuldade, pois na época, já em meados dos anos 90, ainda as escolas ensinavam os surdos com o método oralista, mesmo após a queda deste processo. Com o tempo, Libras foi tomando forças e os profissionais buscavam maneiras de ensiná-los dentro do processo bilíngue. Os profissionais começaram a olhar a educação dos surdos com outros olhos e perceberam que com a Libras, os mesmos começaram a se desenvolver intelectualmente.

Ressalta-se aqui, apesar da Língua de Sinais hoje ser reconhecida, sabe-se que ainda há muito por fazer, pois há poucos pesquisadores e poucas pessoas que estudaram sobre os temas relevantes aqui propostos.

A obra que inspirou para a realização dessa pesquisa foi a da Heloíse Gripp Diniz com o título A história da Língua de Sinais Brasileira (Libras): Um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais, dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina - CCE/UFSC. Salienta-se ainda a importância de termos mais pesquisadores na área e que os profissionais apaixonados por Libras comecem a se debruçar sobre os livros em busca de deixarem suas marcas em relação a Libras no Brasil.

Justifica-se esta pesquisa discutindo acerca da inclusão dos surdos no Brasil, pois foi um desafio e ainda continua sendo, a grande maioria vive num contexto de segregação social. Já o Português dispõe de um vasto território, em vários continentes e não se restringe a uma única comunidade, por isso, apresenta grande diversidade interna nas regiões e com os grupos que a usam.

Buscaram-se elementos referentes à Historiografia da Língua Portuguesa, idioma de cultura que vem ampliando seus domínios como língua oficial, nacional e materna. Ocupando

o quinto lugar entre as línguas mais faladas do planeta, o português destaca-se por sua importância política e cultural, com presença nos cinco continentes da terra, conforme teóricos que produziram acerca da Historiografia da Língua Portuguesa, PUC-SP/ Pós-Graduação em Língua Portuguesa; linha de pesquisa: História e Descrição da Língua Portuguesa, como: Nascimento (2005), Bastos (2004) e Nogueira (2005), e pesquisadores que fazem interface com a temática da Língua Portuguesa como: Koener, (1996); Teyssier, (2001); Coutinho, (1976) e Almeida, (2011). São pesquisadores da Língua Brasileira de Sinais Quadros, (2006); Almeida e Almeida, (2012); Guimarães e Almeida, (2012); Strobel, (2011) e Perlin, (2011).

Portanto, Libras é uma sigla usada no Brasil para comunidade surda. Procurou-se relacionar a historiografia na Língua de Sinais e os acontecimentos no mundo em relação à Língua para entendermos o surgimento e a oficialização da Língua Brasileira de Sinais (Libras) aqui no Brasil, não foi fácil realizar esse trabalho, pois há poucas publicações na área, o que requereu esforço e determinação para conseguir realizar e concluir com êxito e, principalmente poder contribuir com mais uma pesquisa envolvendo este tema para trabalhos futuros.

## 1. HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA

Neste capítulo será desenvolvida a Historiografia Linguística. Assim, entender a aplicabilidade na Historiografia na Libras abordará uma breve visão da Historiografia da Língua Portuguesa e tem como principais autores Koerner (1996) e Bastos (2004).

Inicia-se essa unidade com uma breve explicação da Historiografia Linguística para entender como foi feita a Historiografia Linguística (HL) da Libras. A Historiografia teve como berço o continente europeu, mais precisamente a França, juntamente com a História, e passou por um grande “processo de adaptação” nas narrativas dos fatos ou acontecimentos históricos.

Nesta visão temos o conceito de Bastos e Palmas (2004):

O nascimento de Historiografia deu-se na França. Estreitamente vinculada à História, que é uma ciência, a Historiografia passou por uma adaptação aos paradigmas que nortearam os estudos históricos. Ora, se a História resumia-se à narrativa oral dos acontecimentos sem problematizá-los ou questioná-los, desde os tempos de Heródoto[...] (BASTOS; PALMAS, 2004, p. 15)

Principalmente o que era considerado ciência objetivava as ações realizadas pelo homem, ou seja, o que era relatado eram os fatos praticados pelas ações humanas. Os principais temas abordados na historiografia linguística são os decorrentes das narrativas dos grandes heróis.

Com o passar do tempo, houve a necessidade da ruptura desse “paradigma” no campo historiográfico. Neste sentido, os argumentos de Odália apud BURKE (1989, p.7) – (...) impõe-se a necessidade de ir buscar junto a outras ciências do homem os conceitos e instrumentos que permitiram ao historiador ampliar sua visão de homem.

Sob essa concepção da Historiografia Linguística, as pesquisadoras da Historiografia Linguística da Língua Portuguesa Bastos e Vesaro afirma:

É de grande importância que a “Escola Annales”, a qual pertenciam os dois historiadores supracitados foi, na verdade, a responsável pelo estabelecimento desse novo paradigma. Vem do século XVIII essa busca por uma nova abordagem da ciência histórica, em não só se encontra nos se concentrar nos acontecimentos políticos, mas também, nos sociais nos psicológicos e até mesmo nos linguísticos.[...] (BASTOS; VESARO, 2004, p.16)

Este movimento que surgiu por meio dos idealizadores Lucien Febvre e Marc Bloch, fundadores da Revista Annales, trouxeram, sem dúvida, um novo conceito de Historiografia, fazendo uma ruptura e o surgimento de um novo paradigma. Mudaram o foco da história que só admirava os grandes heróis e os grandes feitos, ou ainda, esclareceu-nos, segundo essas pesquisadoras:

[...]Essa mudança de paradigma caracterizou-se como a “revolução francesa da Historiografia”, uma vez que impôs uma visão de registro histórico. Do grupo que defendia essa abordagem “holística” de História, fazia parte também o linguística Antoine Meillet que, aluno de Saussure, em Paris, e depois seu amigo pessoal em Genebra, tinha um interesse particular nos aspectos sociais da língua, principalmente como instituição social, destituindo-a do caráter meramente sistemático apresentado na obra de saussureana compilada pelos discípulos da linguística no início do século XX. Esse esboço de um novo conceito de língua instaura-se como reflexo dessa na perspectiva histórica. (BASTOS; PALMA, 2004, p. 16)

Dessa forma, estes colaboradores desta nova concepção defenderam uma história que não se preocupavam com os grandes feitos, mas com os acontecimentos que se aproximavam do povo.

Koerner (1996, p. 56-57) afirma que de fato, em última análise, os historiadores da ciência linguística terão de desenvolver seu próprio quadro de trabalho, tanto o metodológico, quanto o filosófico. Para isto, um conhecimento meticuloso de teoria e da prática em outros campos revelam-se verdadeiramente muito úteis, mesmo se o resultado for negativo, isto é, se o historiador da linguística descobrir que este ou aquele campo de investigação histórica tem de fato pouco a oferecer em matéria de método historiográfico.

Enfim, por mais que ainda haja um método historiográfico definido, a tarefa do historiador é de ultrapassar seus próprios limites para a história da linguística. Ainda afirmam De Clerq & Swiggers (1991) que ao historiador cabe a tarefa de transcender as histórias da linguística, para escrever uma história da linguística baseada na prática, nas reflexões e nas situações linguísticas. Seguindo esse pressuposto surge a ideia de trabalhar no próximo tópico a Historiografia da Libras, baseado nos princípios da historiografia linguística.

### **1.1. Princípios da historiografia linguística aplicadas à historiografia da Libras e uma breve visão da historiografia da Língua Portuguesa**

Na concepção de Santos (2009, p.18), a língua brasileira de sinais é uma forma de comunicação natural das comunidades surdas. Ela não é simplesmente mímicas e gestos soltos, utilizados pelos surdos para facilitar a expressão. É uma língua com estrutura gramatical própria, já que possui níveis linguísticos: fonológico, morfológico, sintático e semântico.

Na busca de mais subsídios sobre a Libras focou-se a pesquisa de Pereira (2008, p.22), pois, segundo a mesma:

A Língua de Sinais é uma língua de modalidade gestual-visual porque utiliza, como meio de comunicação movimentos gestuais e expressões faciais que são percebidos pela visão. Portanto, ela é diferenciada da Língua Portuguesa de ouvintes que é uma língua oral- auditiva, porque na Língua Portuguesa utilizamos sons que são emitidos pela voz, que para um surdo é impossível de se perceber Nas Orientações Curriculares: A Língua Brasileira de Sinais tem, para as pessoas surdas, a mesma função que a Língua Portuguesa na modalidade oral tem para as ouvintes e é ela, portanto, que vai possibilitar às crianças surdas atingirem os objetivos propostos pela escola, incluindo o aprendizado da Língua Portuguesa na modalidade escrita.(PEREIRA, 2008, p.22)

O princípio da Historiografia Linguística (HL) está ligado à concepção de historiografia, que surgiu na França e é estreitamente ligada a história, a qual, por sua vez ,é



uma ciência. Então, se a história é voltada para narrativa oral dos acontecimentos, a historiografia tem a função de registrar por escrito os acontecimentos sem problematizá-los ou questioná-los. Com as Línguas de Sinais e da Libras no Brasil, na visão da Historiografia, tendo em vista que cada país possui sua própria língua de sinais cujo objetivo era produzir um novo tipo de conceito historiográfico, segundo Koerner (1996, p.45), quando diz da necessidade de entendermos a Historiografia Linguística como “modo de escrever a história do estudo da linguagem baseado em princípios científicos” e não mais como antes se faziam, apenas registravam a história como pesquisa linguística.

Koerner (1996) ainda esclarece que não devemos mais verificar a história meramente como registro, e, sim, como um novo olhar, ou seja, resgatar também a história linguística. A historiografia explica as razões da mudança de orientação e de ênfase e a possível descontinuidade que delas se pode observar, pois sua prática requer, ainda, capacidade de síntese para poder retirar dos fatos empíricos coligidos a partir de fontes primárias o que for essencial, trazendo essas descobertas empíricas para a perspectiva correta para interpretá-las e oferecer uma explicação adequada dos fatos.

Neste sentido afirma Koerner (1996, p.62) que:

Esta tendência penetrou no escrever a historia da linguística, ainda que seja de se esperar que um historiador encontre mais exemplos de evolução e continuidade de que de revolução e descontinuidade de idéias através dos séculos, portanto por mudanças de ênfase, incluindo movimentos de pêndulos, às vezes causados pelo afluxo de fatores extralinguísticos, tais como avanços em tecnologia, mas também acontecimentos sócio-políticos. (KOERNER, 1996, p.62)

Para fazer a historiografia linguística da Libras, faz-se necessário levar em consideração todos os aspectos das mudanças ocorridas no processo histórico interno da língua. Portanto, os sinais mudaram, ou seja, foram criados parâmetros – configuração de mão, ponto de articulação e movimento para ter referencias do que irá sinalizar e toda essa mudança devemos ao processo histórico, desde o Congresso de Milão de 1880<sup>1</sup> até que a língua de sinais fossem aceita e reconhecida como língua oficial de um determinado país.

Com essa visão, Nascimento (2005, p.4a) afirma que:

---

<sup>1</sup> Realizou-se Congresso Internacional de Surdo-Mudez, em Milão – Itália, onde o método oral foi votado o mais adequado a ser adotado pelas escolas de surdos e a língua de sinais foi proibida oficialmente. Ler mais: <http://cinararklibras.webnode.com.br/news/historia%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20de%20surdos/>.

Decorre disso que as mudanças na língua estão correlacionadas às que ocorrem no contexto sócio-histórico e isso demanda que consideremos, na abordagem historiográfica, seu caráter individual e social. Ora, as mudanças lingüísticas se expressam em fatos reais. Acontece, por conta disso, que os usuários da língua manifestam todos os seus sentimentos lingüisticamente. Em geral, não objetivam alterar a língua, mas colocá-la em uso efetivo; razão por que a língua muda no uso, o que a leva à inovação e à mudança.[...] (NASCIMENTO, 2005, p.4a)

Cada país tem a sua própria língua gestual, aqui no Brasil temos a Língua Brasileira de Sinais a “Libras”, essa língua vem para apoiar a perspectiva da implementação da Educação Especial, focada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Koerner (1996, p.46) afirma que, *“A história da lingüística campo de estudo que trata da descrição do desenvolvimento da ciência da linguagem desde o início até os desenvolvimentos atuais obteve, que parece, fama merecida em anos recentes.”*

Assim como afirma Bastos (2004, p.6) que:

Assim, a historiografia não pode ser vista como uma simples "crônica", ou seja, listas de datas, nomes, títulos e eventos ligados às línguas e à linguagem. A atividade historiográfica requer *seleção, ordenação, reconstrução e interpretação* dos fatos relevantes para o quadro de reflexão que o historiógrafo constrói.[...] (BASTOS, 2004, p.6)

Levando em consideração a afirmação de Bastos (2004) surge a ideia de que a língua de sinais não é somente mímicas e gestos soltos utilizados por surdos, é de aquisição visual e produção espacial e motora, ou seja, é língua com estrutura gramatical própria. Ela é natural e tão complexa quanto as línguas orais, dispondo de recursos expressivos suficientes para permitir a seus usuários se comunicarem sobre qualquer assunto e serem críticos quando necessário.

Ainda nessa concepção, Neto (1952, p.13) ressalta:

As línguas são resultados de complexa evolução histórica e se caracterizam, no tempo e no espaço, por um feixe de tendências que se vão diversamente efetuando aqui e ali. O acúmulo e a integral realização delas dependem de condições sociológicas, pois, como sabido, a estrutura da sociedade é que determina a rapidez ou lentidão da mudanças. (NETO, 1952, p.13)

Entendemos que para o processo da evolução histórica o tempo e o espaço são de suma importância e através desse conceito definiremos alguns aspectos importantes, tais como, na educação das pessoas surdas, a primeira língua deve ser a Libras, pois a língua de sinais é reconhecida como um caminho efetivo nas condições de ensino, já que é um meio de interação onde as pessoas se comunicam. Dessa forma, a escola não pode ignorar essa língua nos processos de ensino e aprendizagem dos surdos. E como nosso objetivo é analisar a relação entre a Historiografia Linguística com a Historiografia na Libras, citamos o conceito de Koerner (1996, p.4):

Nesta perspectiva, a Historiografia Lingüística nasce com o propósito de inserir a língua no universo humano, não para isolar, mas para situá-la neste universo, para integrar e fazer convergir para ela os elementos que a envolvem. Nessa perspectiva, o fato de a lingüística e a História não serem regidas por leis, não serem deterministas, contribui eficazmente para que Historiografia Lingüística se consolide com base no dialogo e nas inter-relações, adquirindo cientificidade em torno dessas particularidades. (KOERNER, 1996, p.4)

Desse modo, ressaltamos que a Língua Brasileira de Sinais difere da Língua Portuguesa, ou seja, a Libras é visual-espacial e a Língua Portuguesa é oral-auditiva. A Língua de Sinais é baseada nas interações culturais surdas, não é alfabética, portanto atribui-se às Línguas de Sinais a condição de Língua, porque, elas também são compostas pelos níveis linguísticos: o fonológico, morfológico, sintático e o semântico que utilizam a referência anafóricas através de pontos estabelecidos no espaço que excluem ambiguidades, possíveis na Língua Portuguesa. Também não existe marcação de gêneros e em atribuir um valor gramatical às expressões faciais. Ainda focaremos neste trabalho cada tópico mencionado.

Segundo Koerner (1996, p.6), é possível fazer um recorte no processo de mudança que sofre a língua, a fim de apreendê-la no tempo em sucessivos espaços de tempo nos quais mudanças e regularidades são perceptíveis. Isto quer dizer que, a cada momento, a língua se manifesta uma atualidade no mesmo instante em que se revela como um produto da história.

Nogueira (2005, p.8) afirma em relação à Língua Portuguesa:

Com efeito, verificou-se ser a função do ensino da Língua Portuguesa, fundamentalmente, levar ao conhecimento, ou ao reconhecimento, das

normas e regras de funcionamento desse dialeto de prestígio. Desta maneira, o ensino da gramática, enfatizado como respeito da língua, além do contato com textos literários, era utilizado para o desenvolvimento das habilidades de ler e escrever, assim o ensino do português restringia-se à alfabetização. Após este acesso a uma escolarização mais prolongada, os alunos passavam diretamente à aprendizagem da gramática da Língua Latina, da retórica e da poética. Acrescente-se, ainda, que a denominação de disciplina escolar “Português” ou “Língua Portuguesa” só passou a existir nas últimas décadas do século XIX, em virtude da língua ter sido estudada na escola sob a forma das disciplinas Gramática, Retórica e Poética. Mesmo assim, a disciplina “Português” continuou sendo, basicamente, o estudo da gramática da língua e leitura, para compreensão e imitação de autores portugueses e brasileiros. (NOGUEIRA, 2005, p.8)

Portanto, a Língua Portuguesa é oral-auditiva, é baseada nos sons; usa uma sintaxe linear utilizando a descrição para captar o uso de classificadores; evita a utilização de estrutura tópico-comentário e possui marcação de gênero.

No próximo tópico será levantada a História da educação dos surdos no mundo e a Libras no Brasil.

## 1.2. A historiografia da educação dos surdos no mundo e a proporção da Libras no Brasil



Figura 2—Charles-Michel de l'Épée instruindo alunos no Instituto Nacional de Surdos-Mudos em Paris

Para compreendermos a educação dos Surdos, tomamos a França, como ponto de partida no meado do século XVIII, pois a pessoa importante nesse cenário é L'Épée<sup>2</sup> que, organizou um grupo de Surdos e criou a primeira Escola Pública para Jovens surdos em Paris, em 1760, criada por ouvintes. Vale

<sup>2</sup> O Abade Charles-Michel de l'Épée foi um educador filantrópico francês do século XVIII, que ficou conhecido como "Pai dos surdos".

ressaltar que a França, nessa época, passava por várias transformações, como por exemplo: a burguesia da época não estava aceitando as condições impostas pelo feudalismo, essa revolta começou no Terceiro Estado. De acordo com Galvêas (1999), a Revolução Industrial foi um fenômeno internacional, tendo acontecido de maneira gradativa, a partir de meados do século XVIII e provocou mudanças profundas nos meios de produção humanos até então conhecidos, afetando diretamente nos modelos econômicos e sociais de sobrevivência humana. O modelo feudal, essencialmente agrário - e que caracterizou o período medieval - começa a entrar em decadência, cedendo lugar, paulatinamente, ao modelo industrial - primeiramente em nível local, regional, para, logo em seguida, dar início à Revolução Industrial, em nível internacional de larga escala.

Apoiados pelos camponeses e artesãos, membros do Terceiro Estado, a burguesia organizou um grupo forte para acabar com alguns privilégios do Primeiro e do Segundo Estado, formado pelo clero e pela nobreza, o lema era lutar pela mudança política da sociedade francesa. Os Surdos faziam parte do Terceiro Estado; eram considerados marginalizados. Portanto, a burguesia se consolidou e conquistou forças políticas para consolidar suas transformações.

A fixação dessas fronteiras assume fronteiras históricas diferenciadas e dá origem a distintos processos de significação dos sujeitos conforme a predominância ideológicas que eventualmente, um dos domínios exercerá sobre os outros e No empreendimento colonizador e iluminista se circunscreveu, fortemente, a civilizador e iluminista combinando sentidos do bom e do bem [...] (MORELLO, 2001, p.157).

Desse modo, abordaremos as fronteiras dos sujeitos Surdos e voltamos ao passado para relacionar com os acontecimentos da época, e assim, para integrá-los na sociedade que perpassava por constantes mudanças, de igual modo, na sociedade francesa do século XVII.

Segundo Koerner (1996) o uso da terminologia atual na descrição de fases anteriores do desenvolvimento do pensamento linguístico conduziu a uma variedade de problemas em nossa compreensão de teorias do passado. Não podemos falar em historiografia linguística, sem voltarmos ao passado e elencar os principais acontecimentos do contexto social da época, é interessante ressaltar que a educação dos surdos nesse contexto tinha a mesma intenção que a educação dos ouvintes. Em 1880, após tantas lutas desencadeadas por grandes pessoas, para educação dos surdos, foi organizado um Congresso em Milão, onde se reuniram educadores de surdos de diversos lugares, principalmente da França, na Itália. Na ocasião, foi realizada

uma votação para proibir a Língua de Sinais na educação de Surdos, pois a alegação era que as LS<sup>3</sup> destruía a capacidade de fala dos Surdos. Estavam presentes nesse congresso 164 delegados e a maioria votaram pelo método do oralismo puro, Grahan Bell<sup>4</sup> teve grande influencia nesse momento. Conforme Perlin; Strobel (2006, p. 6) “O ano de 1880 foi o clímax da história de surdos, que adicionou as forças educacionais: a língua de sinais e o oralismo.”

Portanto, após o congresso de Milão várias escolas adotaram o método oral, proibindo de vez a utilização das Línguas de Sinais começa aí uma longa e árdua luta dos surdos para defender seu direito cultural e adquirirem sua identidade de volta.

### **1.3. A historiografia e o processo cultural da Libras**

A sociedade brasileira é constituída de várias culturas; e nesse tópico iremos ressaltar o processo cultural dos surdos, essa por sua vez, é responsável por um conjunto de atitudes, expressões e formas de vida de uma comunidade, assim também, pautar a importância das leis para os surdos. Outros fatores contribuirão para a cultura são elas: religião, artes, política, ciências, economias e leis, tornando-se uma discussão contínua, pois a mesma sempre fará parte da natureza humana.

Os aspectos culturais trazem elementos importantes que identificam e constituem diferentes situações dentro da comunidade surda. Esses aspectos enfatizam o culturalismo que, segundo Thompson (2005), sempre atrela os olhares e as formas de representação do mundo e da alteridade a uma ideologia que mantém na subalternidade modos outros de ler, inverter, escrever o mundo e as relações sociais.

Desse modo, podemos definir que cultura representa o mundo, num olhar de totalidade, partindo do conhecimento sobre as Línguas de Sinais que são utilizadas pelas comunidades surdas, assim, surgirá uma proposta de educação bilíngue. Portanto, é a partir

---

<sup>3</sup>Língua de Sinais

<sup>4</sup> Alexander Graham Bell teve grande influência neste congresso, organizado, patrocinado e conduzido por muitos especialistas ouvintes na área de surdez, todos defensores do oralismo puro (a maioria já havia se empenhado muito antes de congresso em fazer prevalecer o método oral puro no ensino dos surdos)

desta língua que os surdos entram em contato com a língua predominante de uma maioria linguística (L2), que será para eles como segunda língua:

A cultura surda não permanece sem a interferência pontual e intencional dos sujeitos que a criam e a manipulam. A própria condição de estar em um mundo sem som foi recolocada como um objeto de manipulação e reinvenção surda. Os surdos conformam um grupo que nos mostra ser feito pela cultura e pela indefinição do próprio devir cultural. A cultura surda, como qualquer outra – pelo caráter da imprevisibilidade, da não-territorialidade, da não-precisão e do não-alicerce que garanta condição de permanência e de segurança -, não consegue definir um tipo certo e definitivo de identidade. (LOPES; NETO, 2006, p. 10).

A cultura, manifestação de um grupo social, somente permanecerá com o apoio dos sujeitos surdos. Cabe a eles divulgarem e difundirem sua própria língua, para que os outros sujeitos que fazem parte da maioria linguística possam identificá-la e defini-la como cultura surda. Reside aí o princípio do bilinguismo, a interlocução entre duas ou mais línguas.

Nesse sentido Martins; Machado (2009, p.236) afirmam:

O princípio fundamental do bilinguismo é oferecer à criança um ambiente linguístico em que seus interlocutores se comuniquem com ela de forma natural, como acontece com a criança ouvinte. Na convivência com um adulto usuário da língua, a criança surda encontra a possibilidade de adquirir a língua de sinais como primeira língua, não como uma língua ensinada, mas apreendida dentro de contextos significativos. (MARTINS; MACHADO, 2009, p. 236)

A efetivação do bilinguismo na educação está condicionada ao domínio de conceitos relativos aos Surdos, à língua e à sua cultura, fundamentais no processo de interlocução, de troca, condições imprescindíveis para a inclusão que hoje permeia os pressupostos filosófico-ideológicos da educação.

Assim nessa visão, Almeida (2012, p.6) ressalta:

A inclusão educacional trata do direito à educação comum a todas as pessoas, sendo que esse direito deve ser exercido, sempre que possível, junto às demais pessoas nas escolas regulares. Promover a inclusão significa, sobretudo, uma mudança de postura e de olhar acerca da deficiência. Implica

em quebra de paradigmas, em reformulação de nosso sistema de ensino para a conquista de uma educação de qualidade, na qual, o acesso, o atendimento adequado e a permanência sejam garantidos a todos os alunos, independentemente de suas diferenças e necessidades. (ALMEIDA, 2012, p. 6)

Entretanto, para desenvolver o processo de inclusão e a cultura dos surdos é necessário que haja aprendizagem e isso requer busca e persistência por uma formação que oportunize à escola se produzir enquanto espaço bilíngue, onde a Libras não seja um corpo estranho, mas parte integrante do cotidiano, envolvendo a postura dos profissionais, o currículo, a metodologia e os demais aspectos dos processos de ensino e aprendizagem.

Karnopp (2002, p.61), em relação à educação e cultura, afirma:

[...] são privadas de contribuir para o estoque coletivo do conhecimento cultural existente nesses grupos, pois a educação favorece um certo capital cultural: aquele da cultura dominante. (...) Sendo assim, crucial lutar por um clima educacional, linguístico e cultural que proporcione mudanças, autonomia e emancipação e não apenas uma tolerância da pluralidade de manifestações, em que as manifestações críticas permanecem enclausuradas com o confinamento de guetos culturais (KARNOPP, 2002, p.61).

Desse modo, podemos compreender que a cultura surda está inserida numa alteridade da identidade, está em um espaço entre lugar e diferença, ou seja, o sujeito surdo com sua cultura e que possui outra cultura. Então, a cultura surda é diferente da cultura dos ouvintes, ou melhor, uma é visual-espacial outra é oral-auditiva, pois é através da linguagem que é um fator cultural que estudamos uma comunidade, por sua vez observamos seus hábitos e costumes, marcados pelos registros escritos. “A cultura surda como diferença se constitui como uma atividade criadora, símbolos de práticas jamais aproximados na cultura ouvinte. Ela é disciplinada por uma forma de ação e atuação visual e não auditiva”. (PERLIN, 2004, p.76). Não que a cultura dos surdos seja separada da cultura ouvinte, mas é diferente no que diz respeito à comunicação, a dos ouvintes oral-auditiva e a dos surdos visual-espacial.

Já a identidade surda não pode ser compreendida fora dos sistemas de significação, não sendo considerada como ser de natureza e sim da cultura e dos sistemas que os compõem. A identidade contribui para as mudanças em uma sociedade, pois segundo Woodward (2000, p. 24-25), “As identidades em conflito estão localizadas no interior de mudanças sociais, políticas e econômicas, mudanças para as quais elas contribuem”. Para Quadros (2004, p.5):



[...] a importância da LIBRAS como meio de comunicação e identidade entre surdos, por exemplo, deveria ser reconhecida e a ação deveria ser feita no sentido de assegurar que todas as pessoas surdas tenham acesso à educação em sua língua (LIBRAS). Devido às suas necessidades particulares de comunicação dos surdos, na qual a sua educação pode ser mais adequadamente nas escolas regulares. (QUADROS, 2004, p.5).

A identidade surda não está somente ligada à língua de sinais, mas relacionada às posições do sujeito, sua aceitação pessoal, o uso da sua língua, experiência históricas, busca das origens, as quais são marcas que identificam uma sociedade. Segundo Silva (2000), é por meio desses sistemas, situados em perspectivas pós-estruturalistas, que a identidade e a diferença adquirem sentido e se ligam a sistemas de poder.

Os Surdos possuem identidade surda. Porém se apresenta de formas diferenciadas, pois está vinculada a linguagem. A linguagem não é um referente fixo, pois é construída a cada interpelação feita entre sujeitos. Seus sentidos variam de acordo com o tempo, os grupos culturais, o espaço geográfico, o momento histórico, os sujeitos, etc. (PERLIN, 1998, p.21).

Portanto, não podemos esquecer que para Woodward (2000) as identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas. A Língua Brasileira de Sinais – Libras – é a língua oficial dos surdos brasileiros e foi reconhecida pela Lei nº 10.436/2002. Seu uso destina-se à comunicação e como língua de instrução, regulamentada pelo Decreto nº 5626/2005.

Art. 1º Este Decreto regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

Art. 2º para os fins de Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras. (BRASIL, 2005, p. 2).

Entretanto, a normatização sobre a Libras visa à manifestação da cultura surda bem como o uso da Libras nas diferentes manifestações da sociedade, para que os mesmos (surdos) possam adquirir a identidade surda que se encontra em contínua mudança. Eles acompanham um grupo social que estão em um complexo conjunto de similaridades e também de

diferenças e, por isso, no próximo item iremos ressaltar detalhadamente os aspectos legais da Libras.

#### **1.4. A Historiografia da Língua Brasileira de Sinais: aspectos legais**

A Libras, Língua Brasileira de Sinais, é a língua oficial dos surdos brasileiros e seu reconhecimento foi obtido por meio da Lei 10.436/2002, sendo assim, aprovada e sancionada pela organização político-institucional brasileira. É utilizada como meio de comunicação e como língua de instrução, e será necessária sua implantação nas escolas (públicas ou privadas), Universidades, Instituições, Empresas e nos meio sociais para propiciar a interação entre surdos e ouvintes.

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.  
Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2002)

A busca por uma escola bilíngue corresponde em lutar por recursos que constitui em um ambiente em que há uma convivência entre as duas línguas: a Libras língua materna (L1) e a Língua Portuguesa (L2) para o surdo. Assim, nas escolas a Língua de Sinais dar-se-á por meio da interação entre pessoas surdas e entre professores e alunos surdos e entre seus colegas, essa interação não será diferente entre a sociedade, conforme Martins (2012), o mesmo ressalta a metodologia de ensino da L2:

[...] escolas bilíngues, já que de fato, a Libras é a língua de instrução em sala de aula, e o português também compõe as práticas de ensino, estando presente na escola e na vida do surdo. Todavia, na sala bilíngüe, o Português é ensinado numa perspectiva que prioriza uma metodologia de ensino de L2 ou de segunda língua – nesta concepção assumida, as experiências singulares dos sujeitos surdos são escutadas, e os encontros com o outro (altero), fazem emergir a necessidade de uma postura

ética frente às diferenças na forma de ensinar. Assim, pretende-se não apagar a entrada da língua de sinais e as diferenças culturais dos surdos, mas fazer das escolas bilíngues espaços onde haja possibilidade de trânsito e mescla da diferença. Espaço em que a Libras é parte ativa do cotidiano e do currículo. (MARTINS, 2012, p. 2).

O Decreto nº. 5.626/2005, art. 22, §1º é legislação vigente que regula a proposta de educação bilíngue: “São denominadas escolas ou classes de educação bilíngue aquelas em que a Libras e a modalidade escrita da Língua Portuguesa sejam línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo” (BRASIL, 2005). Entenda-se que a norma em si mesma não significa prática social significativa, ou seja, quando vem ao encontro do desejado do público alvo, sustenta os movimentos de defesa na precisão de um processo educacional que atenda as diferenças para oportunizar aprendizagem.

No entanto o mesmo Decreto no Art. 3º, instala a obrigatoriedade quanto a implantação da Libras como disciplina curricular obrigatória no ensino básico, tendo em perspectiva a adequação desta língua não apenas pelos surdos, mas com seus colegas ouvintes para que haja comunicação mutua e conseqüentemente, assim, o bilinguismo Brasil (2005):

A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. (BRASIL, 2005)

O Ministério da Educação define que as Universidades Federais tem um papel importante na implementação e no esclarecimento para uma escola bilíngue e o Decreto 5626/2005, deixa claro em quais cursos serão implantados a disciplina de Libras e no Decreto 5671/2008, define e as atribuições das universidades. Este decreto foi revogado por meio do Decreto 7611/2011, mas o dispositivo da responsabilização das universidades públicas foi mantido no art. 5º:

[...]

VII - estruturação de núcleos de acessibilidade nas instituições federais de educação superior.

[...]

§ 5º Os núcleos de acessibilidade nas instituições federais de educação superior visam eliminar barreiras físicas, de comunicação e de informação que restringem a participação e o desenvolvimento acadêmico e social de estudantes com deficiência. (BRASIL, 2011).

Conforme o conhecimento de Foucault (2005a), compreendemos melhor os limites ordenados pela lei, de que a mesma ou o sistema judiciário não foi estabelecido para provocar a justiça e sim para ajudar os grupos depositários de deliberar e da sabedoria, apontando a necessidade e os problemas futuros para efetivação de políticas que melhorem os grupos historicamente excluídos dos encadeamentos sociais e educacionais.

Portanto, as universidades tem um papel importante frente à perspectiva da educação inclusiva, é dever da instituição organizar projetos de extensão para que a comunidade interna e externa possa entender e eliminar barreiras físicas e de comunicação.

No tópico a seguir serão definidos os conceitos de Língua 1 (L1), a língua materna dos surdos, a Língua de Sinais e Língua 2 (L2), sendo a Língua da comunidade em que este surdo vive, neste caso a Língua Portuguesa.

## **1.5. Libras e Língua Portuguesa**

A Língua Brasileira de Sinais, uma modalidade visual espacial, é a L1 para os surdos. A língua portuguesa, modalidade oral-auditiva, é a L2. Os educadores e pesquisadores passam a pensar a respeito da inclusão e da dificuldade dos surdos em produzir textos e da leitura, e será necessária busca de recursos e práticas pedagógicas para sanar essa dificuldade, determinada pela política nacional de inclusão, ou seja, criar metodologia adequada para aquisição da L2; e assim, levar a mudanças para as práticas educacionais, de acordo com Costa (1999, p.44):

[...]a consequência educacional de os surdos serem alfabetizados em uma língua oral, e não em uma língua de sinais, é dramática e pode-se observar uma extrema dificuldade de leitura, de acesso à literatura em geral, e a grande dificuldade que mostram para produzir textos. (COSTA, 1999, p.44).

Para aquisição da L2, é necessário ter representações mentais, estabelecendo relações com experiência linguística prévia levada pelo surdo. Há muitos elementos que possibilitam a aquisição da L2 essas questões dependem da aquisição da L1, ou seja, aprender o mundo, suas modificações e as interações sociais.

“O fato de o aprendiz diz estar ativamente envolvido sugere que ele utiliza a língua materna como uma estratégia para apoiar ou apressar o desenvolvimento da aprendizagem, embora não esteja clara a extensão da interferência de L1 no estado mental inicial, na aquisição de L2. (Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos)”. (COSTA, 1999.p.45)

Na educação dos surdos, fica claro que houve uma escolha unânime da língua dos ouvintes. Então, implantaram na educação dos surdos o processo oralista, prejudicando o avanço da Língua de Sinais. Após lutas e com aceitação da Língua de Sinais como língua mãe dos surdos, as escolas tiveram que aceitar e adequar a essa comunicação às normas que regem a língua e acentuar a importância de LIBRAS, para o processo ensino/aprendizagem das crianças com surdez. Por sua vez, os professores tiveram de buscar conhecimentos sobre a educação dos surdos.

Fernandes (2003, p.7), discorre em relação ao letramento:

Disso decorre que essa discussão envolve letramentos para surdos, já que estão envolvidas reflexões sobre duas línguas e não apenas sobre a língua majoritária. Aprender o português decorrerá do significado que essa língua assume nas práticas sociais (com destaque às escolares) para as crianças e jovens surdos. E esse valor só poderá ser conhecido por meio da língua de sinais. O letramento na língua portuguesa, portanto, é dependente da constituição de seu sentido na língua brasileira de sinais. (FERNANDES, 2003, p. 7).

Com isso, no ensino para os surdos, mesmo que o português não seja língua materna, os textos são de suma importância para os processos de letramento para surdos, ou seja, está inserida a cultura linguística através de nomes das ruas, das praças, das propagandas, das lojas, das placas, cartão de aniversário, esses componentes são partes mínimas de práticas sociais principiada no letramento.

Ainda Fernandes (2003, p. 7-8), ressalta:

Ainda que esses fatores sejam determinantes para o processo de letramento escolar, a pré-história lingüística das crianças surdas é desconsiderada pelos professores. A escola segue ignorando como as diferenças individuais se constituem no complexo círculo de relações sociais que determinam processos de aprendizagem diferenciados entre crianças surdas (com ou 'sem língua'-materna) e não-surdas; ao ingressar na escola comum, o português escrito lhes é imposto no currículo escolar, de forma obrigatória, ensinado como língua materna e não como segunda língua, desconsiderando-se a ausência da primeira língua. (FERNANDES, 2003, p. 7-8).

A educação bilíngue é viável na situação lingüística do surdo. A característica da Língua de Sinais é viso-espacial, adquirida pelos surdos e levará os mesmos ao contato com a língua oral, L2; e, nas escolas, ocorrerá a convivência entre as duas línguas a LIBRAS - L1 - e a Língua Portuguesa no caso do Brasil, L2.

Através destes fragmentos dispostos de forma a auxiliarem na reflexão e na busca de verdades, as concepções expostas permeiam e interferem nas relações do Estado com o atendimento educacional para que haja formação de profissionais na área da surdez e da Libras. Sendo as ações interpostas pelas relações de poder, estes dados são importantes para o entendimento dos fatos históricos e das políticas públicas com destino a este segmento. Com este pensamento, afirma Foucault (2005b, p.155):

[...] parece-me que a história pode servir à atividade política e que esta, por sua vez, pode servir à história na medida em que a tarefa historiador, ou melhor, do arqueólogo seja descobrir as bases, as continuidades no comportamento, no condicionamento, nas condições de existência, nas relações de poder,[...] (Foucault, 2005b, p.155)

Os surdos são marcados de histórias e de muitas lutas e conseguiram grandes feitos. E inventaram seu movimento de organização que se iniciou com a criação do Instituto Nacional de Educação de Surdos, em 1957, em virtude da modificação do Imperial Instituto de Educação de Surdos Mudos, criada em 1857.

Guimarães (2005, p.50) afirma em relação ao INES:

Em 1854, foi criado no Rio de Janeiro, o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, que, em 1891, passou a chamar-se Instituto Benjamim Constant

(IBC). Em 1857, fundou-se, na mesma cidade, o Imperial Instituto de Surdos-Mudos, que 100 anos após sua criação, em 1957, passou a denominar-se Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). As referidas Instituições tinham como finalidade o atendimento aos deficientes visuais e auditivos e também a formação de profissionais para o atendimento educacional destes. (GUIMARÃES, 2005, p.50)

Devido à modificação da nomenclatura do citado Instituto no Século XX mostra novas concepções sobre a educação de surdos, consentindo um embate em torno da defesa da sua língua mãe, ou seja, a língua de sinais. Este movimento embrionário toma força nas décadas de 1970, 1980 e especialmente, 1990, em destaque, dos movimentos mundiais em defesa de uma educação inclusiva.

Foi de suma importância a criação da Federação Nacional de Surdos, em 1977, denominada inicialmente de Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos (FENEIDA). Precisamente por volta dos dez anos depois, “Em 16 de maio de 1987, em Assembléia Geral, a nova diretoria reestruturou o estatuto da instituição, que passou a se chamar Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - Feneis.” (FENEIS, 2012, p.1)

Segundo a pesquisadora de Libras, as conquistas em torno do reconhecimento da língua materna não se deram por benesse, mas a partir de uma série de movimentos articulados pelos surdos brasileiros:

Os movimentos sociais alavancados pelos surdos estabeleceram como uma das prioridades o reconhecimento da língua de sinais nos últimos 15 anos. Foram várias as estratégias adotadas para tornar pública a língua de sinais brasileira. Entre elas, citamos os projetos-lei encaminhados em diferentes instâncias governamentais e a formação de instrutores de língua de sinais em vários estados brasileiros. Instaurou-se em várias unidades da federação a discussão sobre a “língua de sinais dos surdos” determinando o reconhecimento via legislação dessa língua enquanto meio de comunicação legítimo dos surdos. Esse movimento foi bastante eficiente, pois gerou uma série de iniciativas para disseminar e transformar em lei a língua de sinais brasileira, culminando na lei federal 10.436, 24/04/2002, que a reconhece no país. O impacto dessa legitimação, a sua repercussão e significado fundam um processo de desestabilização na educação em relação aos surdos no Brasil. (QUADROS, 2006, p.03).

Salienta-se que a constituição de uma sociedade bilíngue e conseqüentemente, uma escola bilíngue, são processo totalmente complexo, pois as línguas que se encontram têm características culturais diversas, que devem ser apropriadas quando de sua aprendizagem.

Nesse capítulo mostramos um breve processo da Historiografia Linguística, também principio de contextualização da Libras, bem como a história, a cultura surda e a sua identidade.

O próximo capítulo ressaltará a língua no processo social enquanto um dos principais instrumentos de inclusão. Para Foucault (1999, p.410), há limites para a linguagem, para a comunicação. Por outro lado, é por meio dela que se produzem as subjetivações e as transgressões: “[...] *oferecendo-se assim a figura da finitude na linguagem (como o que nela se desvela), mas também antes dela, aquém dela, como esta região informe, muda, não-significante onde a linguagem pode liberar-se*”. É nesse sentido que se resalta a relevância da língua de sinais para os surdos, esta é a sua forma de manifestação do pensamento e das culturas forjadas em seu grupo social.



## **2. HISTÓRIA DA LÍNGUA DE SINAIS NO MUNDO E DA LIBRAS**

Neste capítulo apresentar-se-á um aparato histórico da língua de sinais numa visão mundial sistematizando a pesquisa até chegar ao Brasil com a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

### **2.1. História da língua de sinais por meio da educação surda no mundo**

Neste item, mostrar-se-á a História da Libras associada à educação dos surdos no Mundo através de uma breve explicação sobre Oralismo, Comunicação Total e o Bilinguismo, proposta de educação atual.

Desde os tempos mais remotos, o indivíduo surdo sofre com a discriminação da sociedade, como relata Bertheier (1984, p.165) em relação ao sofrimento dos surdos ao nascerem:

Inicia a história na antiguidade, relatando as conhecidas atrocidades realizadas contra os surdos pelos espartanos, que condenavam a criança a sofrer a mesma morte reservada ao retardado ou ao deformado: A infelizmente criança era prontamente asfixiada ou tinha sua garganta cortada ou era lançada de um precipício para dentro das ondas. Era uma traição poupar uma criatura de quem a nação nada poderia esperar. (BERTHIER,1984, p.165).

Essa prática se estende a toda parte do mundo a exceção do Egito e Pérsia onde as pessoas surdas eram vistas como seres privilegiados, pois se acreditava que os surdos possuíam o dom de se comunicar com os deuses. Havia um sentimento muito forte em relação à pessoa com surdez. Os surdos permaneceram sofrendo durante a Idade Antiga e Idade Média. Somente na idade moderna, por volta de 1500, aparecem pessoas interessadas na causa da surdez.

Segundo Moura (2000), existiram vários educadores de surdos na Europa, dentre eles Frei Pedro Ponce de Leon (1520-1584), monge espanhol que ensinava surdos filhos de famílias nobres a falar para que assim tivessem direito às suas heranças. Ele também

estabelece a primeira escola para surdos em um monastério, utilizando a dactilologia e a oralização como métodos de ensino.

Além desse, outros educadores também se destacaram no ensino de surdos com significativas contribuições para a causa, segue um breve relato dos principais nomes e seus percursos na educação dos surdos:

Girolamo Cardano, médico filósofo fez a distinção entre surdez e mudez.

Em 1613, Juan Pablo Bonet, educação através de sinais, treinamento de fala e uso do alfabeto dactilologia. Publicou seu primeiro livro sobre a educação dos surdos intitulado “Reduccion de las letras y arte para enseñar a hablar a los mudos” no ano de 1620, em Madrid.

1755, Samuel Heinicke “Pai do Método Alemão”, Oralismo puro. Publicou uma obra “Observações sobre os Mudos e sobre a Palavra”. Em 1778, fundou a primeira escola de oralismo puro em Leipzig, inicialmente a sua escola tinha 9 alunos surdos. Esta prática foi muito utilizada nesta época, pois como afirma Moura (2000 p.27), “o surdo somente seria reconhecido mediante o desenvolvimento de sua fala, e isso aconteceria através de treinamentos articulatório e restauração de sua audição”. Por este motivo a utilização do oralismo ao invés dos sinais.

1802 - Jean Marc Itard, afirmava que o surdo podia ser treinado para ouvir palavras, Itard foi responsável pelo clássico trabalho com Victor, o “garoto selvagem”, menino que foi encontrado vivendo junto com os lobos na floresta de Aveyron, no sul da França.

1814 - Thomas Hopkins Gallaudet observava crianças brincando quando notou que uma delas, Alice Gogswell, não participava das brincadeiras por ser surda e era rejeitada pelas demais crianças. Gallaudet tenta ensiná-la, mas percebe que precisa de métodos mais avançados. Viaja para vários locais e encontra na França o método que procurava, retorna na companhia do surdo Laurent Clerc, melhor aluno do “Instituto Nacional para Surdos Mudos”, de Paris. Gallaudet e Clerc fundaram em 15 de abril a primeira escola permanente para surdos nos Estados Unidos, “Asilo de Connecticut para Educação e Ensino de pessoas Surdas e Mudas”.

Encontra na França o método que procurava, retorna na companhia do surdo Laurent Clerc, melhor aluno do “Instituto Nacional para Surdos Mudos”, de Paris. Gallaudet e Clerc fundaram em 15 de abril a primeira escola permanente para surdos nos Estados Unidos, “Asilo de Connecticut para Educação e Ensino de pessoas Surdas e Mudas”.

Alexander Grahan Bell inventou um código de símbolos chamado “Fala visível” ou “Linguagem visível”, sistema que utilizava desenhos dos lábios, garganta, língua, dentes e palato, para que os surdos repitam os movimentos e os sons indicados pelo professor.

Dentre todos estes educadores, destaca-se o Abade Charles Michel de L’Epée, que se comunicava com os surdos através da Língua de Sinais. Manteve contato com os carentes e humildes, procurando aprender seu meio de comunicação e iniciar os primeiros estudos sobre a Língua de Sinais. Fundou a primeira escola pública para os surdos “Instituto para Jovens Surdos e Mudos de Paris” e treinou inúmeros professores para surdos. Em 1789 L’Epée morre, e nessa ocasião já tinha fundado 21 escolas para surdos na França e na Europa.

O Abade criou também o método de ensino gramática de Língua de Sinais, denominado método de “Sinais Metódicos”. L’Epée utilizava a inicial das palavras em francês para criar o Sinal da Palavra.

Ele foi um grande defensor dos surdos e procurou descobrir formas de ensiná-los como constata Sacks (1998, p.30) através deste fragmento “[...] E então, associando sinais a figuras e palavras escritas, o abade ensinou-os a ler; e com isso, de um golpe, deu-lhes o acesso aos conhecimentos e à cultura do mundo”.

L’Epée defendia a sua metodologia de ensino mas no decorrer do tempo surgiram outras como o oralismo, a comunicação total e o bilinguismo. Relatamos brevemente cada uma delas.

### **2.1.1. Oralismo**

A filosofia oralista prioriza a integração da criança com surdez na sociedade de ouvintes, possibilitando-lhe o desenvolvimento da linguagem oral. Os defensores desta filosofia afirmam que a linguagem restringe-se à língua oral, sendo está à única forma de comunicação dos surdos e o congresso de Milão de 1880 foi responsável por acabar o gestualismo e implantar nas escolas da Europa o Oralismo. Afirmam ainda que para a criança surda se comunicar é necessário que ela saiba oralizar. Segundo Goldfield (1997), o Oralismo vê a surdez como uma deficiência que pode ser minimizada através de estimulação auditiva, possibilitando a aprendizagem da língua e levando a pessoa surda a interagir-se na comunidade ouvinte.

Para Skliar (2010, p. 16-17) afirma em relação ao oralismo:

Ainda que seja uma tradição mencionar seu caráter decisivo, o Congresso de Milão, de 1880 - onde os diretores das escolas para surdos mais renomadas da Europa propuseram acabar com o gestualismo e dar espaço à palavra pura e viva, à palavra falada- não foi a primeira oportunidade em que se decidiram políticas e práticas similares.[...] Apesar de algumas oposições, individuais e isoladas, o referido congresso constituiu não o começo do ouvintismo e do oralismo, mas sua legitimação oficial [...] o ouvintismo, ou o oralismo, não pode ser pensado somente como um conjunto de ideias e práticas simplesmente destinadas a fazer com que os surdos falem e sejam como os ouvintes. Convivem dentro dessas ideias outros pressupostos: os filosóficos - o oral como abstração, o gestual como sinônimo de obscuridade do pensamento; os religiosos a importância da confissão oral, e os políticos - a necessidade da abolição dos dialetos, já dominantes no século XVIII e XIX (SKLIAR, 2010, p. 16-17).

Assim, como detalha Skliar em sua citação, a educação oral irá requerer um esforço maior por parte do educando, da família e da escola, e não podemos pensar que o oralismo veio nessa época somente para fazer os surdos falarem ou serem iguais aos ouvintes e sim para que essa filosofia possa ser oficializada. Em resumo, o método oralista defende veemente que a pessoa surda receba a linguagem oral, e se expresse através dela, deixando de usar a Língua de Sinais.

### **2.1.2. Comunicação Total**

A comunicação total defende metodologias auditivas, manuais e orais. Sua principal preocupação está em estabelecer processos comunicativos entre surdos e surdos, surdos e ouvintes. Essa prática preocupa-se com o aprendizado da língua oral, mas acredita principalmente que os aspectos cognitivos, emocionais e sociais não devem ser deixados de lado. Defende a utilização de recursos espaço – visual para facilitar a comunicação. Para Perlin e Strobel (2009, p. 20) *“A Comunicação Total inclui uma gama de instrumentos lingüísticos, ou seja: língua de sinais, língua oral, gestos, fala, leitura labial, alfabeto manual, leitura da escrita, ritmo, dança.”*

Ciccione (1990) afirma que os defensores da comunicação total visualizam o surdo de maneira diferente dos oralistas: ele é visto como uma pessoa e não como alguém que possua uma patologia que precisa ser eliminada.

Segundo Capovilla (2000, p. 07), afirma em relação à filosofia da comunicação total:

Sob a proteção da filosofia educacional liberal da *comunicação total*, os diversos sistemas de sinais criados de fato conseguiram aumentar a visibilidade da língua falada, para além da mera leitura labial, e assim lograram auxiliar a compreensão da língua falada em certa medida. De fato, o valor dos métodos da comunicação total para viabilização da língua falada em uma série de áreas de aplicação para o ensino de língua escrita não pode ser negado.[...] (CAPOVILLA, 2000, p. 07)

Outra diferença marcante entre a comunicação total e outras metodologias é a utilização de qualquer recurso linguístico podendo ser: Língua de Sinais, Linguagem Oral ou Códigos Manuais. Um recurso de suma importância utilizado pela comunicação total é a integração da família no processo de aprendizagem, acreditando que a mesma possui um papel muito importante neste desenvolvimento. Por fim, durante o processo de aprendizagem da comunicação total são utilizados simultaneamente diferentes códigos como a Língua de Sinais e a Datilologia.

### **2.1.3. Bilinguismo**

A metodologia parte do princípio que a pessoa surda deve adquirir como primeira Língua a “Língua de Sinais”, e essa deverá ser oferecida o mais precoce possível, o que facilitará o desenvolvimento de conceitos e sua relação com o mundo. A Língua predominante em seu país é ensinada como a segunda Língua, na modalidade escrita, e quando possível, na oral.

Segundo Kalatai e Streiechen (2012, p.8) *”Percebe-se, assim, que o Bilinguismo foi uma metodologia adotada a partir das reivindicações dos próprios surdos, pois a mesma tem possibilitado o acesso a duas línguas dentro de um contexto: a Língua de Sinais e a Língua Portuguesa[...]”*

Na filosofia bilinguista existem duas vertentes. Uma defende que a pessoa com surdez adquira a Língua de Sinais e a Linguagem Oral separadas o mais precocemente possível. Posteriormente, a pessoa deverá ser ensinada na língua oficial de seu país. A outra defende, primeiramente, o ensino da língua de sinais e num segundo momento o ensino da modalidade escrita.

Quadros (1997), afirma que *“o Bilinguismo é uma abordagem utilizada por escolas que pretendem tornar acessível às pessoas surdas duas línguas no contexto escolar”*. Os estudos apontam esta abordagem como sendo a mais indicada para ensinar pessoas surdas, pois considera a Língua de Sinais como língua natural e parte deste embasamento para o ensino da língua escrita.

A partir do momento que o professor ouvinte conhece a Língua de Sinais, tem condições de se comunicar com seu aluno surdo, cujo necessita de professores participativos e motivados para aprender e tornar fluente a linguagem. Respeitando e considerando as necessidades educacionais, será possível proporcionar o desenvolvimento emocional e cognitivo, ocorrendo a inclusão e participação do aluno surdo no meio social.

O surdo existe no mundo desde o princípio sempre sendo excluído, marginalizado, posto de lado como um tapete velho. Era visto como incompetente, incapaz, sem poder cognitivo. Esse conceito perdurou por muito tempo e somente por volta de 1500 surgiram pessoas interessadas na causa da surdez.

Moura; Lodi; Harrison (1997, p.345) declaram que:

O bilinguismo, como forma de educação para surdos, pressupõe o ensino de duas línguas para a criança. A primeira é a língua de sinais, que dará o arcabouço para aprendizagem de uma segunda língua que pode ser a escrita ou a oral, dependendo do modelo seguido (MOURA; LODI; HARRISON, 1997, p.345).

Surgiram vários educadores interessados nesta causa, cada um defendendo e fazendo experimentos com seu método de ensino como o Oralismo, a Comunicação Total, Bilinguismo. Ocorreram contribuições positiva e negativa para a educação dos surdos, das quais podemos destacar distinção entre surdez e mudez, utilização dos sinais e datilologia, criação da primeira escola pública para surdos, os primeiros estudos sobre a Língua de Sinais, criação da primeira escola permanente para surdos, e o surgimento do método bilíngue.

## 2.2. História da Libras no Brasil

Os princípios da história de Libras – Língua Brasileira de Sinais – não foram diferentes das outras línguas. Assim, a Língua Portuguesa, oriunda do latim, juntamente com as demais línguas neolatinas, o espanhol, o catalão, o francês, o italiano, o romeno, mudaram através dos séculos. O que podemos ressaltar é que todas as referidas línguas sejam românicas, ou seja, fazem parte de uma única família linguística. No Brasil, a Língua Portuguesa sofreu modificações de pronúncia, vocabulário e na sintaxe, acontecendo o mesmo com a Libras, conforme Koerner (1996, p.62) explica em relação à história linguística:

[...] Esta tendência penetrou no escrever a história da lingüística, ainda que seja de se esperar que um historiador encontre mais exemplos de evolução e continuidade do que de revolução e descontinuidade de idéias através dos séculos, pontuados por mudanças de ênfase, incluindo movimentos de pêndulos, às vezes causados pelo afluxo de fatores extra-lingüísticos, tais como avanços em tecnologia, mas também acontecimentos sócio-políticos.” (KOERNER, 1996, p.62)

É interessante esse processo de Koerner (1996), pois a LIBRAS passa pelo processo de evolução constantemente. Os fatores extralingüísticos como: história, cultura, comunidade e as novas tendências tecnológicas, possibilitam que a mesma possa ter uma propagação no contexto geral da educação.

Com a Língua Brasileira de Sinais – Libras –, não se sabe o certo como surgiu as Línguas de Sinais nas comunidades surdas, pois sabe-se que são criadas por homens que propiciaram o regaste de um sistema comunicativo através do canal gestual/visual:

No caso da Língua Brasileira de Sinais, em que o canal perceptual é diferente, por ser uma língua de modalidade gestual visual, a mesma não teve sua origem da língua portuguesa; que é constituída pela oralidade, portanto considerada oral-auditiva; mas em uma outra língua de modalidade gestual visual, a Língua de Sinais Francesa, apesar de a Língua Portuguesa ter influenciado diretamente a construção lexical da Língua Brasileira de Sinais, mas apenas por meio de adaptações por serem línguas em contato. (ALBRES, 2005, p.1).

As escolas, os internatos, influenciaram diretamente como espaço importante para o uso e aprendizagem da língua, mas a Língua de Sinais era proibida. Desse modo, os alunos usavam a LS nos dormitórios, nos banheiros e, se pegos, recebiam punições severas. A verdadeira educação de surdos iniciou-se com Pedro Ponce De Leon (1520–1584), na Europa, ainda dirigida à educação de filhos Nobres. Soares (1999, p.20) e Moura, Lodi, Harrison (1997, p.329). Pedro Ponce de León era Monge beneditino da Onã, na Espanha, estabeleceu a primeira escola para surdos em um monastério. Ele ensinava latim, grego e italiano, conceitos de física e astronomia aos dois irmãos surdos.

L'Epeé (1712–1789), foi um marco importante para a história da educação dos Surdos pois levou o conhecimento sobre os primeiros estudos sérios sobre Língua de Sinais ao conhecer duas irmãs gêmeas surdas que usavam os gestos para se comunicar. Defendia a LS, como linguagem natural dos Surdos e que, por meio de gestos, poderiam desenvolver a comunicação e o desenvolvimento cognitivo.

Conforme Gremion, (1998, p.48) *apud* Albres:

Em 1756, Abbé de L'Epeé cria, em Paris, a primeira escola para surdos, o Instituto Nacional de Jovens Surdos de Paris<sup>4</sup>, com uma filosofia manualista e oralista. Foi a primeira vez na história, que os surdos adquiriram o direito ao de uma língua própria. (GREMION, 1998, p.48 *apud* ALBRES).

No Brasil, Eduard Huet (1822–1882), um professor surdo, francês com mestrado em Paris, veio para o Brasil prestar atendimento escolar especial às pessoas deficientes auditivas sob os cuidados do imperador Dom Pedro II. Os surdos, até no final do século XV, eram considerados incapazes de se educar e com isso teve a intenção de inaugurar uma escola com modelos da Europa de educação dos surdos.

Os primeiros passos de LIBRAS aqui no Brasil foram com o alfabeto manual, de origem francesa. Os próprios alunos surdos vindos de vários lugares do Brasil, trazidos pelos pais, difundiram essa novidade onde viviam. E em 26 de setembro de 1857, fundou-se no Rio de Janeiro a primeira escola para surdos no Brasil, intitulada INES<sup>5</sup> e nesse mesmo dia comemora-se o Dia Nacional dos Surdos no Brasil.

---

<sup>5</sup> Instituto Nacional de Educação de Surdos



Depois de passar os conhecimentos de Educação Europeia e ter ensinado o alfabeto manual para os Surdos, Huet foi embora para lecionar no México, devido a alguns problemas pessoais. Desse modo, o Instituto ficou no comando de Frei do Carmo.

A Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS)<sup>6</sup> é mais um espaço conquistado pelos surdos. Nesse local, eles compartilham sentimentos, concepções, ideias, valores e significados, que são levados para Teatro Surdo, para Poesia Surda, para a Pintura Surda, para a Escultura Surda e assim por diante. (Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos):

A Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos – FENEIS, em 1998, preocupada com a grande diferença de sinais procuraram desenvolver um projeto para uniformizar, padronizar os sinais para facilitar a comunicação, principalmente entre os instrutores surdos. (ALBRES, 2005, p.9).

Entretanto, nesse momento de troca, tomaram consciência da condição bilíngue e da relação de contato direto entre Libras e a Língua Portuguesa e criaram proposta para capacitarem instrutores para atuar no ensino da Libras.

No próximo tópico serão demonstradas as características de Libras.

### **2.3. Características de Libras: processo fonológico**

A principal característica da Libras é a modalidade viso-espacial, diferente da modalidade oral-auditiva utilizada nas línguas orais. Na Língua Brasileira de Sinais – Libras – é forte a motivação “icônica”, ou seja, unidades gestuais chamaram de “significante” e outro representante icônico “significado”. Assim, conclui-se que os sinais reproduzem imagem do traço “significado”.

Quadros (1995, p.1) explica em relação ao significado na Libras:

---

<sup>6</sup> Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos

(...) os sinais em si mesmo, normalmente não expressam o significado completo no discurso. Este significado é determinado por aspectos que desenvolvem a interação dos elementos expressivos da linguagem. No ato da comunicação, o receptor deve determinar a atitude do emissor em relação ao que ele produz (...) (QUADROS, 1995, p.1)

Os Surdos utilizam como característica para compor a Libras a expressão facial/corporal que será usada no processo do traço semântico do referente “significado”, para passar ideia de negação, afirmação, questionar, opinar, desconfiar e entre outros. Também temos como característica a Configuração de Mão (CM), Ponto de Articulação (PA), Movimento (M) e Orientação (O), que compõe os aspectos estrutural da LIBRAS.

#### **2.4. Transcrições de Libras**

Outra observação importante em relação ao significante, ou seja, unidade gestual, é a representação da transcrição de LIBRAS, os quais são:

1 – Os sinais de LIBRAS serão representados por itens lexicais da Língua Portuguesa (LP) em letras maiúsculas.

EX: CASA, ESTUDAR, CRIANÇA, RELÓGIO, MAU CHEIRO.

Um sinal será representado pelas palavras separadas por hífen

EX: CORTAR: CORTAR-COM-FACA

RASGAR: RASGAR-ROUPA /RASGAR-PAPEL

NÃO QUERER: QUERER-NÃO

MEIO DIA: MEIO-DIA

3 – Um sinal composto, que será representado por duas ou mais palavras, serão separados pelo símbolo ^ .

EX: CAVALO ^ LISTRA = “ZEBRA”

HOMEM ^ CASADO = “MARIDO”

4 – A datilologia (alfabeto manual ) palavras não possuem um sinal; está representada pela palavra separada, letra por letra, por hífen.

EX: F-E-L-I-P-E

Z-A-N-Ú-B-I-A

5 – O sinal soletrado, por empréstimo, passou a pertencer à LIBRAS por expressa pelo alfabeto manual com uma incorporação de movimento próprio desta língua, parte soletração do sinal em itálico.

EX: Conteúdo, Real, Restaurante, LEI, etc.

6 – O sinal, representado por palavra da língua portuguesa que possui marcas de gênero (feminino / masculino)

EX: EL@ “ela, ele”

ME@ “minha ou meu”

MAGR@ “magro, magra”

7 – As expressões facial e corporal, que são feitas simultaneamente com um sinal, que pode ser em relação ao:

– Tipo de frase:

- Interrogativa ( ? )
- Negativa ( Ñ )
- Exclamativa ( ! )
- Afirmativa ( . )
- EX: El@ aprender português?

8 – Através de classificadores.

EX: MOVER, DISTRIBUIR e ETC.

9 – Os verbos que possuem concordância de lugar ou número–pessoal com as pessoas gramaticais:

- a) 1s, 2s, 3s = 1ª, 2ª, 3ª pessoa do singular;
- b) 1d, 2d, 3d = 1ª, 2ª, 3ª pessoa do dual;
- c) 1p, 2p, 3p = 1ª, 2ª, 3ª pessoa do plural;
- d) EX: 1s DAR 2s “eu dou para você”
- e) 2s PERGUNTAR 3s “você pergunta para eles / elas”.

10 – Na LIBRAS não há desinência que indique plural e será representado pelo sinal +.

- EX: MUIT@ “muito, muitos, muita, mulher”.
- ÁRVORE + “muitas árvore”.
- INIMIGO + “muitos inimigos”.
- CASA + “muitas casas”.

Enfim, essas considerações foram retiradas do material Ensino de Língua Portuguesa para Surdos: Caminhos para a Prática Pedagógica – MEC – Secretaria de Educação Especial e adaptada com o material de Lucinda Ferreira Brito – Por uma Gramática de Língua de Sinais.

## 2.5. Aspectos morfológicos da Libras

Nesse primeiro momento, pretende-se caminhar em relação aos aspectos estruturais de Libras, e nesse conjunto vamos ressaltar traços que fizeram com que a Língua Brasileira de Sinais fosse legalizada. A língua recebeu incorporações lexicais, sintáticos e morfológicos, pois, segundo Brito (1995) a Libras tem sua estrutura gramatical organizada a partir de alguns parâmetros que estruturam sua formação nos diferentes níveis linguísticos. Três são seus parâmetros principais ou maiores: a Configuração da(s) mão(s)-(CM), o Movimento - (M) e o Ponto de Articulação - (PA); e outros três constituem seus parâmetros menores: Região de Contato, Orientação da(s) mão(s) e Disposição da(s) mão(s).

A Libras tem três parâmetros principais: a) configuração da mão (CM); b) ponto de articulação (PA); e c) movimento (M).

- a) **Configuração de Mão (CM):** é a forma que a mão terá ao se realizar um sinal. Essas configurações de mãos assumem características do alfabeto Manual e algumas formas diferentes do alfabeto manual, conforme se observa no QUADRO 1.

**Quadro 1:**  
**Grupo de Pesquisa do curso de libras do Instituto Nacional de Educação de Surdos.**



EXEMPLO DE SINAIS QUE ASSUMEM ALGUMAS CONFIGURAÇÕES DE MÃO:  
(Figura<sub>1</sub>, Figura<sub>2</sub> e Figura<sub>3</sub>)

Figura<sub>1</sub>:



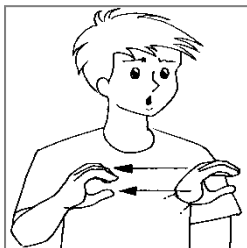
**QUINTA-FEIRA**  
**CONFIGURAÇÃO DE MÃO: 3**

Figura<sub>2</sub>:



**NORA**  
**CONFIGURAÇÃO DE MÃO: N ou 21**

Figura<sub>3</sub>:



**CUNHAD@<sup>7</sup>**  
**CONFIGURAÇÃO DE MÃO: C ou 12**

Observa-se que alguns sinais utilizam a forma do alfabeto manual, chamamos de empréstimo linguístico do alfabeto manual. Conforme afirma Brito (1995, p.29):

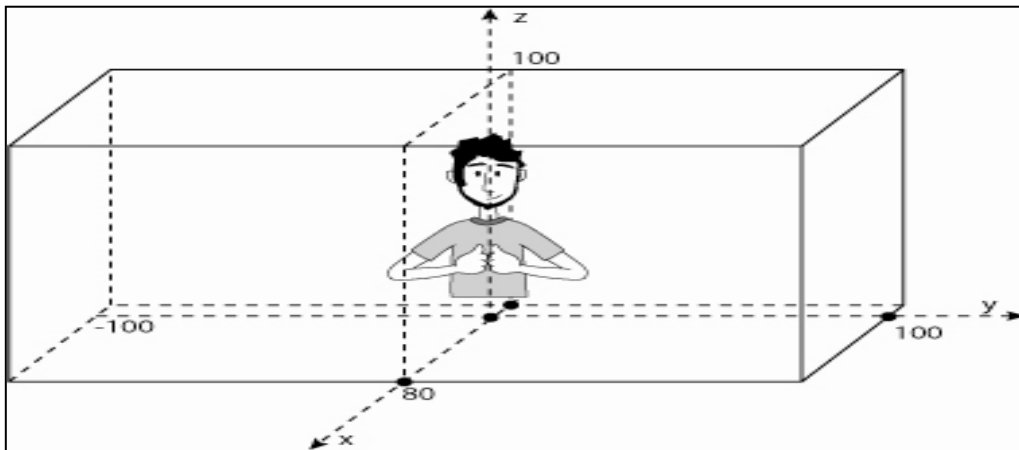
[...] É um recurso do qual se servem os usuários das línguas de sinais para os casos de empréstimos vindos das línguas orais, consistindo-se de um alfabeto manual criado a partir de algumas configurações de mão(s) constituintes dos verdadeiros sinais.[...] (BRITO, 1995, p.29).

<sup>7</sup> Usa-se “@”, pois na Libras não há marca de gênero para identificar se é feminino ou masculino, será necessário fazer o sinal que refere aos dois gêneros.

**b) Ponto de Articulação (PA):** É o lugar onde a configuração de mão se realiza, podendo essa tocar alguma parte do corpo ou estar em um espaço, ou seja, do meio do corpo até a cabeça.

### 2.5.1. Espaço de realização dos sinais na Libras

**Quadro 2: Langevin & Ferreira Brito, 1988, p. 01.**



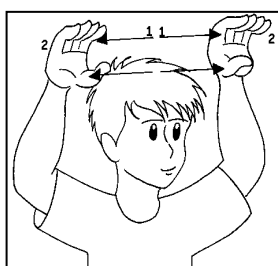
EXEMPLOS: (Figura<sub>1</sub>, Figura<sub>2</sub> e Figura<sub>3</sub>)

Figura<sub>1</sub>

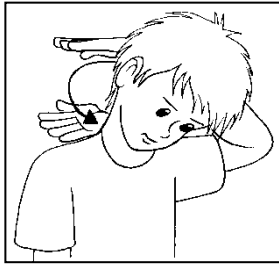


**HISTÓRIA**  
**PONTO DE ARTICULAÇÃO: TESTA**

Figura<sub>2</sub>

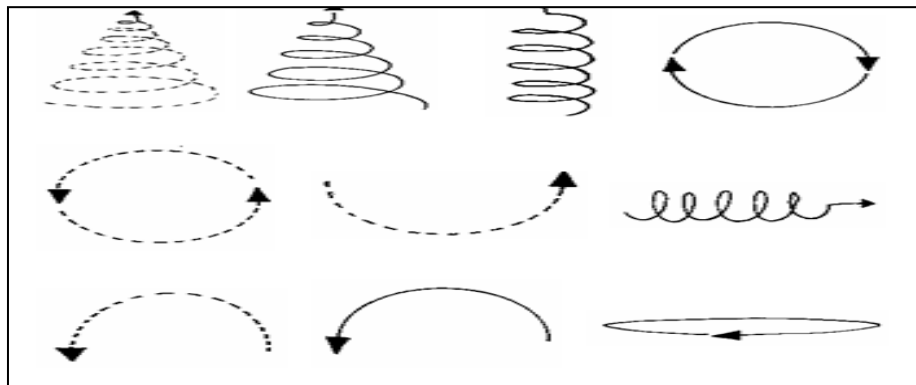


**CÉU**  
**PONTO DE ARTICULAÇÃO: ACIMA da CABEÇA**

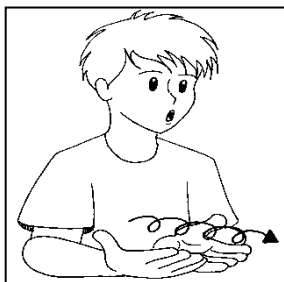
Figura<sub>3</sub>**CAMELO****PONTO DE ARTICULAÇÃO: NUCA**

- b) Movimento (M):** Os sinais podem ter um movimento ou não. Segundo Quadros e Karnopp (2004), o movimento é definido como um parâmetro complexo que pode envolver uma vasta rede de formas e direções, desde os movimentos internos da mão, os movimentos do pulso e os movimentos direcionais no espaço.

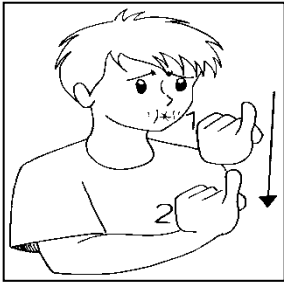
**Quadro 3: CAS – Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento ao Surdo.**



EXEMPLOS: (Figura<sub>1</sub>, Figura<sub>2</sub> e Figura<sub>3</sub>)

Figura<sub>1</sub>**BARCO****MOVIMENTO: ESPIRAL**



Figura<sub>2</sub>**MAGRA****MOVIMENTO: RETO PARA BAIXO**Figura<sub>3</sub>**SEMPRE****MOVIMENTO: ELÉTRICO**

Portanto, ressalta-se que os aspectos linguísticos não param por aqui, há várias modalidades lexicais, sintáticos e morfológicos da Libras, constituindo um *corpus* para essa pesquisa. As expressões faciais/corporais são uma maneira específica compondo a estrutura da Libras.

No próximo item será finalizado o processo de contextualização com os Tópicos Linguísticos: sintaxe na Libras.

## 2.6. Tópicos Linguísticos Libras: sintaxe conceito geral

Conforme o Dicionário Michaelis (1998), a palavra **sintaxe** ((*x* soa com *ss*), do grego *syntaxis* (prefixo grego *syn* (que corresponde ao nosso prefixo *com* e indica simultaneidade, junção) + o substantivo *táxys* (ordem, ordenação)), é a parte da gramática que ensina a dispor as palavras para formar as orações, as orações para formar os períodos e parágrafos, e estes para formar o discurso.

Satutchuk (2004, p.35) destaca em sua pesquisa:

[...]a sintaxe é a parte da gramática que se preocupa com os padrões estruturais, com as relações recíprocas dos termos nas frases e das frases entre si, enfim, de todas as relações que ocorrerem entre as unidades linguísticas no eixo sintagmático (aquela linha horizontal imaginária). (SATUTCHUK, 2004, p. 35)

Então, as frases não são apenas um amontoado de palavras sem nexos, e sim, um conjunto articulado de frases que se relacionam e se organizam numa sequência lógica para se tornarem coesas e compreensíveis. Mas na Libras, como funcionam? Focaremos a estrutura da frase e o uso de marcadores não manuais (expressões faciais, movimentos dos olhos, corpo) que é importante para a construção de sentido nas frases em Libras.

Quadros e Karnopp (2004) pontuam que a comunicação humana pode ocorrer de diversas maneiras, sem que recorremos à linguagem verbal (falada ou sinalizada). Entretanto, são as leis sintáticas que elegem certas construções em uma determinada língua a serem aceitas ou não. Sautchuk (2004, p.36) afirma ainda:

As leis sintáticas de uma língua funcionam como uma espécie de guardião da inteligibilidade da superfície linguística de um texto, pois são o elemento gerador e disciplinador das unidades linguísticas que compõem as frases desse texto. É a *sintaxe*, sem dúvida, o princípio construtivo e mantenedor da identidade da língua e, como tal, tem sua importância alçada a de assegurar a própria capacidade comunicativa dos textos. (Sautchuk, 2004, p.36).

Portanto, no próximo tópico, analisaremos como funcionam todos os processos e explicações elencados até aqui. O que são essas expressões não manuais e como ela é empregada nas frases da LIBRAS.

### **2.6.1. Libras: forma gramatical**

As expressões faciais desempenham papel importante, por sua vez, estas também fazem parte da expressão humana, com elas podemos revelar emoções, sentimentos e intenções.

Conforme Brito (1995, p.41) afirma que:

É importante notar que tanto os parâmetros primários, como os secundários e os componentes não-manuais podem estar presentes simultaneamente na organização do sinal. O sinal se realiza multidimensionalmente e não linearmente, como acontece, em geral, com as palavras orais, e a sua realização necessita da presença simultânea de seus parâmetros. (BRITO, 1995, p.41)

As expressões faciais são divididas em: *expressões afetivas, expressam sentimentos; expressões gramaticais*, relacionam-se a certa estrutura, são específicas, tanto no nível morfológico quanto na sintaxe.

Também, acompanham determinadas estruturas, possuindo um escopo bem definido. No nível da sintaxe, essas marcações não-manuais, indicam determinados tipos de construção, são elas: formas negativas; formas interrogativas; formas afirmativas; formas exclamativas.

Logo, observaremos as formas negativas, interrogativas, afirmativas e exclamativas.

### 2.6.1.1. Formas Negativas, Interrogativas e Afirmativas

No movimento da cabeça (negando), as expressões faciais são obrigatórias para marcar sentenças negativas, pois estão diretamente ligadas às questões sintáticas. Caso contrário, a sentença tornará agramatical.

A seguir, apresentamos algumas ilustrações, quadros, os processos das formas negativas, conforme a gramática da LIBRAS:

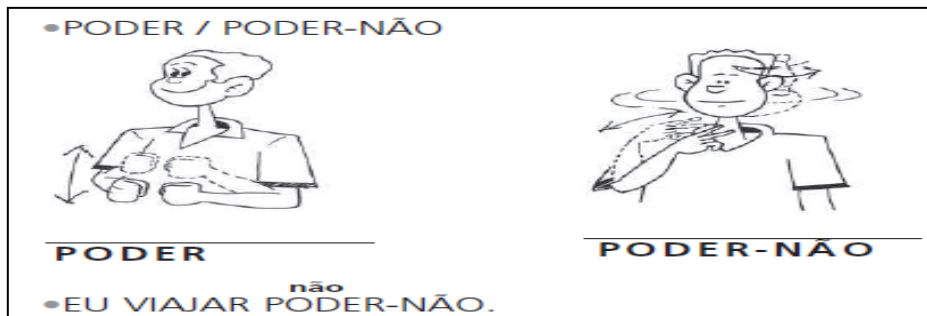
a) Com o acréscimo do sinal NÃO à frase afirmativa:

Exemplo:



Fonte: Libras em contexto, por Tanya A. Felipe, (2007, p. 65).

b) Com a incorporação de um movimento contrário ao sinal negado:



Fonte: Libras em contexto, por Tanya A. Felipe, (2007, p. 66).

c) Com um aceno de cabeça que pode ser feito simultaneamente com a ação que está sendo negada ou juntada com os processos acima:



Fonte: Libras em contexto, por Tanya A. Felipe, (2007, p. 66).

- **Interrogativas**

Apresenta uma pequena elevação da cabeça, acompanhada do franzir da testa. São relativas a argumentos usando expressões interrogativas, tais como:

*O QUE?* – O que?

*COMO?* – Como acidente acontecer?

*ONDE?* – Casa seu, onde?

*QUEM?* – Caneta meu sumir, quem pegar?

*POR QUE?* – Por que você sumir aula?

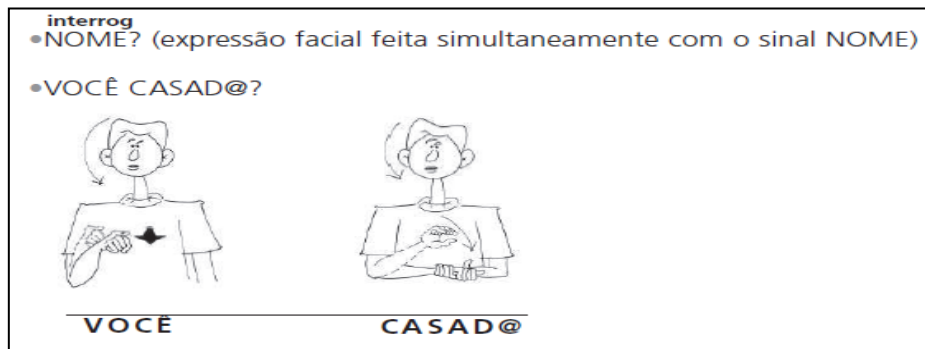
*QUANDO?* – Quando <sup>1s</sup> poder encontrar <sup>2s</sup>?

*QUANTO?* – Quanto custar carne mercado?

*QUAL?* – Nome Qual?

*VOCÊ?* – Você casad@?

Exemplo:

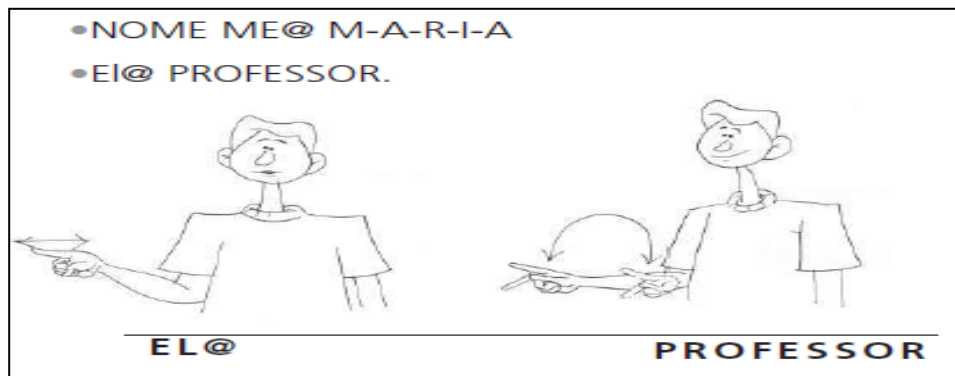


Fonte: Libras em contexto, por Tanya A. Felipe, (2007, p. 64).

- **Afirmativas**

Movimento da cabeça para cima e para baixo, indicando afirmação. Neste caso, a afirmação está relacionada a construções, ou seja, a expressão facial é neutra.

Exemplo:



Fonte: Libras em contexto, por Tanya A. Felipe, (2007, p. 64).

## 2.7. Sintaxe espacial: ordem básica da frase

Quadros e Karnopp (2004), dizem: “Ordem das palavras é um conceito básico relacionado com a estrutura da frase de uma língua. O fato de que as línguas podem variar suas ordenações das palavras apresenta um papel significante nas análises linguísticas. Por

exemplo, Greenberg (1966) observou que de seis combinações possíveis de sujeito (S), objeto (O) e verbo (V), algumas delas são mais comuns do que outras.”

Segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 138-139), considerando os vários estudos apresentados, a ordem básica na ASL parece ser SVO. No entanto, a interação entre diferentes mecanismos gramaticais deriva outras ordenações possíveis nesta língua, são elas:

- Ordem SVO: elevação do objeto devido à presença de verbos manuais (Chen, 1998), verbos com aspecto (Matsuoka, 1997; Braze, 1997) e concordância (Fischer, 1975); há também uma proposta especial analisando como uma derivação falsa de SVO, uma vez que haveria três em vez de uma única derivação (Padden, 1990);
- Ordem OSV: topicalização (Fischer, 1975; Liddell, 1980; Aarons, 1994) elevação do objeto devido à presença de verbos manuais (Chen, 1998) e de verbos com aspecto (Matsuoka, 1997; Braze, 1997);
- (S) V (O): argumentos nulos possíveis, porque a ASL é uma língua que marca o parâmetro de argumentos nulos (Lillo-Martin, 1986).

Portanto, as estruturas introduzem ao discurso uma informação nova, por vezes estabelecem contraste. A ordem básica ou canônica das sentenças na maioria das línguas é SVO, porém na Libras podemos constatar as seguintes: **SVO, OSV, SOV e VOS**.

Vejamos alguns exemplos com as devidas estruturas frasais em LIBRAS; segundo o modelo da gramática da Libras.

### 2.7.1. Construção com SVO



Temos a Frase em SVO como segue a figura ao lado:

EU PERDER LIVRO  
 ↓ ↓ ↓  
 S V O

Estrutura básica de uma frase. (Sujeito, Verbo e Objeto).

Fonte: Quadros e Karnopp (2004)

### 2.7.2. Construção da ordem (S)V(O), possibilita omitir-se tanto o sujeito quanto o objeto.



Temos então o Verbo “DAR”, nessa construção frasal houve a omissão do Sujeito (S) e do Objeto (O).

Ex: (s) DAR (o)  
 ↓  
 V

Fonte: Quadros e Karnopp (2004)

Para a frase ter sentido é necessário que realizemos esse movimento de semicírculo de que alguém está dando algo a esse alguém.

### 2.7.3. Construção com SOV



Fonte: Quadros e Karnopp (2004)

Nesse exemplo temos a construção em SOV, ou seja, Sujeito (S); Objeto (O) e Verbo (V):

Ex:

EU	LIVRO	PERDER
↓	↓	↓
<b>S</b>	<b>O</b>	<b>V</b>

Entretanto, os dados apresentados segue a ordem básica da Língua de Sinais Brasileira é SVO e as ordens mencionadas acima (OSV, SOB e VOS) são ordens derivadas de SVO.

Conforme a explicação de Borba (1998, p.12), em relação às unidades que:

“a possibilidade de articulação é um instrumento de criatividade lingüística na medida em que permite às unidades, uma vez independentes, se recomporem em novas combinatórias, o que não deixa também de constituir economia, já que cada unidade pode ser reaproveitada num grande número de combinações”. (BORBA, 1998, p.12).

Por fim, no próximo capítulo, iremos abordar a descrição da Libras do século XIX até o século XXI, e ressaltaremos na comparação as mudanças dos parâmetros - Configuração de Mão (CM), Ponto de Articulação (PA) e Movimento (M).



### 3. DESCRIÇÃO DA LIBRAS DO SÉCULO XIX E XXI.

A Libras sofreu influência da Língua de Sinais da França, mas ressalta-se que cada país tem hoje sua própria língua. Antes da implantação do uso de Libras, a escola adotava meios que tentavam restaurar a audição, com salas especializadas, os alunos usavam aparelhos auditivos, professores falavam cada vez mais alto na perspectiva de seus alunos entenderem o conteúdo daquela forma.

De acordo com Mazzota (1989, p.43-44), a interação mediante a comunicação, a assimilação, pela participação ativa e reconhecida do excepcional como elemento do grupo de crianças “normais” e, finalmente, a aceitação, refletida na aprovação da criança excepcional como elemento participante e aceito no grupo, mediante relações regulares e espontâneas que fazem com que o excepcional seja incluído naturalmente no seu grupo.

A luta dos surdos é longa, porém a legislação em relação a sua língua é recente. Para que a Língua Brasileira de Sinais – A Libras tenha maior perceptividade dentro de uma sociedade de ouvintes, é necessário expandir os movimentos surdo, assim, difundir sua cultura e língua. Cabral (2002, p.25) afirma, que *“O acesso a sua própria língua é que permite ao surdo a liberdade para aprender, ensinar, pesquisar e divulgar sua cultura.”*

Nesse mesmo sentido, a autora Perlin (2004), afirma que o surdo é reconhecido através do uso da sua língua própria, ou seja, sua língua materna, mas nada impede de usar a língua portuguesa na forma oral:

[...] que não se trata de ser surdo que oraliza ou não, mas de “ser surdo em sua língua e linguagem própria”; nesse caso, ele pode optar por utilizar ou não a língua portuguesa para promover o intercâmbio cultural[...] (PERLIN, 2004, p.72)

Sabe-se que a Libras evoluiu no século XIX, devido aos fatos históricos e as marcas deixadas pela LSF<sup>8</sup>. Segundo Silva (2007), A referida língua visual possui todos os elementos classificatórios identificáveis numa língua e demanda prática para seu aprendizado, sendo uma língua viva e autônoma. Da mesma forma que as línguas orais-auditivas, variando de lugar para lugar, de comunidade para comunidade, a língua de

---

<sup>8</sup> Língua de Sinais Francesa

sinais também varia em vários países. Como afirma Fernandes (2003, p.39), nem as línguas orais-auditivas são universais e cada lugar tem sua particularidade e também ocorrerá com a língua de sinais:

As línguas de Sinais são sistemas abstratos de regras gramaticais, naturais das comunidades de indivíduos surdos que as utilizam. Como todas as línguas orais-auditivas, não são universais, isto é, cada comunidade lingüística tem a sua. Assim, há uma língua de sinais inglesa, uma americana, uma francesa e várias outras, e vários países, bem como a brasileira. (FERNANDES, 2003, p.39).

Porém, no século XIX, por volta do ano de 1875, surge a *Iconographia de Signaes* – Iconografia de Sinais dos Surdos-mudos, de Flausino José da Gama, que era aluno do Instituto do Rio de Janeiro – 1875. Esse dicionário facilitou a comunicação entre os alunos surdos e professores do INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos). Sua reprodução durou por muito tempo e foi um marco para divulgar a Língua de Sinais do Brasil. Supalla (2008) afirma sobre a liberdade da língua de sinais:

A liberdade de expressar a língua de sinais durou muito, porque foi divulgada a decisão final sobre a Língua de Sinais na educação escolar que chocou todas as comunidades surdas dos países do mundo. Na história da evolução dos sujeitos surdos mudos do mundo, que foi ignorada durante muitos anos pela sociedade, os surdos eram considerados como inferiores e inaptos por não terem um dos sentidos: a audição (SUPALLA, 2008).


Diante desse pensamento que determinou a realização do capítulo, pois descreveremos as mudanças nos parâmetros da Libras, considerando a aproximação e/ou distanciamento da Língua de Sinais do Século XIX ao Século XXI. Segundo Campello (2011, p. 03) com os traços discutidos por BRITO *apud* (KARNOPP, 1994) para a Língua de Sinais Brasileira, consideram-se necessários 12 traços para a análise das CMs: [compacta], [aberta], [côncava], [dual], [indicadores], [radial], [toque], [separada], [cruzada], [dobrada] para se fazer comparações contrastivas de sinais nos desenhos apresentados de 1857, 1875, 1969 e 2002.

Assim, afirma Campello (2011, p. 03):

Utilizarei o sistema numérico da CM de Pimenta (2002) para os sinais da língua de sinais brasileira e analisarei todas as mudanças fonético-fonológicas e seus processos. Tal procedimento é adotado na descrição e análise de línguas orais como referência padrão para a análise e descrição lingüística. A metodologia bidimensional proposta por Hernandez (apud KARNOPP, 1994) desenvolve-se em duas etapas: 1ª etapa: análise contrastiva que vai fornecer o inventário das mudanças fonético fonológicas. Fonologicamente, será importante porque determinará os fones usados com valor contrastivo, para comparar com o alvo da mudança fonético-fonológica; 2ª etapa: análise dos traços distintivos que ocorreram no processo da mudança fonético fonológica diferente do atual, por meio de processos de substituição e de apagamento. Isto implicará uma diferença entre os sinais entre 1857 e 2002. (CAMPELLO, 2011, p. 03)

No artigo da referida autora publicada na revista Mundo & Letras, fez-se a análise da mudança fonética-fonológica de Configuração de Mãos, poderemos observar o registro da função fonológica e as mudanças na realização fonética de CMs. Serão verificados os seguintes processos: *“substituição de uma CM por outra, ampliando o uso de uma determinada CM; variação livre entre CMs contrastivas, dando-lhes o tratamento de alofones; atribuição de valor contrastivo a alofones do sistema padrão15.”* (CAMPELLO, 2011, p. 03).

## BURRO

LSF - 1857	LSB - 1875	LSB - 1969	LSB - 2002
			

O sinal BURRO da LSB teve total influência da LSF, cuja CM - configuração de mão permaneceu na mesma locação, com os dedos para cima, só que houve mudança na posição da mão e um processo fonológico de apagamento<sup>9</sup>.




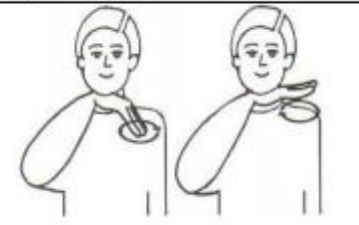
<sup>9</sup> Os parâmetros fonológicos são: locação (o lugar onde os sinais são localizados), movimento (onde os sinais fazem movimento ou não no espaço) e configuração de mão (que é uma unidade fonética e fonológica que pode ser comparada aos fones/fonemas das línguas orais, ou seja, é através Dela que os

## VACA

LSF - 1857	LSB - 1875	LSB - 1969	LSB - 2002
			

O sinal VACA foi modificado apenas na locação. As duas CMs – configurações de mãos, no processo de apagamento, passaram para uma CM. O contorno (semicircular) da CM foi alterado e o movimento passou a ter um dobramento do pulso unidirecional (de baixo para cima). Processo de assimilação.

## PORCO

LSF - 1857	LSB - 1875	LSB - 1969	LSB - 2002
			





O sinal PORCO teve total influência da LSF, cuja CM - configuração de mão permaneceu em todos os anos sem modificar nenhum traço fonético-fonológico. Os sinais de 1857 e de 1875 apresentam ausência de movimentos por meio de setas, ao

---

sinais são produzidos e passam a fazer sentido, juntamente com a orientação, expressão não manual, locação etc.)




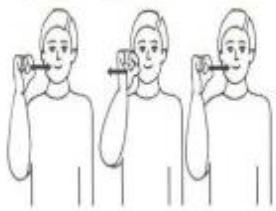
contrário dos sinais de 1969 e de 2002. Há hipótese de haver processo de incorporação de movimento<sup>10</sup>.

### LEBRE

LSF - 1857	LSB - 1875	LSB - 1969	LSB - 2002
			

O sinal LEBRE (analogia do sinal COELHO) teve total influência da LSF cuja CM – configuração de mão permaneceu na mesma locação e um processo fonológico de incorporação – duplo movimento.

### RATO

LSF - 1857	LSB - 1875	LSB - 1969	LSB - 2002
			

<sup>10</sup> Hipótese de haver movimento nos sinais de 1857 a 1875, igual se vê nos sinais de 1969 e 2002.

O sinal RATO foi modificado em nível fonético-fonológico, tanto nas configurações de mãos, como na locação. O que era articulado no nariz mudou para a locação da bochecha. A hipótese é que o sinal de 1969 tem os traços da ASL (Língua de Sinais Americana), que pode ter entrado no território brasileiro.

Por fim, o próximo tópico descreve a Língua Brasileira de Sinais – Século XIX 1875 de Flausino José da Gama<sup>11</sup>, com a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS – Século XXI que será representado pelo Dicionário Eletrônico da LIBRAS, analisando a aproximação e o distanciamento dos sinais dos dois Séculos, pois segundo Brito (1995) a estrutura da LIBRAS é constituída de parâmetros primários e secundários: configuração das mão, ponto de articulação, movimento e disposição das mãos, orientação das mãos, região de contato e expressões faciais, mas a descrição está voltada para: Configuração das Mãos (CM); Ponto de Articulação (PA) e Movimento (M).

### 3.1. Libras: passado e presente.

Para realizar a descrição dos sinais abaixo e suas respectivas mudanças, utilizamos o Quadro de configurações de mãos disponibilizado pela Secretaria de Educação/MEC. Para a base de nossa pesquisa, a apostila do século XIX *Iconographia de Signaes* e para representar o século XXI, o dicionário eletrônico disponível em: <http://www.acessobrasil.org.br/libras/>. Assim, como Nascimento (2005, p.4b) afirma:

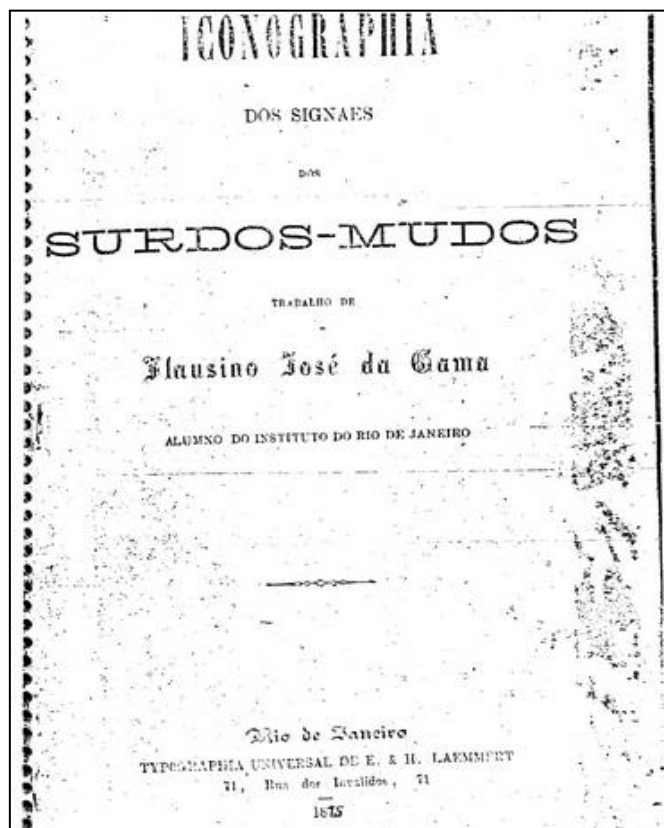
[...]Esse processo de mudança lingüística em meio às condições históricas de seu uso exige que assumamos uma nova concepção de descrição lingüística, ou mesmo que a neguemos, uma vez que nessa descrição deve estar incluída a história. (NASCIMENTO, 2005, p.4b)

Para um melhor esclarecimento seguem as páginas de inicio das obras consultadas. A primeira refere-se ao dicionário de Flausino José da Gama organizador

---

<sup>11</sup> Foi aluno do Instituto do Rio de Janeiro que desenvolveu a apostila seguindo os modelos da LSF – Língua de Sinais Francesa.

do dicionário de Libras no ano de 1875. Já a segunda refere-se a página inicial do Dicionário Eletrônico da Libras dos dias atuais:



[Anúncios Google](#)
[Curso de libras](#)
[Interprete libras](#)
[Libras sinais](#)
[Dicionário](#)

## LIBRAS Dicionário da Língua Brasileira de Sinais

versão 2.1 - web - 2008

# - A - B - C - D - E - F - G - H - I - J - K - L - M - N - O - P - Q - R - S - T - U - V - X - Z

Assuntos	Palavras	Acepção	Vídeo
			<input type="button" value="Tocar Novamente"/> <input type="button" value="Repetir"/>
			<input type="text"/> <input type="text"/>
			<input type="text"/> <input type="text"/>

[Acessibilidade Brasil](#)
[www.acessobrasil.org.br](http://www.acessobrasil.org.br)

créditos • concepção e metodologia • libras em cd

Para obter uma cópia do dicionário de LIBRAS em cd, entre em contato com o [INES](#).

Além disso, para fazer a descrição das 369 imagens existentes, utilizamos, 9 imagens para realizar as ocorrências do dicionário *Iconographia de Signaes*, pois as imagens não estão nítidas e o mesmo número do *Dicionário Eletrônico da Língua Brasileira de Sinais*. A descrição da Libras, tem como intuito detalhar as ocorrências das marcas estruturais ao longo do tempo e observar as mudanças em alguns parâmetros da Libras. Os sinais descritos são: HOMEM; MULHER; SAL; QUEIJO; PAI; PROFESSOR; COLHER; GARFO; CARNE. Antes de começar a descrição dos sinais mencionados acima, destacar-se-ão as mudanças ocorridas até no Alfabeto Manual, para essa comparação utilizar-se o alfabeto de *Iconographia de Signaes* 1875 e do alfabeto manual disponível em: <http://mdsilencio.blogspot.com.br/2009/11/alfabeto-manual-em-libras.html>.

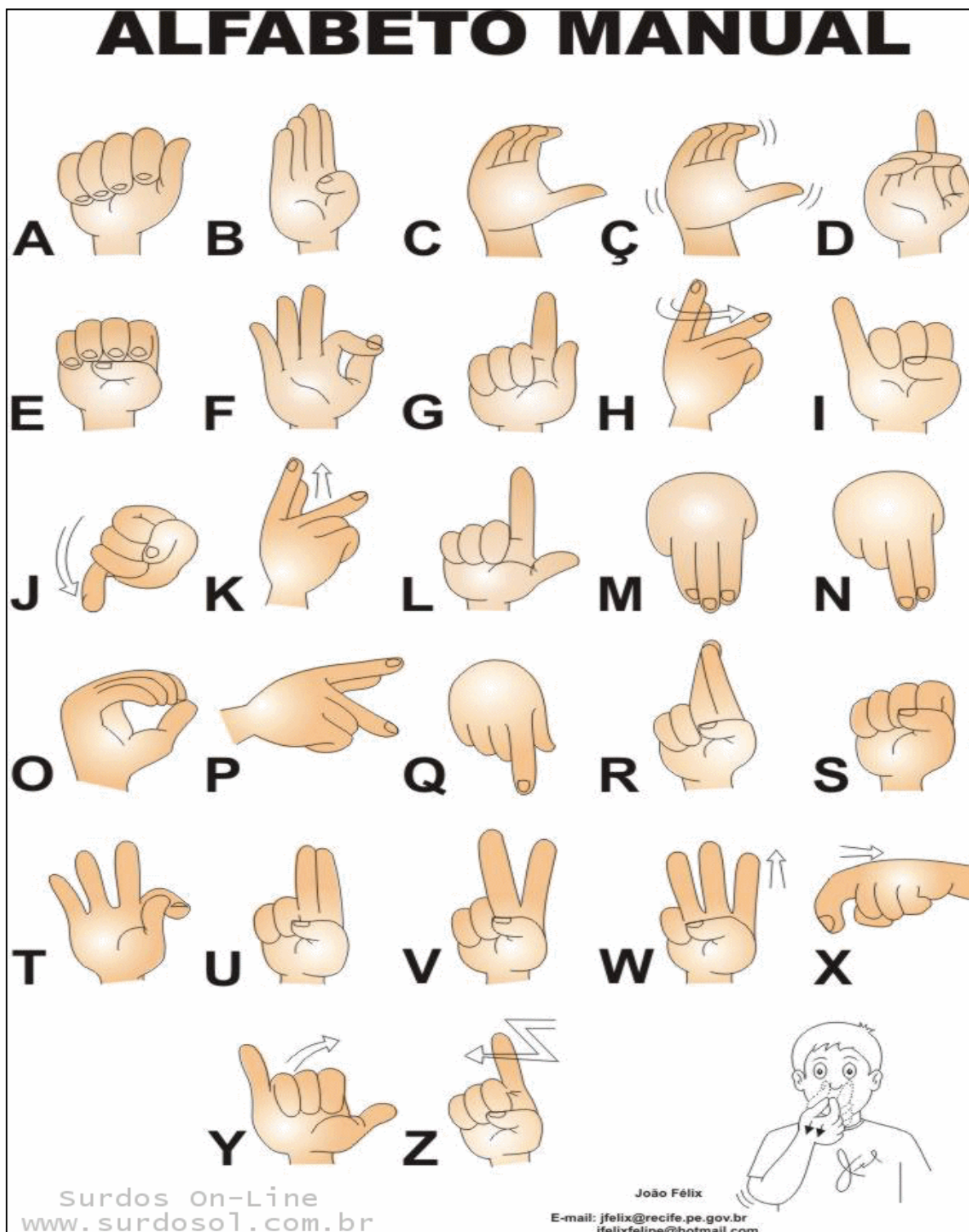
Como observaremos, a Libras passará por mudanças ao longo do tempo na sua modalidade gestual-visual-espacial, conforme Strobel e Fernandes (1998), e essas diferenças já são visíveis no alfabeto manual: as letras A; B; C; D; E; F; G; H; J; K; L; O; P; R; T; U; X; Y e Z, não sofreram alterações na sua forma; o que ocorreu com as letras I; M; N; Q; S; V. Agora será mostrado como ocorreram tais mudanças.

### ICONOGRAPHIA DE SIGNAES 1875





## MDSILÊNCIO 2013



Logo, serão verificadas as mudanças que tangem ao alfabeto manual:

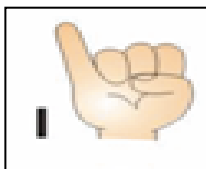
Letra “I”

Antes



A letra “I” era feita com o dedo Indicador.

Depois



A Letra “I” hoje é com o dedo Mindinho

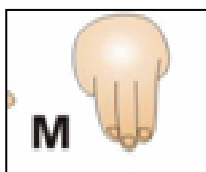
Letra “M”

Antes



A letra “M” era feita com os dedos Médio, Anelar e Mindinho.

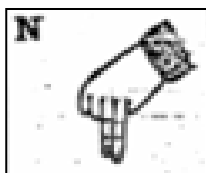
Depois



A Letra “M” hoje é com os dedos Indicador, Médio e Anelar.

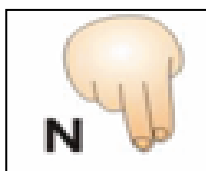
## Letra “N”

Antes



A letra “N” era feita com os dedos Anelar e Mindinho.

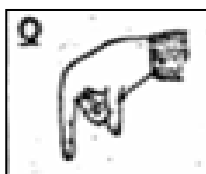
Depois



A Letra “N” hoje é com os dedos Indicador e Médio.

## Letra “Q”

Antes



A letra “Q” era feita com os dedos Indicador e Polegar abertos.

Depois



A Letra “Q” hoje é com os dedos não mudaram, mas estão fechados.

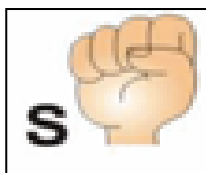
## Letra “S”

Antes



A letra “S” era feita com todos os dedos e era aberto.

Depois



A Letra “S” hoje é feita com todos os dedos, mas estão fechados.

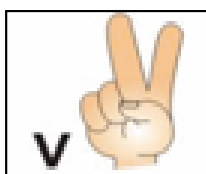
## Letra “V”

Antes



A letra “V” era feita com todos os dedos Indicador, Médio e Anelar e que hoje significa a letra “W”.

Depois



A Letra “V” hoje é feita com todos os dedos Indicador e Médio.

Por fim, fizeram-se as ocorrências com as letras do Alfabeto Manual e se observou que houve algumas mudanças. Logo se observa a descrição dos 9 sinais da século XIX e XXI retirados dos dicionários mencionados aqui nesse tópico:

## a) Figura “HOMEM”

Figura A1:



Nota-se que a imagem não é perfeita, pois os recursos tecnológicos à sua reprodução, na época, diferiam muito dos atuais.

**CM:** tipo<sup>12</sup> em 67

**PA:** Testa

**M:** sem movimento

Imagem - Iconographia de Signaes

Figura A2:



Nota-se hoje a precisão da imagem com as novas tendências tecnológicas.

**CM:** 11

**PA:** queixo

**M:** reto para baixo fechando a mão.

Imagem do dicionário eletrônico <http://www.acessobrasil.org.br/libras/>

A Figura exhibe a mudança da forma do sinal HOMEM, assim, nota-se a configuração de mão em cada dicionário. Como se pode observar na figura A1, temos mão direita e/ou esquerda em (CM) tipo em “67”; como Ponto de Articulação (PA) mão fechada na testa e/ou cabeça; Movimento (M) sem movimento. Já na figura A2, temos mão direita e/ou esquerda em CM - “11”, PA – queixo; M – reto para baixo fechando a mão. Observa-se que, os sinais tiveram um grande distanciamento, mudando totalmente a forma e colocação.

<sup>12</sup> Em Configuração de Mão – CM – colocou-se tipo, pois a imagem não está precisa para colocar com exatidão o número certo da CM, pois se utiliza o conceito a tabela do Quadro 1, p. 45\*.

## b) Figura “MULHER”

Figura B1

**CM:** tipo 48**PA:** Bochecha**M:** sem movimento

Imagem - Iconographia de Signaes

Figura B2:

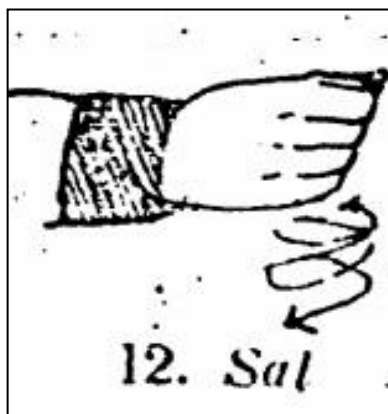
Palavras	Acepção	Video
MULHER	Ser humano do sexo feminino.	
MULHERENGO		
MULTA		
MULTAR		
MULTIDÃO		
MULTPLICAR		
MUNDO		
MUNICÍPIO		
MURAL		
<b>Exemplo</b>	<b>Exemplo Libras</b>	<b>Classe Gramatical</b>
Aquela mulher é bonita. Me apresente para eu conhecer.	MULHER ALI BONIT@ EU CONHECER NÃO.	SUBSTANTIVO
		<b>Origem</b>
		nacional
		<b>Mão</b>
		

**CM:** 68**PA:** Bochecha**M:** retoImagem do dicionário eletrônico <http://www.acessobrasil.org.br/libras/>

A Figura exhibe a mudança da forma do sinal MULHER, assim, nota-se a configuração de mão em cada dicionário. Como se pode observar, na figura B1, temos mão direita e/ou esquerda em (CM) tipo em “48”; como Ponto de Articulação (PA) bochecha; Movimento (M) sem movimento. Já na figura A2, temos mão direita e/ou esquerda em CM - “48”, PA – Bochecha; M – reto. Observa que, há algumas semelhanças nos sinais, mudam algumas desinências como: a configuração de mão e o movimento.

## c) Figura “SAL”

Figura C1:



CM: tipo 67

PA: Espacial

M: espiral

Imagem - Iconographia de Signaes

Figura C2:

Palavras	Acepção	Video	Video
SAL1	Cloreto de sódio; composto cristalino de sódio, usado como condimento, na conserva de carnes e, de modo geral, na indústria.		
SAL2			
SALA			
SALA DE JANTAR			
SALA DE TV			
SALA DE VISITA			
SALADA			
SALADA DE FRUTAS			
SALAME			
Exemplo	Exemplo Libras	Classe Gramatical	Mão
O sal acabou. Precisa comprar no supermercado.	SAL ACABAR PRECISAR SUPERMERCADO COMPRAR.	SUBSTANTIVO	
		Origem	
		nacional	

CM: 49 e 39

PA: boca

M: ascendente

Imagem do dicionário eletrônico <http://www.acessobrasil.org.br/libras/>

A Figura exibe a mudança da forma do sinal SAL, onde se nota a configuração de mão em cada dicionário. Como se pode observar a figura C1, temos mão direita e/ou esquerda em (CM) tipo em “67”; como Ponto de Articulação (PA) espacial; Movimento (M) espiral. Já na figura C2, temos mão direita e/ou esquerda em CM - “49 e 39”, PA – Boca; M – ascendente. Observa que, há um distanciamento enorme entre os dois sinais, tanto na forma quanto nos parâmetros.

## d) Figura “QUEIJO”

Figura D1:



Imagem - Iconographia de Signaes

**CM:** tipo 17**PA:** boca**M:** sem movimento

Figura D2:

Palavras	Acepção	Vídeo
QUEBRAR2 QUEBRAR3 QUEBRAR4 QUEDA QUEDA D' ÁGUA <b>QUEIJO</b> QUEIMADO1 QUEIMADO2 QUEIMADURA	Preparação sólida obtida a partir da coalhada do leite.	
<b>Exemplo</b> Eu como e adoro pão com queijo e mortadela!	<b>Exemplo Libras</b> EU COMER PÃO PRESUNTO QUEIJO JUNT@ EU ADORAR!	<b>Classe Gramatical</b> SUBSTANTIVO <b>Origem</b> nacional 

**CM:** 24**PA:** queixo**M:** circular

Imagem do dicionário eletrônico <http://www.acessobrasil.org.br/libras/>

A Figura exhibe a mudança da forma do sinal QUEIJO, assim, nota-se a configuração de mão em cada dicionário. Como se pode observar, na figura D1, temos mão direita e/ou esquerda em (CM) tipo em “17”; como Ponto de Articulação (PA) boca; Movimento (M) sem movimento. Já na figura D2, temos mão direita e/ou esquerda em CM - “24”, PA – queixo; M – circular. Observa que não há semelhança em nenhum dos sinais nem na forma quanto no parâmetro, a figura D1 hoje na LIBRAS significa o sinal “OPINIÃO”.




## e) Figura “PAI”

Figura E1:

**CM:** tipo 02 + 02**PA:** cintura**M:** ascendente

Imagem - Iconographia de Signaes

Figura E2:

Palavras	Aceção	Video	Video
PAGAMENTO1 PAGAMENTO2 PAGAR1 PAGAR2 PÁGINA1 PAGODE PAI1 PAI2 PAINEL	Homem que tem filho(s); genitor, progenitor.		
<b>Exemplo</b> Meu pai é advogado, trabalha na cidade.	<b>Exemplo Libras</b> PAI ME@ ADVOGAD@ TRABALHAR CIDADE.	<b>Classe Gramatical</b> SUBSTANTIVO	<b>Mão</b> 
		<b>Origem</b> nacional	

**CM:** 11 + 69**PA:** queixo e boca**M:** semi circularImagem do dicionário eletrônico <http://www.acessobrasil.org.br/libras/>

A Figura exhibe a mudança da forma do sinal PAI, em que se percebe a configuração de mão em cada dicionário. Na figura E1, temos mão direita e/ou esquerda em (CM) tipo em “02 + 02”; como Ponto de Articulação (PA) cintura; Movimento (M) ascendente. Já na figura E2, temos mão direita e/ou esquerda em CM - “11 + 69”, PA – queixo e boca; M – semi circular. Observa-se que nas duas figuras não há semelhanças e a figura E1 hoje é o sinal “NASCER”.

## f) Figura “PROFESSOR”

Figura F1:



Imagem - Iconographia de Signaes

**CM:** tipo 09 + 09

**PA:** testa

**M:** reto para frente

Figura F2:

Palavras	Aceção	Video
PRIVADO PROBLEMA PROBLEMÁTICO PROCESSAR PROCURAR PRODUÇÃO PRODUZIR <b>PROFESSOR</b> PROFISSÃO	Aquele que ensina uma matéria, uma técnica, uma arte, uma profissão; mestre.	
<b>Exemplo</b> Quando eu estudava, a minha professora de geografia era muito boa.	<b>Exemplo Libras</b> PASSADO EU ESTUDAR ME@ PROFESS@ GEOGRAFIA MUIT@ BO@.	<b>Classe Gramatical</b> SUBSTANTIVO <b>Origem</b> nacional <b>Mão</b> 

**CM:** 55

**PA:** espacial

**M:** semi circular repetido

Imagem do dicionário eletrônico <http://www.acessobrasil.org.br/libras/>

A Figura exibe a mudança da forma do sinal PROFESSOR, onde se evidencia a configuração de mão em cada dicionário. Na figura F1, temos mão direita e a esquerda em (CM) tipo em “09 + 09”; como Ponto de Articulação (PA) testa; Movimento (M) reto para testa. Já na figura F2, temos mão direita e/ou esquerda em CM - “55”, PA – espacial; M – semi circular repetido. Observa-se que não há semelhança nos sinais hoje. A figura F1 significa CAPTAR/COMPREENDER.

## g) Figura “COLHER”

Figura G1:

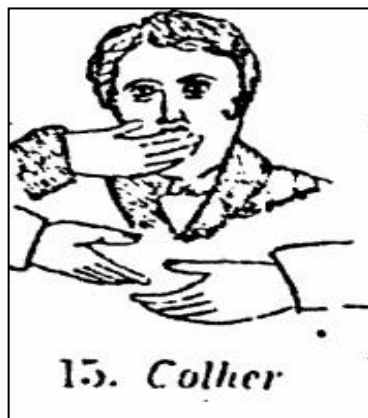


Imagem - Iconographia de Signaes

**CM:** tipo 75 + 75**PA:** espacial**M:** reto para boca

Figura G2:

Palavras	Acepção	Vídeo	Vídeo
COLCHÃO1 COLCHÃO2 COLEGA COLÉGIO COLHER1 COLHER2 COLHER3 COLIDIR COLINA	Peça de superfície côncava, com um cabo, usada para servir, misturar e levar o alimento à boca.		
<b>Exemplo</b> Procuro a colher, pois o bebê precisa comer.	<b>Exemplo Libras</b> PROCURAR COLHER BEBÊ PRECISAR COMER.	<b>Classe Gramatical</b> SUBSTANTIVO <b>Origem</b> nacional	<b>Mão</b> 

**CM:** 75 + 75**PA:** espacial**M:** reto para bocaImagem do dicionário eletrônico <http://www.acessobrasil.org.br/libras/>

A Figura exhibe a mudança da forma do sinal COLHER, e nota-se a configuração de mão em cada dicionário. Como se pode observar na figura B1, e na B2, temos mão direta e/ou esquerda em (CM) tipo em “75 + 75”; como Ponto de Articulação (PA) espacial; Movimento (M) reto para boca. Há semelhanças nos sinais, seguem por igual modo os parâmetros de hoje.

## h) Figura “GARFO”

Figura H1:



**CM:** tipo 01 + 54

**PA:** boca

**M:** direção para boca

Imagem - Iconographia de Signaes

Figura H2

Palavras	Acepção	Vídeo	Vídeo
GANANCIOSO	Talher com três ou quatro dentes, usado para levar o alimento à boca, ou para firmar aquele que deve ser cortado.		
GANGUE			
GANHAR			
GANSO			
GARAGEM			
GARÇOM			
GARÇONETE			
<b>GARFO</b>			
GARGALHAR1			
Exemplo			
Minha avó tem garfos de prata.	V-O-V-Ó ME@ TER GARFO PRATA.	SUBSTANTIVO	
		Origem	nacional

**CM:** 01 + 78

**PA:** espacial

**M:** reto para boca

Imagem do dicionário eletrônico <http://www.acesso brasil.org.br/libras/>

A Figura exibe a mudança da forma do sinal GARFO. Nota-se a configuração de mão em cada dicionário. Como se pode observar, na figura H1, temos mão direita e/ou esquerda em (CM) tipo em “01 + 54”; como Ponto de Articulação (PA) boca; Movimento (M) direção para boca. Já na figura H2, temos mão direita e/ou esquerda em CM - “01 + 78”, PA – espacial; M – reto para boca. Há algumas semelhanças nos sinais, mudam algumas desinências como: a configuração de mão de um é “01 + 54” e “01 e 78” e o movimento.

## D) Figura “CARNE”

Figura I1:

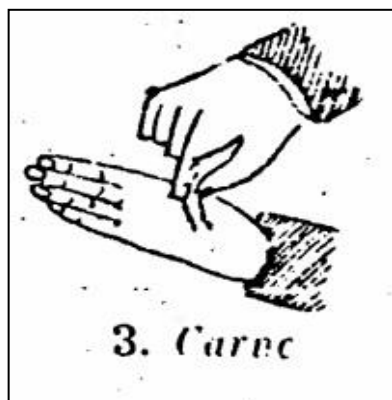


Imagem - Iconographia de Signaes

**CM:** tipo 40 + 01**PA:** espacial**M:** sem movimento

Figura I2:

Palavras	Acepção	Vídeo
CARNÉ	Pedaco de carne bovina, cozida no forno ou na panela.	
<b>CARNE</b>		
CARNE ASSADA		
CARNE MOÍDA		
CARNEIRO		
CAR01		
CAR02		
CARONA		
CARPINTARIA		

Exemplo	Exemplo Libras	Classe Gramatical	Mão
Vovó fez carne assada para nossa festa em família.	VOVÓ FAZER CARNE ASSAD@ FESTA FAMILIA.	LOC. SUBST.	
		Origem	
		nacional	

**CM:** 59 + 01**PA:** espacial**M:** sem movimento

Imagem do dicionário eletrônico <http://www.acessobrasil.org.br/libras/>

A Figura exibe a mudança da forma do sinal CARNE. Vê-se a configuração de mão em cada dicionário. Na figura I1, temos mão direita e/ou esquerda em (CM) tipo em “40 + 01”; como Ponto de Articulação (PA) espacial; Movimento (M) sem movimento. Já na figura I2, temos mão direita e/ou esquerda em CM - “59 + 01”, PA – espacial; M – sem movimento. Há semelhanças nos sinais, muda apenas o formato da configuração de mão, pois da figura I1 uma das mãos fica fechada e da figura I2 fica aberta.

Encerra-se este capítulo no qual foi realizada a descrição comparativa dos dados em duas categorias de sinais, uma do século XIX e a outra do século XXI, com o registro das ocorrências de dados de cada dicionário e, em seguida, uma breve explicação das descrições realizadas. Exploramos os pontos dessa pesquisa, os parâmetros da Libras que são as Configurações de Mãos, Ponto de Articulação e Movimento e os casos interessantes de alguns sinais em mudança. Utilizamos como material base para essa adequação e imanência o dicionário *Iconographia de Signaes* base da Língua de Sinais Francesa (LSF) e do *Dicionário Eletrônico da Língua Brasileira de Sinais (Libras)*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na pesquisa utilizamos os princípios da Historiografia Linguística aplicada a Libras segundo (Koerner, 1996). Fizemos o processo da contextualização histórica da Libras, sua estrutura e a descrição da mesma do século XIX ao século XXI, verificando uma aproximação e/ou distanciamento entre as duas épocas.

Esta pesquisa com caráter documental explica os estudos descritivos e da mudança nos parâmetros na Libras, foi concluída que a Língua Brasileira de Sinais (Libras) passou por um processo de contextualização histórico, assim, como a maioria das línguas que têm sua história e marca. Para a pesquisa, foi necessário fazer um levantamento da Historiografia Linguística, e assim, analisar na Libras, para que fosse resgatada uma parte da história da evolução da Libras e da educação dos surdos, através de dois dicionários, que foram documentos históricos que contribuíram para o processo de adequação e imanência da Libras. Com a utilização destes documentos, os dicionários, foi desenvolvido o *corpus* da pesquisa durante a descrição e explicação dos dados, ou seja, os sinais pesquisados em duas épocas distintas que foram levantados e descritos nove sinais para que se realizasse a classificação das duas categorias retiradas das suas épocas: sinais diferentes, sinais em que há uma certa semelhança e sinais em que há semelhança com outro significado.

Ao descrever as categorias, houve indefinição das mudanças no tocante a três parâmetros na Libras, as Configurações de Mãos, Ponto de Articulação e Movimentos. Há caso onde há diferença em alguns parâmetros e em outro caso não. Foram estudados os sinais dos dicionários, um que fundamentado na Língua de Sinais Francesa – Iconographia de Signaes de 1875, e o outro, o dicionário Eletrônico da Língua Brasileira de Sinais, e ambos serviram de base para esses estudos a fim de se observar as mudanças e semelhanças ocorridas nas propriedades manuais e visuais na língua materna dos surdos, a Libras.

Encontramos, durante a descrição, dificuldades na visibilidade das imagens do dicionário do século XIX, pois os sinais têm imagens simples, com pouca nitidez na CM, PA e M, por isso, foram considerados somente aqueles sinais com boa visibilidade para descrição e comparação das mudanças ou semelhanças entre os sinais. Assim,

evitamos prejuízo aos procedimentos metodológicos da pesquisa, e para um maior esclarecimento, encontra-se em anexo o dicionário completo de Flausino José da Gama de 1875 – *Iconographia de Signaes*.

Finalizando o processo de comparação do distanciamento e/ou aproximação dos dois dicionários, entendemos que a Libras faz parte da evolução da história e percorre desde o século XIX até hoje. Tivemos contato com sinais arcaicos que não são usados na comunidade surda atual, mas que podemos identificar que, como qualquer língua, a Libras passou por mudanças inovadoras no seu léxico.

As mudanças encontradas contribuem para a difusão e expansão da Libras. Assim, outros pesquisadores e os próprios surdos poderão recorrer a esta pesquisa e saber como foi o processo histórico e historiográfico desta língua, e identificar as mudanças no decorrer dos tempos em relação aos parâmetros da mesma.

Por fim, o estudo descritivo feito aqui auxilia as descobertas linguísticas voltadas a Libras, tanto em caráter acadêmico, social e histórico, reconhecendo assim, sua estrutura linguística e respectivas mudanças. Também faz-se necessário ressaltar as dificuldades em encontrar teóricos que abordassem tal conceito de historiografia e descrição da Libras, o que prova a complexidade da pesquisa histórica da Língua Brasileira de Sinais e o processo de mudança até os dias atuais.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBRES, N. A. **História da Língua Brasileira de Sinais em Campo Grande – MS.**

Rio de Janeiro: Editora Arara Azul, 2005.

ALMEIDA, M. E. **Alfredo Clemente Pinto e suas contribuições para o ensino de Língua Portuguesa:** um estudo historiográfico. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Programa de Estudo Pós-Graduado em Língua Portuguesa, PUC-SP, São Paulo. 2007.

ALMEIDA, M. P. de. **Língua Portuguesa e a Construção de Sentido para os Surdos Indígenas Usuários da Libras (Língua Brasileira de Sinais).** Rio de Janeiro: Editora Arara Azul, 2012.

ALMEIDA, M. P. de; ALMEIDA, M. E. **HISTÓRIA DE LIBRAS:** Características e sua estrutura. Rio de Janeiro: Revista Philologus, nº54, CiFEFiL, 2012, p. 315-327

\_\_\_\_\_. **TÓPICOS LINGÜÍSTICOS:** Sintaxe na Libras, Rio de Janeiro: Revista Philologus, nº55 CiFEFiL, jan./abr. 2013, p. 626-634.

\_\_\_\_\_. **LÍNGÜÍSTICA HISTÓRICA DE LIBRAS:** Fundamentos Filosóficos, Históricos e Sociológicos. Alto Araguaia, MT: Revista Avepalavra, 2013.

ALTMAN, C.A. **Pesquisa Linguística no Brasil (1500-1889)** – São Paulo: Humanitas/FFL/CH/USP, 1998.

CAMPELLO, A. R.. **Constituição Histórica.** Mundo & Letras, José Bonifácio/SP, v. 2, Julho/2011.

ARRUDA, J. J. e TENGARRINHA, J.M. **Historiografia luso-brasileira contemporânea.** São Paulo: EDUSC, 1999.

BASTOS, N. B. e PALMA, D. V. (org.) **História entrelaçada: a construção de gramáticas e o ensino de Língua Portuguesa no Século XVI ao XIX.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BASTOS, N. B.. **“O Fazer historiográfico em Língua Portuguesa”**. In: BASTOS, N. B.. *Língua Portuguesa em Calidoscópio*. São Paulo: Educ/Fapesp, 2004.

BASTOS, N. B. e PALMA, D. V. (org.) **História entrelaçada 2: a construção de gramáticas e o ensino de Língua Portuguesa na primeira metade do Século XX**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BEHARES, L. E. **Novas correntes da educação do surdo: dos enfoques clínicos aos culturais**. Santa Maria: UFSM, 2000.

BERTHIER, F. **Les Sourdes-muets avant et depuis l'abbé de l'Epée**. In LANE, H. E PHILIP, F. **The deaf experience: classics in language and education**, tradução do original francês para o inglês de Philip, F. Cambridge, Massachusetts e London: Harvard University Press, 1984. (Texto originalmente publicado em francês em 1840).

BORBA, F. da S. **Introdução aos estudos linguísticos**. 12. ed. Campinas: Pontes, 1998.

BRASIL. *Lei 10.436/2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e da outras providências. Disponível em <http://www.planalto.gov.br>. acesso em 26 de ago. de 2012.

\_\_\_\_\_. Decreto 5.626/2005. Regulamenta a lei nº. 10.436/2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de sinais – Libras, e o art. 18 da Lei 10.098/2000. Disponível em <http://www.planalto.gov.br>. acesso em 26 de ago. de 2012.

\_\_\_\_\_. **Ensino da língua portuguesa para surdos: caminho para a prática pedagógica**. 2. ed. Brasília: MEC/ SEESP, Vol. 1, 2007.

BRITO, L. F. **Integração Social & Educação de Surdos**. Rio de Janeiro: Babel Editora, 1993.

BRITO, L. F. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1995.

CABRAL, G. Algumas **considerações sobre o ensino do português escrito, como segunda língua para surdos**. In: **A discriminação em questão II**. / Estudos surdos. Secretaria da Educação. Diretoria de Política e Programas Educacionais. Diretoria Executiva de Educação especial. – Recife: Secretaria de Educação, 2002 – p.17-22.

- CAPOVILLA, F. C. **Filosofias educacionais em relação ao surdo: do oralismo à comunicação total ao bilinguismo.** Revista Brasileira de Educação Especial, v.6, n.1, 200.
- CASTRO, I. **Curso de História da Língua Portuguesa.** Lisboa: Universidade Aberta, 1991.
- CICCONE, M. M. C. **Considerações sobre os fundamentos básicos da Comunicação Total.** In: CICCONE, M. **Comunicação Total: introdução, estratégias a pessoa surda.** Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1996.
- COUTINHO, I. L. **Pontos de Gramática Histórica.** Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- COSTA, A. C. da R. et al.. **SignNet: adaptando as tecnologias da Internet para as linguagens de sinais e a educação de surdos.** Projeto submetido ao Edital CNPQ-Protem 01/99. 1999.
- DE CLERQ J. & SWIGGERS, P. **L'Histoire de la linguistique: L'autre Histoire et L'Histoire d'une Histoire. Neve Fragüen der Linguistik.** Org. por Elisabeth Felbusch, Reiner Poganele e Cornelia Weiss. Tubinger Verlag, 1991.
- DINIZ, H. G. **A história da Língua de Sinais Brasileira (Libras): Um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais.** Dissertação de Mestrado em Linguística. Florianópolis: CCE/UFSC, 2010.
- FACCINA, R. L. S. **Políticas Lingüísticas: Normatização do Ensino da Língua Portuguesa no Século XX.** Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. São Paulo: PUC-SP, 2002.
- FELIPE, T. A. **LIBRAS em contexto: Curso básico: Livro do estudante.** 8ª ed. Rio de Janeiro: WalPrint, 2007.
- FELIPE, T. A. **Libras em contexto de estudante.** Brasília: MEC, 2007.
- FERNANDES, S. **Educação bilíngüe para surdos: identidades, diferenças, contradições e mistérios.** Curitiba, 2003, Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal do Paraná.

FERNANDES, E. **Linguagem e surdez**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

FERNANDES, E. (org) **Surdez e bilinguismo**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

FENEIS. **Histórico**. 2012. Disponível em: <http://www.feneis.org.br/page/historico.asp>. Acesso em 15 de out. De 2012.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005<sup>a</sup>.

\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**/ Michel Foucault; tradução Salma Tannus Muchail. – 8<sup>a</sup> ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999. – (Coleção tópica).

\_\_\_\_\_. **A Verdade e as Formas Jurídicas**. (Trad. Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais, Supervisão gfinal do texto Lea Porto de Abreu Novaes...et al. L. – Rio de Janeiro: NAU Editora, 2005b.

Fromkin, V. and J. Rodman. 1993. **An introduction to language**. 5th ed. Fort Worth, TX: Harcourt Brace Jovanovich.

GALVÊAS, E. C. **A Revolução Industrial**: Uma visão crítica. Rio de Janeiro: Atlas 1999.

GAMA: F. J. **Iconographia de Signaes dos Surdos-Mudos**. Rio de Janeiro: Typographia Universal de E. & H. Laemmert, 1875.

GESSER, A. **“Um olhar no professor surdo e outro na caneta”**: ouvintes aprendendo a Língua Brasileira de Sinais. Tese de Doutorado, Campinas: IEL/UNICAMP, 2006.

GOLDFELD, M. **A Criança Surda**: Linguagem e Cognição numa Perspectiva Sócio-Interacionista. São Paulo: Plexus, 1997.

GUIMARÃES, M. A. C., **A Normalização na Prática Pedagógica e a Construção do Conceito de Inclusão nas Escolas Comuns da Educação Básica**. (Dissertação). Programa de Pós-Graduação em Educação – Curso de Mestrado. CCHS/UFMS, Campo Grande/MS, 2005.

GUIMARÃES, M. A. C.; ALMEIDA, M. P. de. **A educação bilíngue: a formação de profissionais.** In: **EDUCAÇÃO E CULTURA: LIÇÕES HISTÓRICAS DO UNIVERSO PANTANEIRO**/Olga Maria dos Reis Ferro, Zaira de Andrade Lopes, organizadoras. – Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2013, p. 135-149.

KALATAI, P.; STREIECHEN, E. M.. **AS PRINCIPAIS METODOLOGIAS UTILIZADAS NA EDUCAÇÃO DOS SURDOS NO BRASIL.** Unicentro. Disponível em: <http://anais.unicentro.br/seped/pdf/iiiiv3n1/120.pdf>.

KARNOPP, L.B..**Língua de Sinais e língua portuguesa: em busca de um diálogo.** In: LODI, A. C. et. AL. (org). **Letramento e minorias.** Porto Alegre: Mediação, 2002, p. 56-61.

KOERNER, K.. **Questões que persistem em historiografia linguística.** Revista da ANPOLL, nº 2, p. 45-70, 1996.

LOPES, M. C.. VEIGA NETO, Alfredo. **Marcadores culturais surdos: quando eles se constituem no espaço escolar.** In: Revista Perspectiva. v. 24, n. especial - jul./dez. 2006 – Florianópolis: UFSC.

MARTINS, D. A.; MACHADO, V. L. de C. **Educação bilíngue para surdos: um olhar a partir da trajetória de intérpretes de Língua Brasileira de Sinais.** ETD – *Educação Temática Digital*, Campinas, v.11, n.1, p.3, jul./dez.2009.

MARTINS, V. R. de O.. **Educação de Surdos e Inclusão: (Com) Partilhando Experiência de uma Escola Bilíngue.** Unicamp-FE/Prefeitura Municipal de Campinas. Disponível em: <HTTP://www.fe.unicamp.br/falaoutraescola/resumos-palestras/VanessaMartins.pdf>. Acesso em 10 de set. de 2012.

MASSINI-CAGLIARI, G. (org.) **Descrição do Português: Lingüística Histórica e Historiografia Lingüística.** São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2002.

MAZZOTTA, M. J.S. **Educação Especial no Brasil: História e políticas públicas.** São Paulo: Cortez Editor, 2001.

MICHAELIS: **moderno dicionário da língua portuguesa.** São Paulo: Melhoramento, 1998.

MOURA, M. C. de. **História e educação: o surdo, a oralidade e o uso de sinais.** In: LOPES FILHO, Otacílio de C. Tratado de fonoaudiologia. São Paulo: Roca, 1997.

MORELLO, A. M. M.. **La prueba: tendências modernas.** Buenos Aires: Abeledo-Perrot, 2001.

NASCIMENTO, J. V. **Fundamentos teórico-metodológicos da historiografia linguística.** In: \_\_\_\_\_. (Org.). **A historiografia linguística: rumos possíveis.** São Paulo: Pulsar/Terras do Sonhar, 2005.

NETO, S. **História da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1952.

NOGUEIRA, S. M. **Língua Portuguesa no Maranhão do século XIX sob o enfoque historiográfico.** São Paulo: PUC/SP, 2005. Dissertação de Mestrado.

OATES, E. (1969). **Linguagem das Mãos.** Rio de Janeiro: Gráfica Editora S.A. COLTED.

PEREIRA, M. C. da C.(org) **Orientações Curriculares e Proposição de Expectativas de Aprendizagem para a Educação Infantil e Ensino Fundamental.** São Paulo: Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, 2008.

PERLIN, G. T. T. 1998. **Histórias de Vida Surda: Identidades em questão.** Dissertação de Mestrado: Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PERLIN, G. T. T. **O lugar da cultura surda.** In: THOMA, Adriana da Silva. LOPES, Maura Corcini (Orgs). **A invenção da surdez: cultura, alteridades, identidade e diferença no campo da educação.** Santa Cruz do Sul/RS: EDUNISC, 2004.

PERLIN, G. T. T.; STROBEL, K. L.. **Fundamentos da Educação de Surdos.** Florianópolis: Centro de Comunicação e Expressão, UFSC, 2006.

QUADROS, R. M. de. **Aspectos da sintaxe e da aquisição da língua de sinais brasileira.** Porto Alegre: Letras de Hoje, 1995.

QUADROS, R. M. de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

- QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- SACKS, O. **Vendo vozes: Uma viagem ao mundo dos surdos**. Tradução: Laura Teixeira Mota. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SANTOS, V. L. C. dos. **A opinião de pais ouvintes e filhos surdos**. TCC apresentado para obter o título de Especialista em Estudos Surdos. Faculdade Santa Helena. Recife, 2009.
- SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- SAUTCHUK, I. **Prática de morfologia**: como e por que aprender análise (morfo)sintática. Barueri: Manole, 2004.
- SILVA, T. T. da (org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- SKLIAR, C. A surdez: **um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.
- SKLIAR, C. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 3. ed. Porto Alegre, 2005.
- SKLIAR, C.. **Os estudos surdos em educação**: problematizando a normalidade. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2010, p. 7-32.
- SOARES, M. A. L. **A educação do surdo no Brasil**. Campinas: Autores Associados, EDUSF, 1999.
- STEWART, D. A. **Pesquisa sobre o uso de língua de sinais na educação de crianças surdas**, In: MOURA, M.C. et al; **Língua de sinais e educação do surdo**. São Paulo: Tec Art, 1993.
- STROBEL, K. L.. **Surdos**: Vestígios culturais não registrados na história. Florianópolis, 2008. Tese de Doutorado em Educação – UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina.

STROBEL, K. L.; FERNANDES, S. **Aspectos lingüísticos da Língua Brasileira de Sinais**. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

Supalla, T. (2008). **Sign Language Archeology: Integrating Historical Linguistics with Fieldwork on Young Sign Languages**. In R. M. de Quadros (ed.), **Sign Languages: Spinning and unraveling the past, present and future**. Proceedings of the The Ninth International Conference on Theoretical Issues in Sign Language Research. Florianópolis, Brazil, December 2006. Petropolis, Brazil: Editora Arara Azul.

THOMPSON, K. **Estudos Culturais e Educação no Mundo Contemporâneo**. In: SILVA, R. M. (Org) **Cultura, poder e educação: Um debate sobre Estudos Culturais em Educação**. Canoas: ULBRA, 2005.

WOODWARD, K. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, T. T. da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

#### **SITES CONSULTADOS:**

[http://www.editora-arara-azul.com.br/flausino\\_gama.pdf](http://www.editora-arara-azul.com.br/flausino_gama.pdf). Acessado em 10 de jun. 2013, às 1h30min.

<http://www.publicarartigos.com/libras-conquista-dificuldade-difusao.php#ixzz2OeUHZ3AR>. 26 de mai. 2013 – 10h26min.

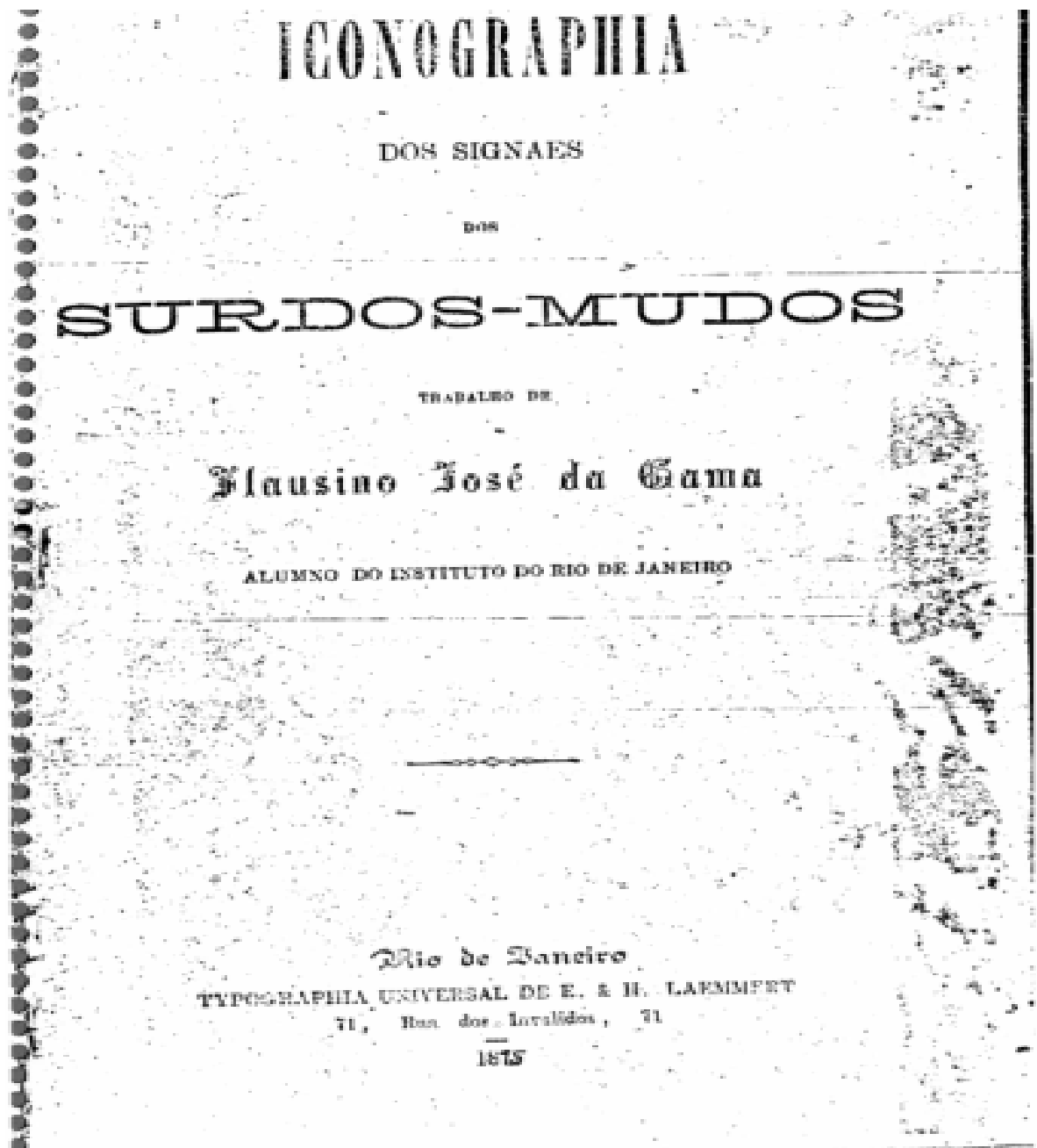
<http://www.fe.unicamp.br/falaoutraescola/resumos-palestras/VanessaMartins.pdf>. Acesso em 10 de set. de 2012.

<http://www.feneis.org.br/page/historico.asp>. Acesso em 15 de out. De 2012.

[http://www.revistamundoeltras.com.br/artigos2011/2011\\_Artigo01.pdf](http://www.revistamundoeltras.com.br/artigos2011/2011_Artigo01.pdf). Acesso em 15 de jan. 2013, as 09h20min.



## ANEXO 1: Dicionário Iconographia dos Signaes





ESTAMPAS



1. Camer



2. Pao



3. Carac



4. Linguisa



5. Cura



6. Ota



7. Ovo frito



8. Saludo



9. Queja



10. Pan frito con mostaza



11. Bolinka



12. Sal



13. Pimenta



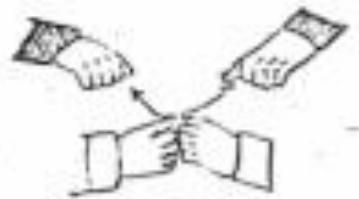
14. Guardanapo



15. Culher



16. Garfo



17. Faca



18. Sopresta



19. Yampirat

## Alimentos, objectos de mesa

À figura 1.<sup>a</sup> deve preceder o signal de cousa que se come.

Do mesmo modo se procede com o signal de refeição, antecedendo o signal de manhã para indicar almoço, de meio-dia jantar, etc.

Na figura 4.<sup>a</sup> a mão esquerda representa a tripa e o pollegar da direita a carne picada que nella se introduz para formar a linguiça.

**Fig. 6.** — Bater com as extremidades dos dedos, umas contra as outras, como se se quebrasse ovos batendo um no outro.

**Fig. 7.** — Precedê-lo do antecedente.

**Fig. 9.** — Fingir que se morde um pedaço de queijo que estivesse entre o pollegar e indicador.

**Fig. 10.** — Sobrepor a palma de uma mão sobre a outra, e arrastar duas ou tres vezes a superior sobre a inferior até á ponta dos dedos. Si ajuntar o signal de preto, exprime —doce—, o de vermelho exprime—groseille e o de amarello exprime — manteiga.

Completa-se o signal da figura 11 traçando com o indicador direito a fórmula de um pastel, e figurando o rolo de pão com que os pasteleiros amassão —a maça.

**Fig. 12.** — Fingir moer com a mão direita sobre a esquerda, e acrescentar-lhe o signal 19.

**Fig. 13.** — Tocar a lingua com a extremidade do indicador e juntar-lhe o signal 19.

**Fig. 14.** — Para exprimir guardanapo, ajunta-se-lhe o signal de limpar a bocca e de estendê-lo sobre os joelhos. Para exprimir toalha, fingir que se estende sobre a mesa que se figura estar diante.

**Fig. 17.** — Si fôr canivete, figura-se abri-lo. Si fôr faca, figura-se cortar.

**Fig. 18.** — Depois de se fazer com as mãos a fórmula da sopeira, ajunta-se o signal de sôpa, que consiste no de pão, e no de colher.

**Fig. 19.** — Mover os dedos retrahidos como quando se senecia, ou se espalha sal sobre um prato.



1. Boca



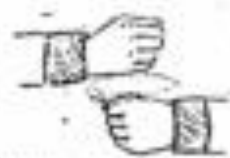
2. Frente



3. Mão



4. Mão



5. Café



6. Aguardente



7. Cereja



8. Água de Seta



9. Chapeirinho



10. Leite



11. Fuzina



12. Alente



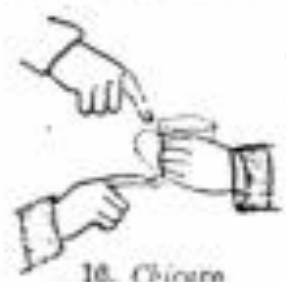
13. Vinagre



14. Garrafa



15. Copo



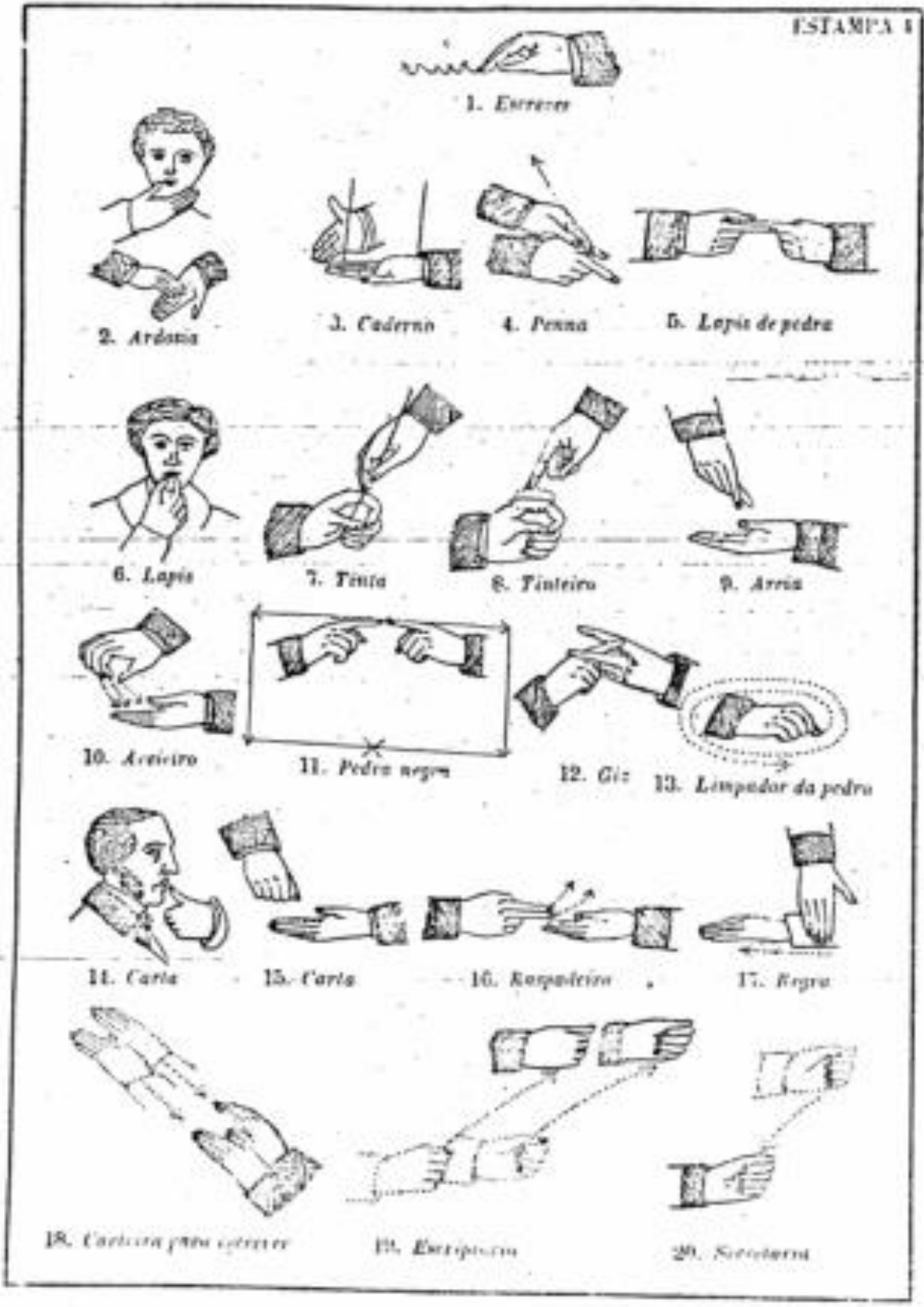
16. Chicuro



17. Borelho

## Bebidas e objectos de mesa.

- Fig. 1.**—A mesma observação da figura 1.<sup>a</sup> da estampa precedente.
- Fig. 2.**—O — V — dactylogico feito sobre a face, esfregando-a, indica a cor do vinho.
- Fig. 3.**—O indicador curvado representa a torneira, e o seu movimento representa a agua que corre.
- Fig. 4.**—Este signal representa a acção de tirar agua.  
O signal de agua varia muito, exemplo: chuva, e beber, nadar, e beber; o signal mais usado é o da figura 3.
- Fig. 6.**—Coçando a garganta com a ponta do indicador representa-se a sensação que a aguardente causa na goela.
- Fig. 7.**—É o signal de sacar rolhas. Fazendo-o preceder do da figura 2, exprime-se vinho velho.
- Fig. 8.**—Fingir apertar o piston das garrafas que contêm aguas gazosas.
- Fig. 9.**—Finge-se que a rolha salta.
- Fig. 10.**—Representa-se com o indicador esquerdo o peito da vacca e com a mão direita a acção de minger.
- Fig. 12.**—Ajunta-se o signal de *amarello*.
- Fig. 13.**—Ajunta-se o signal da figura 12.
- Fig. 14.**—Ajunta-se o de agua.
- Fig. 15.**—Faz-se menção de lavar.
- Fig. 17.**—Ajunta-se o signal de vinho.



## Objectos para escrever

- Fig. 2.—Humedecer com o halito a palma da mão esquerda, e fazer signal de a limpar com a mão direita.
- Fig. 3.—Fingir que tem um caderno sob o braço esquerdo, e mostrar com o bordo interno da mão direita as extremidades do caderno, os seus lados superiores e inferiores.
- Fig. 8.—Precede-lo do signal da fig. 7.
- Fig. 11.—Traçar um quadrilatero diante de si.
- Fig. 12.—Preceder do signal da figura 11.
- Fig. 18.—Puchar as duas mãos sobre um plano inclinado cujo ponto inferior seja o seu corpo.
- Fig. 19.—Depois de fingir que dá volta a uma chave, finge abrir com as duas mãos uma tampa em semicirculo.
- Fig. 20.—O mesmo que a precedente, porém em sentido inverso.

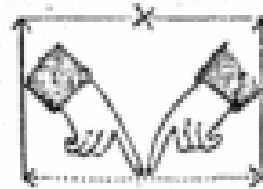




1. *Lazo*



2. *Carrete*



3. *Mojo*



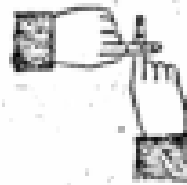
4. *Composon*



5. *Espejo*



6. *Variado*



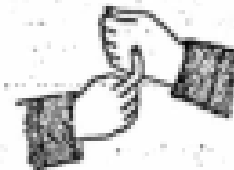
7. *Cruz*



8. *Imagen*



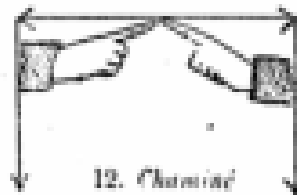
9. *Faja*



10. *Barr*



11. *Fogón*



12. *Chumino*



13. *Relojero*



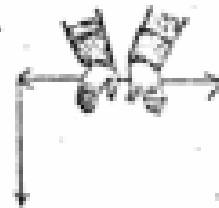
14. *Prudela*



15. *Cavista*



16. *Cavista de brazos*



17. *Tamborero*



18. *Bravo*

## Objectos da aula.

- Fig. 3.**— Depois de traçar a figura da mesa diante de si, finja escrever ou comer, conforme a applicação que a mesa tiver.
- Fig. 6.**— Levantar a mão direita, segurando o pollegar esquerdo, até á altura da cabeça, figurando o comprimento da varinha, e depois fingir bater e apontar.
- Fig. 8.**— Com o indicador percorra o contorno do proprio perfil, e depois com as mãos faça a figura de uma pequena estampa.
- Fig. 9.**— Fingir aquecer as mãos ao fogo, e depois esfrega-las.
- Fig. 10.**— Dar pancadinhas com o indicador da mão direita nas costas da mão esquerda.
- Fig. 13.**— Fingir tirar e guardar um relógio do bolso, depois de haver feito o signal precedente.
- Fig. 14.**— Fazer o signal da figura 10, e depois figurar com a mão o movimento da pendula.
- Fig. 17.**— Traçar com a mão a forma do assento da cadeira, e depois fingir sentar-se.
- Fig. 18.**— Figurar com as mãos as dimensões do banco, e depois fingir sentar-se.

ESTAMPA G



1. *Homem*



2. *Mulher*



2. *Pai, Mãe*



4. *Granga, Filha*



5. *Irmão, Irmã*



6. *Senhor, Senhora*



7. *Rapaz, Rapariga*



8. *Mestre*



9. *Professor*



10. *Criado*



11. *Servo*



12. *Padre*



13. *Bispo*

14. *Arcebispo*



15. *Comgo*



16. *Religiosa*



17. *Soldado*



18. *Cabo de espada*



19. *General*



20. *Guardama*

## Individualidade e Profissões.

- Fig. 1. — Fingir tirar o chapéo.
- Fig. 2. — Passar o indicador desde a ponta até abaixo do queixo.  
Nas oito figuras seguintes, para designar o sexo, é preciso precedel-as das 1ª ou 2ª.
- Fig. 3. — Signal de nascer.
- Fig. 4. — Fingir embalar nos braços. Elevando-se a mão da altura dos joelhos até á cabeça indica menino, rapaz, etc.
- Fig. 10. — Fingir que serve. Imprimir as mãos movimento de vaivem.
- Fig. 11. — Fingir varrer.
- Fig. 12. — Ajuntar o signal de oração, ou missa.
- Fig. 17. — Fingir que se leva a arma ao hombro.
- Fig. 19. — Ajuntar o signal de chapéo bordado.



1. Nostalgia



2. Preocupación



3. Amor



4. Gallo



5. Gallineta



6. Peró



7. Perdo



8. Paralelo



9. Pate



10. Balón



11. Curangucho



12. Logroña



13. Ostras



14. Insectos



15. Mates



16. Pochos



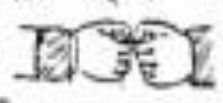
17. Pulga



18. Tetas



19. Cebra



20. Cebra

## Passaros, Peixes e insectos.

- Fig. 1. — Figurar com o indicador esquerdo um bico de passaro que o indicador direito esforça-se para abrir.
- Fig. 2. — Fazer signal de azas, ou de voar. Estes dous signaes reunidos exprimeem passaro.
- Fig. 3. — Accrescenta-se o signal 2, com os braços mais abertos.
- Fig. 5. — Accrescenta-se o signal de ovo, e o de pôr.
- Fig. 6. — Accrescenta-se o signal de fazer roda.
- Fig. 8. — Finge-se o entumescido da garganta.
- Fig. 9. — Move-se a mão para representar o peixe que nada.
- Fig. 10. — Representa-se com as mãos, tocando-se pelas extremidades dos dedos, as fauces monstruosas do cetaceo, separando-as e unindo-as para representar a acção de engulir.
- Fig. 11. — Abre-se e fecha-se o indicador e o medio das mãos em fôrma de colchetes.
- Fig. 12. — Preceder o signal 11.
- Fig. 13. — Figurar que se abre ostras, e que se come.
- Fig. 14. — Mover com os dedos sobre a mão como insectos que andão—; accrescentando-se o signal preto, e muito pequeno designa formigas.
- Fig. 15. — Accrescenta-se o signal de azas.
- Fig. 18. — Faz-se signal de arrastar-se, estirando, e encurtando os dedos.
- Fig. 19. — Descreve-se circulos com o indicador, e outro dedo indicando no antebraço o comprimento do reptil.

ESTAMPA 9



1. Grande



2. Pequeno



3. Grande



4. Pequeno



5. Grande



6. Pequeno



7. Grande



8. Pequeno



9. Grande



10. Pequeno



11. Grande



12. Pequeno



13. Grande



14. Pequeno



15. Grande



16. Pequeno



18. Pequeno



19. Grande



20. Surdo-Mudo

ESTAMPA 12

## Adjectivos

- Fig. 10. — Fingir que pede esmola.
- Fig. 11. — Dá-se no rosto apparencia agradável.
- Fig. 12. — Accrescentar á apparencia agradável, a admiração.
- Fig. 15. — Estende-se os braços com força, cerra-se os punhos, e sacode-se.
- Fig. 16. — Accrescenta-se ao signal precedente o de negação.
- Fig. 17. — Faz-se um movimento de vai-vein á direita e á esquerda.
- Fig. 18. — O mesmo signal precedente com negativa.



## Adjectivos

- Fig. 11. — Fingir que se levanta com esforço.
- Fig. 12. — O inverso do signal precedente.
- Fig. 13. — Passar a mão direita sobre a esquerda, e depois abri-la.
- Fig. 14. — Passar o indicador brandamente sobre a extremidade dos outros dedos da mesma mão, começando pelo minimo.
- Fig. 15. — Passar a mão direita sobre o braço esquerdo até á espádua. É tambem signal de — tarde — e de — muito tempo.
- Fig. 16. — Este signal feito levemente é usado, e com força é *estrangado*.
- Fig. 19. — O mesmo que na fig. 17 da estampa precedente.
- Fig. 20. Bater com o dedo médio sobre as costas da outra mão, e acrescentar o signal de negativa.
- Fig. 21. — Cór da camisa.
- Fig. 22. — Cór das sobrancelhas.
- Fig. 23. — Cór dos labios.
- Fig. 24. — Cór do Céu.
- Fig. 25. — Escrever no ar a palavra verde.

ESTAMPA 11



1. Obediente



2. Desobediente



3. Estudioso



4. Píjico



5. Casto



6. Malicioso



7. Agradable



8. Colérico



9. Sobrio



10. Guiso



11. Instruido



12. Ignorante



13. Sincero



14. Mentiroso



15. Sensato



16. Mentecapto



17. Prudente



18. Imprudente



19. Aplicado



20. Distruido

## Adjectivos (qualidades moraes).

- Fig. 2. —Preceder o signal n. 1.
- Fig. 5. —Elevar e abaixar um pouco 2 ou 3 vezes as mãos.
- Fig. 6. —Bater ligeira e fortemente os indicadores um contra o outro.
- Fig. 7. —A mão aberta sobre o rosto, e fechar-a quando tirar.
- Fig. 8. —Com os dedos dobrados esfregal-os ligeira e fortemente contra o peito, de baixo para cima.
- Fig. 9. —Fingir que come, e indicar depois o lugar do estomago.
- Fig. 10. —Fazer o signal de comer e levar a mão do estomago ao mento.
- Fig. 11. —Bater ligeiramente o meio da testa com a ponta dos dedos, e abrir a mão afastando-a.
- Fig. 12. —O signal 11 com negativa.
- Fig. 13. —Signal de coração e de verdade.
- Fig. 15. —Com a ponta do indicador tocar a testa, e estendendo a mão com o dorso para cima, deixar cabir o braço na posição natural.
- Fig. 16. —Tocar a testa com a ponta do indicador, e mover rapidamente as mãos em cima da cabeça.
- Fig. 17. —Traçar circulos com o indicador sobre a testa para indicar reflexão.
- Fig. 18. —O signal antecedente, em sentido inverso, com negativa.
- Fig. 19. —Levar rapidamente a ponta do indicador sobre a palma da mão.
- Fig. 20. —Oscilar o indicador no espaço, e acompanhar com a vista os seus movimentos.

ESTAMPA 12



1. *Aran*



2. *Aran*



3. *Orgulhoso*



4. *Modesto*



5. *Discreto*



6. *Curioso*



7. *Carajoso*



8. *Reluchado*



9. *Fidioso*



10. *Hipocrita*



11. *Pacífico*

12. *Briguento*



13. *Generoso*



14. *Avarento*



15. *Clemente*



16. *Vingativo*



17. *Inteligente*



18. *Idiota*



19. *Silencioso*



20. *Faltante*

## Adjectivos.

1. — Com semblante de riso.
2. — Depois do signal — de bom — mover a cabeça com signal de negativa: cruzar rapidamente os braços sobre o peito.
3. — Inclinár um pouco a cabeça, e cruzar delicadamente as mãos sobre os peitos.
4. — Fingir procurar, depois fazer o signal de negativa, e depois o de silencio, voltando um pouco a cabeça.
5. — Arregalar os olhos, e com as mãos fazer rapidamente um circulo diante dos olhos.
6. — Bater com o punho sobre o coração, e arremessar as mãos para frente.
7. — Fingir recuar tremendo com as mãos.
8. — Bater sobre o coração com a palma da mão direita, e arremessal-a para o lado direito, estendida horizontalmente.
9. — Ajuntar o signal de mentiroso.
10. — Rir, movendo as mãos brandamente de cima para baixo, e cruzando-as sobre o peito.
11. — Dar ás mãos o movimento de vai-vem, apoiando os indicadores um contra o outro.
12. — Ajuntar o signal de perdão.
13. — Fingir receber e dar um sóco.
14. — Bater na testa com o indicador, e dar vivacidade aos olhos.
15. — Ajuntar ao signal precedente a negativa.



ESTAMPA 13



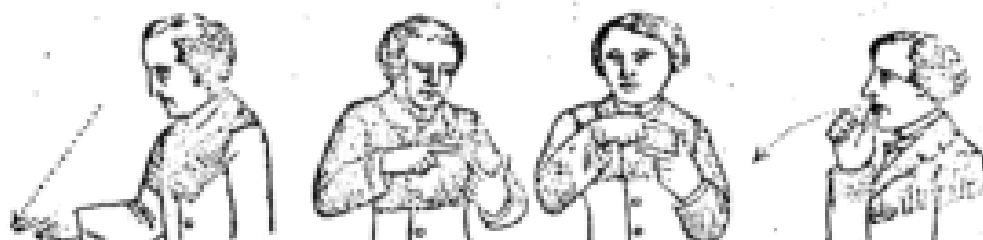
1. Eu 2. Tu 3. Elle 4. Nós 5. Vós 6. Elles



7. Meu 8. Teu 9. Seu 10. Todos



11. O 12. Quem, Que 13. Cada um 14. Este 15. Aquelle 16. Aquello 17. Algum

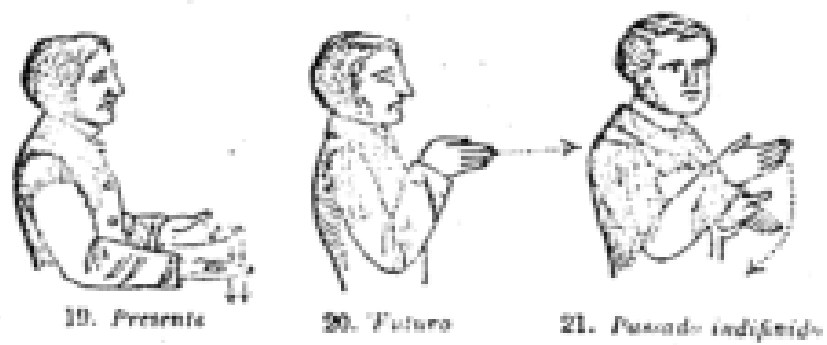
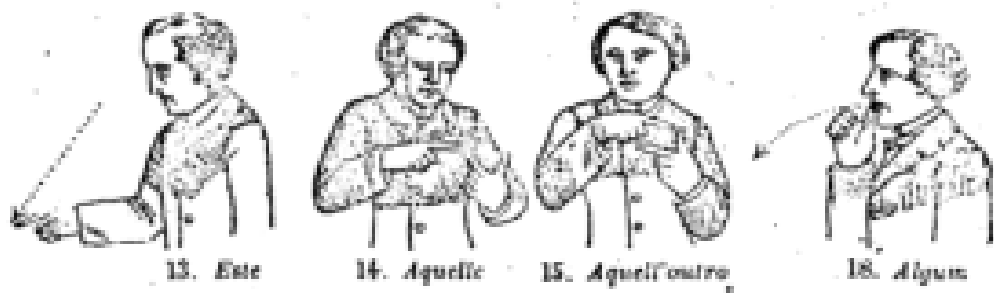
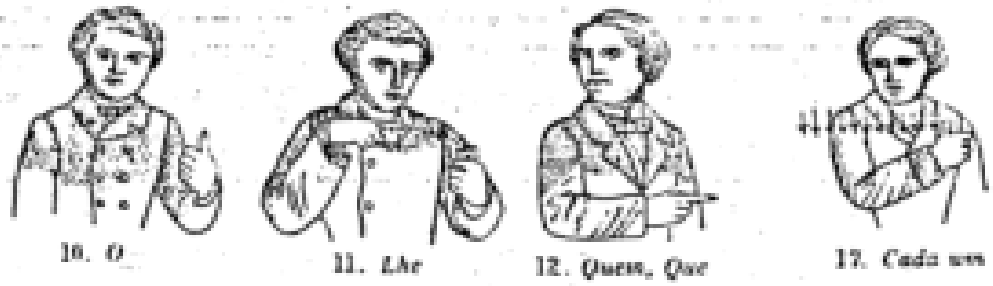
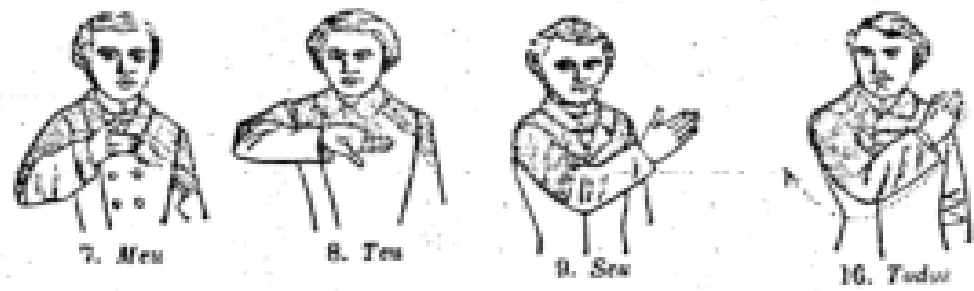


18. Presente 19. Futuro 20. Passado indifinido 21. Presente



22. Presente 23. Futuro 24. Passado indifinido

ESTAMPA 13







## Pronomes, e os 3 tempos absolutos do indicativo

- **Fig. 10.**—Os pronomes que servem de regimen, são figurados pelo polegar esquerdo, e os que servem de sujeitos pelo polegar direito.
- **Fig. 11.**—Bater a ponta do indicador direito contra o polegar esquerdo.
- **Fig. 16.**—Dar um movimento circular, da direita para a esquerda, á mão direita, figurando o T dactilologico.
- **Fig. 17.**—Com a mão fechada, menos o polegar, corre-se aos saltos da direita para a esquerda.
- **Fig. 18.**—Tocar os dentes incisivos com o polegar, e atiral-o com força para diante.
- **Fig. 19.**—Signal de agora.
- **Fig. 20.**—Impellir as mãos para diante.
- **Fig. 21.**—Deixar cair a mão direita de alto para baixo, roçando as cabeças dos dedos da outra mão.

## ESTAMPA 14.

1. *Abandonar*2. *Comprar*3. *Adorar*4. *Amar*5. *Ir*6. *Permitir*7. *Levar*8. *Esperar*9. *Advertir*10. *Ter*11. *Confessar*12. *Repellar*13. *Ocultar*14. *Acostar*15. *Mudar*16. *Procurar*17. *Comparar*18. *Comprender*19. *Corregir*20. *Tensar*

## Verbos

Os signaes dos verbos consistem em imitar a acção que elles exprimem.

- Fig. 1.**—Fechar as mãos como quem segura alguma coisa, e abril-as repentinamente como o movimento de quem repelle.
- Fig. 2.**—Fazer o signal de dinheiro, depois o de dar com a mão direita, que se conserva estirada, em quanto a esquerda faz a acção de receber e guardar.
- Fig. 3.**—Fingir com os dedos que ajoelha-se, e depois fazer o signal de profundo respeito abaixando a cabeça e as mãos, da testa até os joelhos.
- Fig. 5.**—Fazer girar os indicadores um sobre o outro. Quando avança diz-ir, quando recua diz-uir.
- Fig. 8.**—Mover ligeiramente com os dedos dobrados.
- Fig. 10.**—Idéa do posse. As duas mãos sobem até o peito em que toco.
- Fig. 12.**—Bater com força sobre o dorso dos dedos da mão esquerda com a outra mão.
- Fig. 14.**—Bater leve e ligeiramente sobre a face, e fingir que faz o mesmo em outra pessoa.
- Fig. 15.**—Voltar ligeiramente a mão de cima para baixo.
- Fig. 17.**—Metter o indicador direito entre o indicador e o médio esquerdo.
- Fig. 18.**—Bater com força a testa com o indicador.
- Fig. 19.**—O indicador, afastado da testa, descreve circulos.
- Fig. 20.**—Bater com a mão sobre o coração, e depois recuar com semblante inquieto.

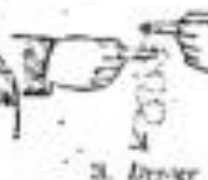
ESTAMPA 15



1. Crear



2. Cerr



3. Deser



4. Deser



5. Der



6. Dier



7. Hirer



8. Aferar



9. Aferar Cuper



10. Esperer



11. Estinar



12. Ser



13. Gocher



14. Reprehender



15. Morcer



16. Nunciar



17. Ordonar



18. Repartir



19. Partir



20. Pensar

## Verbos

- Fig. 1.**—Precedido de signal 17, indica criar.
- Fig. 2.**—O indicador desce da testa ao queixo, a cabeça faz o signal de assentimento.
- Fig. 3.**—Rolar os indicadores um sobre o outro.
- Fig. 4.**—Retrahir as mãos sobre o coração, tendo os dedos dobrados.
- Fig. 5.**—Bater muitas vezes com o indicador dobrado; voltado para abaixo tambem é signal de—*é necessario*.
- Fig. 8.**—Deixar cahir as mãos e afustal-as para os lados,
- Fig. 10.**—Passar a mão direita levemente sobre o braço esquerdo, e dar ao rosto e expressão de confiança.
- Fig. 11.**—Fingir ver e designar alguém com grande consideração, e depois fazer o signal de bem.
- Fig. 12.**—Fazer com a cabeça o signal de assentimento, deixar cahir a mão, tendo o indicador e o médio afastado em fórma de V.
- Fig. 13.**—Escorregar a mão direita meio fechada sobre a palma da mão esquerda, desde a ponta dos dedos até o punho.
- Fig. 15.**—O indicador direito, partindo da espadua direita, cahe sobre o indicador esquerdo, ao mesmo tempo inclina-se a cabeça para um lado.
- Fig. 16.**—Bater um dos lados do indicador esquerdo com o indicador direito.
- Fig. 17.**—Levar o indicador do labio para o alto, e abaixal-o rapidamente.
- Fig. 18.**—Fingir cortar com o bordo da mão direita sobre a palma da mão esquerda.
- Fig. 19.**—Bater com força o braço direito contra a mão esquerda aberta.
- Fig. 20.**—Traçar circulos na testa com o indicador.

## Verbos.

- Fig. 1.—Impellir as mãos fechadas para baixo.
- Fig. 2.—Mover alternativamente diante de si com as mãos, tendo a face dorsal para baixo.
- Fig. 3.—Atirar com as mãos sobre os hombros, tocando-os levemente por diversas vezes.
- Fig. 5.—Deixar cahir a mão direita sobre o punho esquerdo.
- Fig. 7.—Fazer os signaes de applaudir, de coróar e de decorar.
- Fig. 8.—Calcar a palma da mão sobre o coração. Traçar repetidos circulos. É tambem signal de—*prazer* e de—*estar contente*.
- Fig. 9.—Mover os braços repetidas vezes para diante.
- Fig. 10.—Fingir que derrama um liquido, e depois fazer signal de estar cheio.
- Fig. 11.—Com as sobrancelhas fruzidas e ar satisfeito, impellir as mãos abertas para diante.
- Fig. 13.—Bater levemente e muitas vczes a testa com as pontas dos dedos. Batendo uma só vez é—*conhecer*, e mais de uma vez acompanhada da exclamação *ah!* é—*reconhecer*.
- Fig. 14.—Bater muitas vezes com o dedo no cotovello esquerdo com semblante provocador.
- Fig. 16.—Repetir o signal de procurar, e depois levantar a cabeça bruscamente e fazer o signal 18.
- Fig. 17.—Fingir que tem alguma coisa na mão, e movel-a como quem vende em leilão.
- Fig. 18.—É o signal de olhar.
- Fig. 20.—Precipitar a mão para baixo com ar resolutivo.

ESTAMPA 17



1. Dia 2. Manhã 3. Meio-dia 4. Tarde 5. Noite



6. Homem



7. Hoje



8. Amanhã



9. Semana



10. Mês



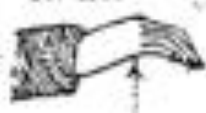
11. Anno



12. Pouco



13. Bastante



14. Muito



15. Algumas vezes



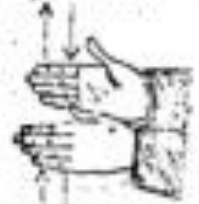
16. Muitas vezes



17. Sempre



18. Nunca



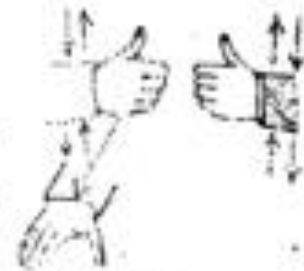
19. Talvez



20. Também



21. Mais de uma vez



22. Nem sempre



23. O mais



## Adverbios

- Fig. 1.**—Levantando a cabeça.
- Fig. 2.**—Abaixando a cabeça com os olhos fechados.
- Fig. 3.**—Sol que sae.
- Fig. 4.**—Sol no zenith.
- Fig. 5.**—Sol que se põe.
- Fig. 7.**—Ajuntar o signal de *presente*, ou de *agora*.
- Fig. 12.**—Mover ligeiramente o polegar tocando a ponta do indicador.
- Fig. 13.**—Passando successivamente, e successivamente os outros dedos.
- Fig. 16.**—Abrir e fechar vivamente as duas mãos.
- Fig. 17.**—Descrever circulos com o indicador, avançando.
- Fig. 18.**—O dedo minimo traça uma cruz no ar.



1. Sobre



2. Sob



3. A



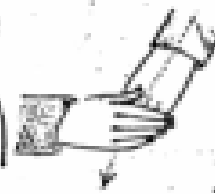
4. De



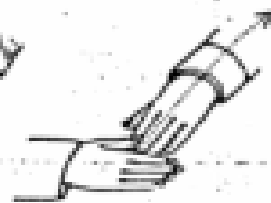
5. Diante



6. Atrás



7. En



8. Fuera, excepto



9. Con



10. Sin



11. Perro



12. Longo



13. De redre



14. Entre



15. Entre



16. No más



17. No más



18. No más



19. No más



20. Una cosa de

## Preposições

- Fig. 1.**—A mão direita move-se sobre o dorso da esquerda.
- Fig. 2.**—O contrario do precedente.
- Fig. 3.**—Indireitar o indicador lançando a mão para diante.
- Fig. 4.**—Fingir dar do lado direito, com a mão direita voltada.
- Fig. 6.**—Tocar os dorsos das mãos.
- Fig. 11.**—Approximar duas ou tres vezes a mão do lado externo do ante-braço.
- Fig. 15.**—Metter muitas vezes o indicador direito entre os dedos da esquerda.
- Fig. 20.**—Com o signal 7 se diz *em casa de*.





1. Oh!



2. Ah!



3. Ai! de mim



4. Que?



5. Meu Deus!



6. Praza ao Ceo!



7. Praza ao Ceo!



8. Justo Ceo!



9. Fi!



10. Horror!



11. Oh! terror!



12. Oh! dor!



13. Maldico!



14. Que é isto?



15. Saude



16. Não



17. Não



18. Está bem

## Preposições e conjunções

- Fig. 1.**—A mão figurando o—d— dactilologico parte da espadua e chega ao peito.
- Fig. 2.**—O dedo minimo direito é impellido para diante.
- Fig. 3.**—Impellir a mão com um movimento brusco, e um pouco para o lado.
- Fig. 4.**—Impellir a mão bruscamente para diante.
- Fig. 5.**—Mover simultaneamente as mãos figurando—p—dactilologico.
- Fig. 6.**—Impellir duas ou tres vezes a mão para diante.
- Fig. 9.**—Bater levemente a palma da mão com os dedos reunidos — Fortemente, de uma só vez diz —ainda—
- Fig. 10.**—Movimento rapido das mãos na direcção indicada na figura.
- Fig. 14.**—Tocar com os polegares as pontas dos indicadores, e dar áquelles movimentos rapidos como de quem dá piparotes.
- Fig. 17.**—Abaixar e levantar alternativamente as mãos.
- Fig. 18.**—O mesmo movimento do antecedente signal, com a differença da posição dos dedos.

## Interjeições e interrogações

As interjeições não carecem de explicação. No rosto de quem as emprega se manifesta mais ou menos claramente o sentimento que as inspira. O surdo-mudo é insigne neste ponto de linguagem.

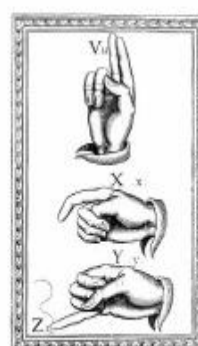
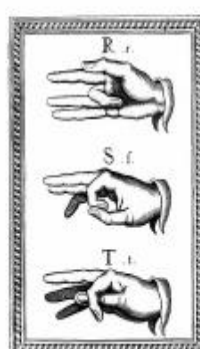
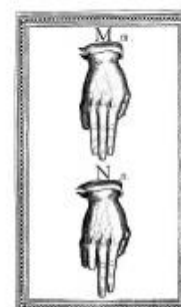
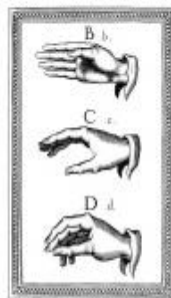
A figura 14 diz: que, qual, quem. Juntando-se-lhe o signal 15—tem-se a pergunta: como passa de saúde? Juntando-se-lhe o signal de hora—a pergunta: que horas são?

É claro que sem a expressão do rosto todos os signaes serão obscuros e inintelligiveis.

## ANEXO 2: Parte do livro de Juan Pablo Bonet

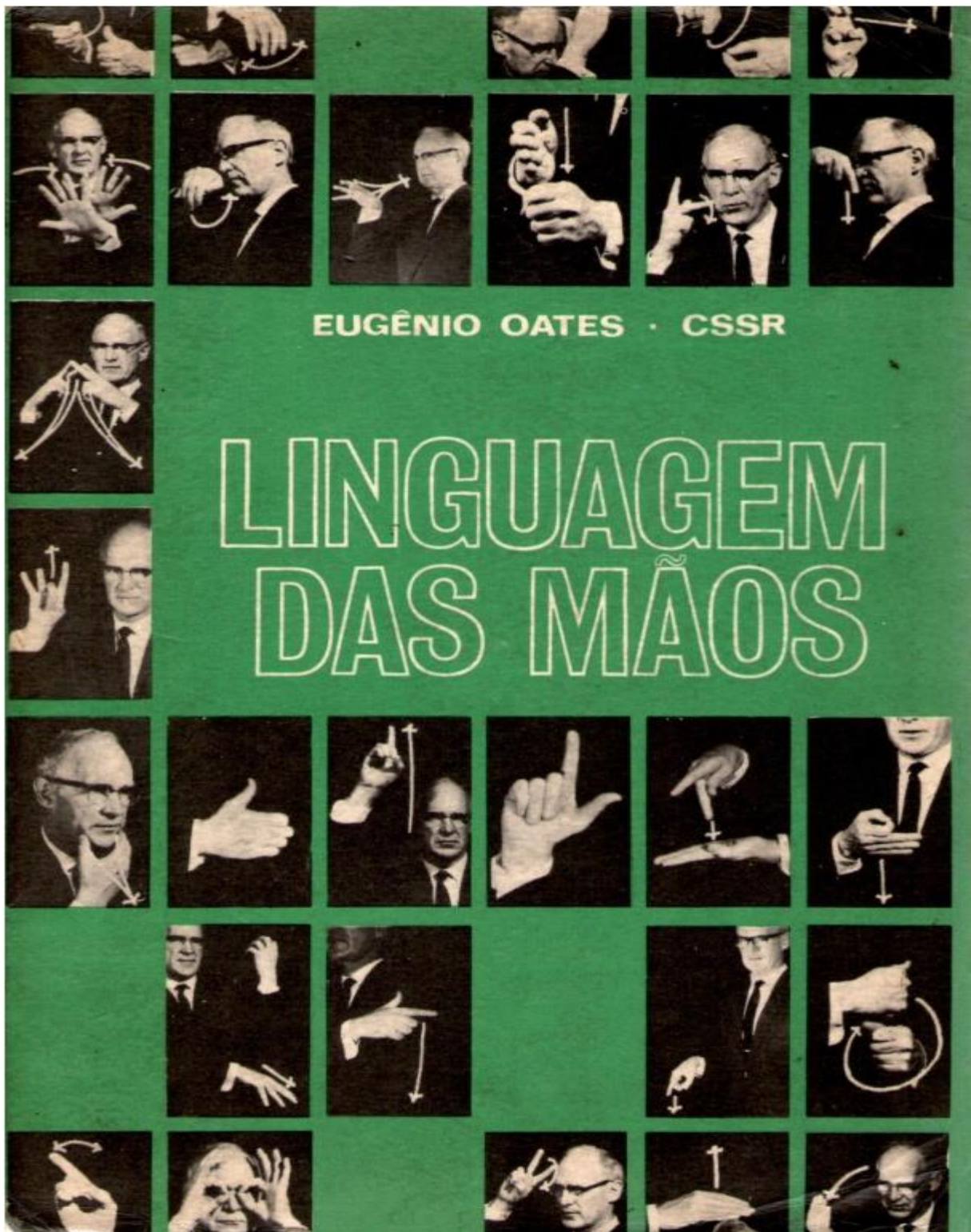
Juan Pablo Bonet  
1579-1620

Publicou o primeiro livro sobre surdos com o título  
“Reduccion de las letras y arte para enseñar a hablar a los mudos”,  
onde apresenta a ilustração de alfabeto manual. Disponível em  
<http://www.cervantesvirtual.com/porta/signos/index.html>





ANEXO 3: Dicionário Linguagem das Mãos



## APRESENTAÇÃO

Honrado com o convite do amigo Padre Eugênio para apresentar o presente livro, aos meus irmãos surdos, expresso primeiramente os melhores sentimentos de admiração e de gratidão pelos seus altos propósitos de ajudar os surdos na sua comunicação.

Passando aos trabalhos do Padre Eugênio, posso asseverar que foram feitos com a preocupação de dar a todos os surdos brasileiros a grande felicidade de poderem viver unidos entre si, através de compreensão mútua. É este volume o resultado da união de linguagens mímicas usadas em vários ambientes do Brasil.

Antes de organizar este dicionário de mímica o nosso amigo, Padre Eugênio, realizou exaustivas pesquisas pelo território nacional, colecionando gestos nos lugares onde conviveu com os surdos.

As mímicas escolhidas e colocadas neste manual resultaram do número maior de gestos parecidos. Alguns gestos não existentes no Brasil e presentes neste livro, visaram completar e dar exata expressão do pensamento.

Não houve escolha das mímicas com desejo de agradar mais a um grupo de surdos que a outro. A escolha foi feita cuidadosamente e após acurados estudos. Houve, também, consultas a surdos e a professores mais conhecedores da linguagem gestual.

Este livro levou muito tempo para ser elaborado. Entretanto, ninguém pensou, nem pensa, que é o último trabalho no gênero. É apenas o começo de outros trabalhos e de esforços de todos, para formar, futuramente um livro mais completo sobre o assunto.

Um sonho dos surdos no mundo inteiro é que apareça no futuro um livro de mímica internacional. Já houve tentativas para organizar tal



livro e há esperanças de que, muito em breve, tal esforço venha a ser concretizado.

Espero que este livro preste aos surdos os serviços que os elevados sentimentos de solidariedade humana ditaram ao seu autor.

*Padre Vicente de Paulo Penido Burnier*

Chanceler e Secretário da Cúria Metropolitana da Arquidiocese de Juiz de Fora Estado de Minas Gerais.

#### APRESENTAÇÃO

Hortado com o convite do amigo Padre Eugênio para apresentar o presente livro, aos meus irmãos surdos, expressei primeiramente os meus sentimentos de admiração e de gratidão pelos seus altos propósitos de ajudar os surdos na sua comunicação.

Passando aos trabalhos do Padre Eugênio, posso assegurar que foram feitas com a preocupação de dar a todos os surdos brasileiros a grande felicidade de poderem viver unidos entre si, através de compreensão mútua. É este volume o resultado da união de linguagens mímicas usadas em vários ambientes do Brasil.

Antes de organizar este dicionário de mímica o nosso amigo Padre Eugênio realizou exaustivas pesquisas pelo território nacional, coletando dados nos lugares onde conviveu com os surdos.

As mímicas escolhidas e colocadas neste manual resultaram do número maior de gestos praticados. Alguns gestos não existentes no Brasil e presentes neste livro, foram completados e dar exacta expressão do pensamento.

Não houve escolha das mímicas com desejo de guardar mais a um grupo de surdos que a outro. A escolha foi feita cuidadosamente e após estudos extensos. Houve também consultas a surdos e a professores mais conhecedores da linguagem gestual.

Este livro levou muito tempo para ser elaborado. Entretanto, não quem pensar, sem pensar, que é o último trabalho no gênero. É apenas o começo de outros trabalhos e de esforços de todos, para formar, futura-mente um livro mais completo sobre o assunto.

Um sonho dos surdos no mundo inteiro é que aparezca no futuro um livro de mímica internacional. Já houve tentativas para organizar tal

### PREFÁCIO DO AUTOR

*A linguagem de gestos, de mímica, é basicamente, uma linguagem natural e universal. É o primeiro idioma que aprendemos nos braços de nossa mãe. Durante toda a vida usamos as mãos fazendo gestos e sinais para expressar nossas idéias com mais ênfase e clareza e tal hábito é tão natural como chorar ou rir.*

*No mundo silencioso dos surdos vemos a grande necessidade e utilidade da linguagem-mímica. Por meio de gestos e mímica uma criança surda começa a compreender as coisas. É o início do caminho longo e árduo para tal criança ser finalmente uma "surda-falante." O surdo que não consegue falar, por uma razão ou outra, chama-se "surdo-mudo", mas, mesmo assim, "fala" com as mãos e "ouve" com os olhos. Suas mãos pintam quadros dos seus pensamentos ou idéias. Mesmo quando não existe mímica de uma certa palavra, o surdo-mudo pode transmitir essa palavra parafraseando-a com outra mímica ou usando o alfabeto manual.*

*A beleza da linguagem falada depende muito da articulação e do tom da voz. Igualmente, a beleza da linguagem-mímica depende do movimento rítmico das mãos e da maneira de se expressar as idéias. Movimentos desnecessários e expressões faciais exageradas devem ser evitados. Os gestos devem ser feitos suavemente e com uma certa calma e continuidade.*

*É certo que, por outro lado, podem e devem ser usadas expressões faciais que ajudam a comunicação da palavra: um olhar interrogativo no caso de uma pergunta, um olhar alegre para demonstrar alegria ou um olhar triste para expressar uma tristeza.*

*Certas mímicas, entretanto, se fazem com mais força e rapidez para melhor acentuar a idéia. Assim, colocar levemente o indicador da mão*



*direita em letra "D" nos lábios significa: "silêncio", e o mesmo gesto, feito com rapidez e olhar de reprovação, significa: "cale a boca!"*

*A linguagem mímica constitui uma comunicação relâmpago. Para se dizer, por exemplo: "Você pretende ir à festa hoje a noite?", o surdo-mudo, em três sinais mímicos, diz a mesma coisa mais resumidamente: "Vai festa noite?". Do mesmo modo, indica-se a profissão de alguém em frases relâmpagos, fazendo-se a mímica do verbo ou do substantivo que identifica a profissão e, a seguir, fazendo-se a mímica de "homem" ou a mímica de "mulher". Assim, "alfaiate" faz-se a mímica de "costurar" e a mímica de "homem" que quer dizer: "homem costurar" que significa "alfaiate" e, "cozinheira", faz-se a mímica de "cozinhar" e a mímica de "mulher" que quer dizer "mulher cozinhar" que, finalmente, significa "cozinheira".*

*No decorrer da leitura deste livro, o leitor notará que algumas palavras têm como sinônimo outras, cujo significado não tem rigorosa correspondência à palavra principal. Gostaria, pois, de esclarecer que na linguagem dos surdos-mudos, recorre-se à expressão manual para, com uma única mímica, dizer-se várias palavras, isto é, o gesto é o mesmo com vários significados, conforme a frase, a idéia ou a maneira de expressão.*

*Como exemplo posso citar a palavra velho onde aparecem os sinônimos "antiquado", "obsoleto", "muito usado". Conquanto o seu sentido, as vezes, pode guardar certa distância, o gesto, na linguagem mímica, é único, pois, tanto vale o mesmo gesto para se dizer "carro velho", "móvel obsoleto", "casa dos velhos" como para se dizer "pessoa idosa", "velhinho", ou "sapato muito usado". O gesto é o mesmo, significando vários sentidos.*

*Da mesma forma, vale a explicação para a palavra paciência onde aparecem os sinônimos "agüentar", "sofredor" e "conformado".*

*Sempre se pode, também, recorrer à soletração de uma palavra. É muito aconselhável soletrar devagar, formando as letras com nitidez. Entre as palavras soletradas é melhor fazer uma pausa curta ou mover a mão direita aberta para o lado esquerdo, como se se estivesse empurrando a palavra já soletrada para o lado.*

*Na linguagem falada há regionalismo no Brasil, isto é, certas palavras são mais usadas em uma região do que em outras. A mesma palavra, também, pode variar na sua pronúncia de região para região. Os surdos*



adultos, egressos das escolas ou como membros de associações e clubes esportivos, sabem que existe "regionalismo" na linguagem-mímica do Brasil. Há sinônimos de uma palavra falada. Há, também, sinônimos da mímica, isto é, um jeito pouco diferente para fazer o gesto da mesma palavra.

Com o auxílio de muitos surdos, peritos nesta linguagem das mãos, estou apresentando neste livro um vocabulário funcional da mímica, que entendo ser mais significativa da idéia ou da palavra.

O objetivo principal dêste manual é, simplesmente, o de ajudar os surdos-mudos brasileiros a terem um melhor entrosamento na sociedade e que haja um melhoramento contínuo na sua vida social, educacional, recreativa, econômica e religiosa. É, também, minha esperança que o livro seja útil a todos aquêles que têm contato com os surdos.

Muitos surdos-mudos, surdos-falantes e pessoas ouvintes auxiliaram-me na confecção desta obra e encorajaram-me a publicá-la em prol dos surdos. Aprecio especialmente a colaboração valiosa e constante do meu amigo surdo, Pe. Vicente de Paulo Penido Burnier. A êle e a todos estendo os meus sinceros agradecimentos. Deus lhes pague!

No Evangelho segundo São Marcos (C. 7, 31/37), constatamos como Jesus, certo dia, se comunicou com um surdo-mudo por meio de gestos ou mímica quando, olhando para o céu, tocou-lhe a língua e os ouvidos e disse-lhe: "ÉFETA"!, isto é, "ABRE-TE!" Abriam-se imediatamente os seus ouvidos e soltou-se o nó da sua língua e falava corretamente".

Oxalá êste livro seja para os surdos-mudos um eco distante daquela palavra milagrosa do Divino Mestre: "ÉFETA!"

Eugênio Oates, C.S.S.R.



**APOSTAR — (33) —** Mãos em forma da letra "A", palmas para dentro, em posição horizontal. Baixar as mãos enèrgicamente, simulando duas pessoas fazendo uma aposta, colocando o seu dinheiro na mesa. (Aposta).



**APRENDER — (34) —** Colocar a mão direita em "S" no alto da testa, palma à esquerda. Abrir um pouco a mão e fechá-la duas vèzes.



**APRESENTAR — (35) —** Colocar as mãos abertas, palmas para cima, ao lado esquerdo do tronco e em seguida elevá-las numa curva em frente do tronco. (Introduzir).



**ARAR — (36) —** Passar para frente a beira da mão direita aberta ao longo da palma esquerda, virando um pouco a palma direita para baixo, indicando como o disco do arado vira a terra. (Lavar, sulcar, cultivar, agricultural).



**ARRASTAR — (37) —** Estender as mãos abertas, palmas para baixo, no lado esquerdo, fechando-as com fôrça em forma da letra "S" e levando-as para frente.





**ASSOBIAR — (38)** — Unir as pontas do indicador e polegar direitos diante da boca, movendo a mão para dentro e para fora e, ao mesmo tempo, simular alguém assobiando.



**ASSUSTAR — (39)** — Bater as mãos abertas sôbre o peito, levando-as para cima. (Susto, pavor, comoção, apreensão, sobressalto).



**ATIRAR — (40)** — Simular alguém jogando uma pedra ou apertando o gatilho de um revólver com o indicador direito.



**ATRASAR — (41)** — Traçar um círculo com o indicador direito ao redor do dorso do pulso esquerdo, imitando o ponteiro do relógio. (Retardar, atraso, demora, retardamento, delongar).



**AUMENTAR — (42)** — Afastar as mãos abertas para os lados opostos, parando-as várias vezes, indicando o aumento. (Acréscetar, amplificar, progredir, engrandecer, aumento).





**GOSTAR DE — (171) —** Comprimir a mão direita aberta contra o peito. (Gôsto, simpatizar, simpatia, aprovar, gôzo, agrado, satisfação, agradável).



**NÃO GOSTAR — (172) —** Fazer o sinal de "gostar de" e logo depois afastar a mão direita ligeiramente para o lado. (Desgôsto, desgostar, descontente, desagradar, repugnância, aversão, desgostoso, insatisfeito, antipatia, antipático).



**GOVERNAR — (173) —** Mão direita em "C" na posição da foto. Traçar uma faixa do ombro esquerdo até o quadril direito. (Govêrno, ministério, administração, regime, governança).



**GRITAR — (174) —** Mão direita em "V" curvado, palma para dentro, diante da boca. Elevar a mão em uma curva para frente. (Grito, bradar, brado, berrar, falar alto, vociferar, gritaria, clamor).



**GUARDAR — (175) —** Mãos na posição da foto. Mover a mão direita por baixo e além da esquerda. (Conservar).



**HAVER** — (176) — Fazer a letra “H” e colocar a mão no peito, palma virada para dentro. (Há).



**IMPRIMIR** — (177) — Mãos postas e viradas em posição horizontal. Afastar a mão de cima, começando pela parte posterior da palma. Repetir o gesto. (Impresso, imprensa, publicar, estampar).

**INSISTIR** — (178) — Fazer os sinais de “querer” e “muito”.



**INVENTAR** — (179) — Mão direita em “D”, palma para a esquerda. Encostar o lado do indicador na testa, elevar a mão, virando a palma para trás. (Imaginar, invenção, inventivo, inventor).



**IR** — (180) — Mão direita em “D”, apontando para baixo, diante do tronco, palma para dentro. Afastar a mão, virando o indicador para a frente. (Sair, partir, dirigir-se, ida, partida, saída).